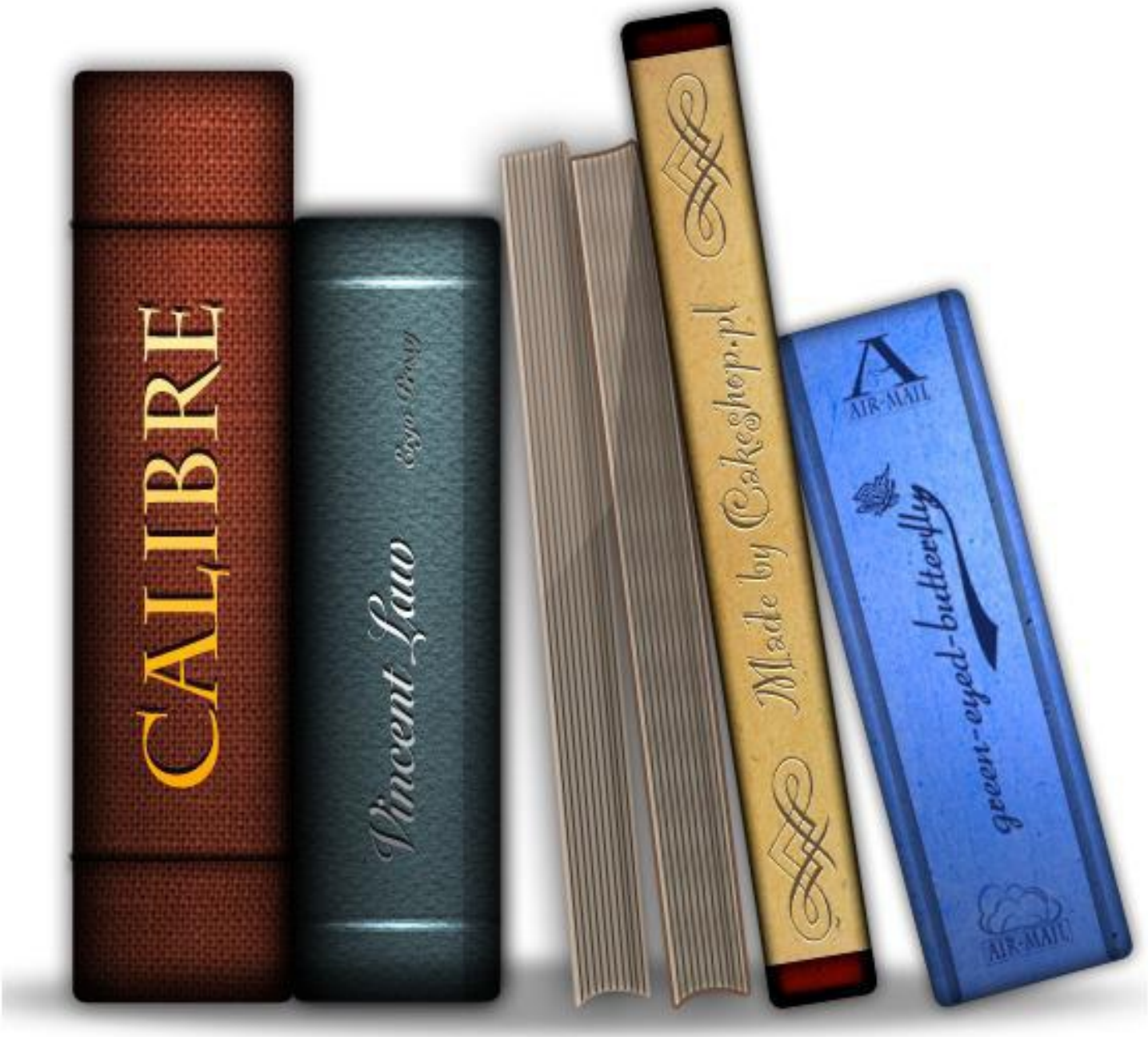
Cães De Guerra

Frederick Forsyth



calibre 0.8.0

OS CÃES DA GUERRA

Frederick Forsyth

O cheiro de pólvora, a exaltação arrebatadora da batalha, a liberdade de escolher o local da luta - eis a razão da existência para “Cat” Shannon. Pois Shannon era um mercenário. Na sua obscura profissão, repleta de perigos, os homens combatem a soldo por povos e causas que os atraem. O plano concebido por Sir James Manson atraiu Shannon.

Somente um magnata venal como Sir James poderia ter concebido
semelhante plano, e apenas um homem com os conhecimentos e a audácia de Shannon poderia levá-lo a cabo. Shannon dispunha de cem dias.

Cem dias para se apoderar de uma república.

A ação deste fascinante romance de Forsyth desenrola-se a uma
velocidade vertiginosa e decorre tanto nas capitais financeiras da Europa como no
coração da África, apresentando um surpreendente e apaixonante desenlace.

PRIMEIRA PARTE

A Montanha de Cristal

CAPÍTULO UM

NAQUELA noite não brilhavam estrelas nem luar sobre a pista de
aterrissagem do mato; apenas o negrume da África Ocidental envolvia, como veludo tépido e úmido, os grupos dispersos. Os homens rezavam para que o manto de

nuvens que se estendia sobre as copas das árvores se mantivesse, a fim de os proteger dos bombardeiros.
No fim da pista, o velho DC-4, que aterrara orientado pelas luzes de sinalização, as quais apenas haviam permanecido acesas durante quinze segundos, virou e avançou ruidosamente às cegas, em direção as cubatas de telhados de folhas de palmeira.
Entre duas das cubatas, cinco brancos, encolhidos num Land-Rover, observavam atenta e silenciosamente os recém-chegados inesperados. O mesmo pensamento ocupava o espírito destes homens: se não fugissem daquele enclave em desagregação antes que as forças federais percorressem os poucos quilômetros que as distanciavam deles, não sairiam desse refúgio vivos. Constituíam o último grupo de mercenários que combatera pela parte vencida. O piloto deteve o avião a vinte metros de um Constellation que já se encontrava na pista e saltou em terra. Um africano foi ao seu encontro. Após trocarem algumas palavras em voz baixa, dirigiram-se ambos para um grupo de homens que estava junto à orla do palmar. O grupo deu-lhes passagem até que o piloto ficou frente a frente com o indivíduo que se encontrava ao centro. O piloto
reconheceu nele o homem que viera procurar.
- Sou o capitão Van Cleef - apresentou-se em inglês, com sotaque africânder.
O africano assentiu, e a barba roçou-lhe a frente do uniforme camuflado.
- Noite perigosa para voar, capitão - observou secamente

-, e um pouco tarde para trazer mais provisões. Ou veio talvez por causa das crianças? A sua voz era profunda e arrastada e o seu sotaque mais próprio de um homem educado num colégio inglês, o que de fato acontecera, do que de um africano.
- Vim buscá-lo. Se quiser ir, evidentemente.
- Compreendo. Foi o seu governo que o mandou?
- Não - respondeu Van Cleef. - A idéia foi minha.
O africano assentiu lentamente com a cabeça.
- Estou muito grato. Deve ter sido um vôo difícil. Mas tenho o meu próprio transporte, o Constellation, que espero me leve para o exílio.
Van Cleef sentiu-se aliviado. Não imaginava o que lhe estaria reservado se regressasse a Libreville com o general.
- Espero até que levante vôo e parta - disse. Embora lhe agradasse apertar a mão do general, como não sabia se deveria fazer, virou as costas e regressou ao seu avião.

- Porque um africânder faria uma coisa destas, meu general? - perguntou um dos negros, rompendo um prolongado silêncio.
- Parece-me que nunca saberemos - respondeu o general com um breve sorriso, enquanto acendia um cigarro, a chama bruxuleante iluminou distintamente um rosto conhecido em meio Mundo.

No limiar de um exílio que sabia de antemão solitário e humilhante, o general conservava a sua autoridade. Durante dois anos e meio, e por vezes exclusivamente devido à sua forte personalidade, mantivera unidos

milhões dos seus compatriotas - acossados, sitiados, famintos, mas indomáveis. Embora os seus inimigos lhe tivessem contestado a autoridade, poucos dos que ali tinham estado alimentavam dúvidas sobre ela. Mesmo depois de derrotado, quando o seu automóvel atravessara a última aldeia antes da pista de aviação, os aldeãos tinham-se postado ao longo da estrada enlameada para proclamarem a sua lealdade. Este homem que o Governo Federal queria ver morto ia partir agora porque o seu povo receava que as represálias fossem muito mais violentas se ficasse.

A seu lado, e dominado pela elevada estatura do general, encontrava-se o seu confidente, o Dr. Okoye. O professor decidira permanecer na zona, oculto no mato, até a primeira vaga de represálias terminar. Os dois homens haviam combinado deixar passar pelo menos seis meses antes de tentarem estabelecer qualquer contato entre si.

Os mercenários brancos do Land Rover seguiram com o olhar o piloto que regressava ao avião.

- Deve ser o sul-africano - observou o comandante, que se encontrava sentado ao lado do motorista, um jovem negro com insígnias de tenente, depois se voltou para um dos quatro homens da retaguarda e acrescentou: - Janni, vá perguntar se arranja lugar para nós.

Um homem alto e ossudo, com uniforme camuflado, desceu da retaguarda do veículo e ajustou o barrete.

- Trata de convencê-lo, hem? - insistiu o comandante. – Se não

escaparmos daqui nos arriscamos a ser feitos em

pedaços.
Janni encaminhou-se para o DC-4, sem que o capitão Van Cleef o ouvisse aproximar-se.
- Naand, meneer.
O piloto virou-se rapidamente ao ouvir as palavras em africânder. Depois de avaliar a estatura do seu interlocutor e de reparar no emblema com uma caveira e duas tíbias cruzadas que o mesmo ostentava no ombro esquerdo, perguntou, cauteloso:
- Naand. Jy afrikaans?
O homem fez um gesto de assentimento e disse, estendendo a mão:
- Jan Dupree. Waar gaan-jy nou?
- Vou para Libreville logo que eles acabem de carregar. E você?
- Eu e os meus companheiros estamos um pouco enrolados - respondeu Janni, sorrindo. - Se os federais nos apanham, vão nos liquidar com certeza. Pode ajudar-nos a sair daqui?
- Quantos são? - perguntou Van Cleef.
- Cinco, ao todo.
Como mercenário que era, Van Cleef não hesitou:
- Embarquem, mas sejam rápidos. Assim que o Constellation decolar, decolamos também.
Dupree agradeceu com uma inclinação de cabeça e regressou rapidamente ao Land-Rover.
- Está tudo arranjado, mas temos de ir para bordo.
- Ótimo. Deixem a “ferramenta” lá atrás. - O comandante virou-se para o oficial negro sentado ao volante e

acrescentou: - Temos de ir embora, Patrick. Leve o Land-Rover e abandone-o, enterre as armas e assinale o lugar. Depois vá para o mato. Não continue a combater. Compreendeu?
O jovem, tenente aquiesceu sombriamente com a cabeça.
- Lamento, mas acabou, Patrick - acrescentou o mercenário afavelmente.
- Talvez - murmurou o tenente, inclinando a cabeça na direção do Constellation, onde o general e os seus acompanhantes se despediam. - Mas enquanto ele viver nós não o esqueceremos. Ele parte apenas por uma questão de segurança, mas continua a ser o chefe. Calamo-nos, mas não esquecemos. Quando o Land Rover se virou e começou a, afastar-se, os mercenários brancos despediram-se e dirigiram-se para o DC-4.
O comandante preparava-se para os seguir quando do mato surgiram duas freiras de mantos esvoaçantes que chamaram:
- Major!
O mercenário virou-se e reconheceu numa delas a enfermeira-chefe de um hospital que ajudara a evacuar alguns meses antes.
- Irmã Mary Joseph! Que está fazendo aqui?
Ela começou a falar ansiosamente, agarrando-se à manga. Ele assentiu.
- Vou tentar. É tudo o que posso fazer.
Afastou-se, falou com o piloto sul-africano e regressou depois para junto das freiras.
- Ele disse que sim, mas têm de se apressar, irmã.

- Deus o abençoe - agradeceu a irmã Mary Joseph, e deu instruções rápidas à companheira que correu para a retaguarda do avião e subiu os degraus de acesso à porta dos passageiros.
A irmã Mary Joseph embrenhou-se de novo, apressadamente, no palmar, de onde em breve surgiu uma fila de homens, cada um dos quais carregando uma trouxa, a qual entregavam à jovem freira que já se encontrava no DC-4. O copiloto
observou-a depositando as três primeiras trouxas, lado a lado, no interior do avião, após o que, resmungando, começou a ajudá-a.
- Deus o abençoe - murmurou a jovem freira.
Uma das trouxas verteu um líquido que se depositou na manga do co-piloto.
- Raios o partam! - praguejou o homem, que, no entanto, continuou a trabalhar.
Ao ficar só, o comandante dos mercenários encaminhou-se para o
Constellation, cuja escada o general subia.
- Vem aí o major Shannon - avisou alguém.
O general virou-se, conseguindo esboçar um sorriso.
- Então, Shannon, quer vir?
Shannon fez a continência, que o general retribuiu, e respondeu:
- Não, meu general, obrigado. Temos transporte. Queria despedir-me.
- Sim... creio que acabou. Pelo menos por alguns anos. Custa-me a acreditar que o meu povo esteja condenado a

viver sempre escravizado. A propósito, pagaram-lhes como previa o contrato?
- Pagaram sim, obrigado. Temos todas as contas em dia.
- Bem, então adeus. Agradeço-lhes tudo quanto conseguiram fazer. - O africano estendeu a mão, que Shannon apertou.
- Estivemos conversando, os rapazes e eu - disse Shannon. - Se... se alguma vez precisar de nós, viremos todos, meu general.
- Esta noite está cheia de surpresas - observou calmamente o general. - Metade dos meus principais conselheiros e todos os ricos estão atravessando a fronteira para caírem nas boas graças do inimigo. Obrigado pela sua oferta, Mr. Shannon. O que os mercenários vão fazer agora?
- Temos de procurar outro trabalho.
- Outro combate, major Shannon?
- Outro combate, meu general.
O general riu calmamente.
- “Gritai: 'Destruir!', e soltai os cães da guerra” - murmurou.
- Como, meu general?
- É um excerto de Shakespeare, Mr. Shannon. Bem, tenho de ir, o piloto está à espera. Mais uma vez adeus, e boa sorte.
Shannon recuou um passo e fez uma última continência.
- Boa sorte também para si - respondeu, e acrescentou, quase como se falasse consigo próprio: - Bem precisará dela.
Quando Shannon subiu para o DC-4, Van Cleef já ligara

os motores. Logo que o Constellation desapareceu por entre as nuvens, aquele levantou vôo. Na hora que se seguiu à decolagem, Van Cleef conservou o cockpit às escuras, enquanto se esgueirava por entre os bancos de nuvens a fim de tentar escapar à luz do luar que o denunciaria a algum Mig desgarrado. Só quando já se encontrava muito longe consentiu que se acendessem as luzes.

Nas suas costas iluminou-se então um estranho espetáculo. O piso do aparelho apresentava-se juncado de cobertores empapados. O seu conteúdo esperneava em filas, de ambos os lados do espaço destinado à carga, quarenta bebês, mirrados, enfezados, deformados pela subnutrição, entre os quais as freiras se moviam. Os mercenários lançaram um olhar para os seus companheiros de viagem. Não era a primeira vez que contemplavam semelhante espetáculo. No Congo, no Iêmen, no Catanga, no Sudão... Sempre o mesmo drama, sempre as crianças esfomeadas.

As luzes da cabina permitiram-lhes ver uns aos outros nitidamente, pela primeira vez desde o pôr do Sol. As suas fardas estavam manchadas de suor e terra vermelha e os seus rostos apresentavam-se tensos de fadiga. O comandante estava encostado a uma das paredes da cabina. Carlo Alfred Thomas Shannon tinha trinta e três anos e usava o cabelo louro mal cortado, em escova. Embora tivesse nascido no condado de Tyrone, no Ulster, "Cat" Shannon freqüentara um colégio na Inglaterra, tendo perdido o sotaque característico da Irlanda do Norte.

Prestara serviço nos Fuzileiros Reais antes de se alistar como mercenário no S.O. Comando de Mike Hoare, em Stanleyville.

Vira Hoare partir e seguidamente juntara-se a Robert Denard. Dois anos mais tarde, participara na rebelião de Stanleyville e acompanhara "Black Jack" Schramme na longa marcha para Bukavu. Após ser repatriado pela Cruz Vermelha, oferecera-se como voluntário para outra guerra africana justamente a que acabava de terminar e na qual assumira o comando do seu próprio batalhão. Enquanto o DC-4 avançava, Shannon meditava no ano e meio decorrido. Era-lhe mais difícil pensar no futuro, pois não imaginava sequer onde encontraria o próximo emprego.

À sua esquerda sentava-se um indivíduo que era considerado o melhor lançador de morteiros a norte do Zambeze. De nome Jan Dupree, tinha vinte e oito anos e nascera em Paarl, na província do Cabo, África do Sul.

Ao lado de Jan estirava-se Marc Vlaminck, o Pequeno Marc, assim alcunhado devido à sua enorme corpulência. Flamengo de Ostende, media um metro e noventa, de meias, quando as usava, e pesava cento e quinze quilos. Era o tenor da Polícia de Ostende, que se afirmava capaz de reconhecer um bar onde o Pequeno Marc tivesse atuado pelo número de operários que eram necessários para reparar os estragos. Marc era utilíssimo quando munido de uma bazuca, que manejava com destreza exímia.

Em face deles sentava-se Jean-Baptiste Langarotti, um

corso baixo, magro e de pele cor de azeitona. A França mobilizara-o aos dezoito anos para combater na Guerra da Argélia. Aos vinte e dois batia-se do lado dos Argelinos e, após o malogro da insurreição de 1961, passara três anos na clandestinidade. Por fim, fora recapturado e passara, quatro anos nas prisões francesas. Era um prisioneiro
indisciplinado, como o comprovavam as marcas deixadas em dois guardas, que as conservariam até à morte. Em 1968, foi posto em liberdade. Apenas temia a claustrofobia.
Embarcara num avião para África, participara em outra guerra e alistara-se no batalhão de Shannon. Adquirira também o hábito de se treinar continuamente com a faca, que aprendera a manejar quando garoto. Trazia no pulso esquerdo uma larga tira de couro para afiar navalhas, fixada por duas molas. Nos momentos de ociosidade, retirava-a, virava-a e enrolava-a no punho. Durante toda a viagem para Libreville, a lâmina de quinze centímetros moveu-se para trás e para frente no afiador.
Ao lado de Langarotti seguia o elemento mais velho do grupo: Kurt Semmler, um alemão de quarenta anos, autor do desenho da insígnia com o crânio e as tíbias cruzadas, usada pela unidade de Shannon. Fora também Semmler quem limpara de soldados federais um setor de oito quilômetros, cuja linha da frente delimitou com estacas coroadas com as cabeças dos inimigos mortos no dia anterior. Durante o mês que se seguira a esta proeza, o seu setor fora o mais calmo da campanha.

Graduado da Juventude Hitleriana, Kurt fugira e, aos dezessete anos, juntara-se à Legião Estrangeira Francesa. Oito anos depois, era primeirosargento no 1º Regimento Estrangeiro de Pára-Quedistas, unidade de elite. Combatera na Indochina e na Argélia sob as ordens de um dos poucos homens que jamais respeitara, o lendário comandante Le Bras. Após a independência da Argélia, associara-se a um antigo camarada numa operação de contrabando no Mediterrâneo, tornara-se navegador experimentado e fizera fortuna, que perdera, atraiçoado pelo sócio. Esta a razão por que comprara uma passagem para África, onde eclodira uma nova guerra, da qual tivera conhecimento pelos jornais, e fora contratado por Shannon.

Faltavam ainda duas horas para amanhecer quando o DC-4 começou a sobrevoar o aeroporto. Acima do choro das crianças sobressaía o assobio de um homem. Era Shannon. Os companheiros sabiam que ele assobiava sempre que entrava em combate ou quando o mesmo terminava. E assobiava sempre a mesma melodia, Spanish Harlem.

Quando o DC-4 aterrissou e se deteve no final da pista, aproximou-se um jeep com dois oficiais franceses, que fizeram sinal a Van Cleef para os seguir até junto de um aglomerado de barracas, no extremo do aeroporto. Decorridos segundos, assomou à porta do avião o quepe de um oficial, cujo nariz, sob a pala, se franziu quando sentiu o mau cheiro. O oficial pediu aos mercenários que o acompanhassem. Logo que estes

desceram a escada, o DC-4 seguiu para os edifícios principais onde as crianças eram aguardadas por enfermeiras e médicos da Cruz Vermelha.
Os cinco mercenários esperaram uma hora, sentados em cadeiras
desconfortáveis, numa das barracas, até que finalmente a porta se abriu dando passagem a um oficial superior, de rosto duro e bronzeado, envergando um uniforme tropical castanho-amarelado, cuja pala do quepe era debruada a dourado. Reparando nos olhos vivos e irrequietos, nas tiras assinalando o número de campanhas feitas e no salto de Semmler, que se perfilou em sentido, Shannon não necessitou de mais para saber que o visitante era o célebre Le Bras em pessoa, comandante da Garde Républicaine da República do Gabão. Le Bras apertou a mão a cada um deles, sorriu e conversou por momentos com Semmler, dirigindo-se depois a todos:
- Vou mandar instalá-los confortavelmente. Tenho certeza de que vão gostar de tomar banho, comer qualquer coisa e vestirem-se à civil. Mas não podem sair das suas instalações até podermos transferi-los de avião para Paris. Há muitos jornalistas na cidade e é necessário evitar qualquer contato com eles. Uma hora depois, os homens encontravam-se confortavelmente alojados no último andar do Hotel Gamba, onde permaneceram durante quatro semanas, esperando que o interesse da imprensa pelas suas pessoas diminuísse. Até que uma noite receberam a visita de um capitão do estado-maior do comandante Le Bras.

- Messieurs, trago-lhes notícias. Partem esta noite de avião para Paris, no vôo das vinte e três e trinta da Air Afrique.
Os cinco homens, naquele momento já terrivelmente aborrecidos,
animaram-se. Pouco antes das dez horas da manhã do dia seguinte, chegavam ao Aeroporto de Le Bourget e trocavam as suas despedidas. Dupree seguiria para a Cidade do Cabo, Semmler regressaria a Munique, Vlaminck a Ostende e Langarotti a Marselha.
Combinaram manter-se em contato e olharam Shannon. Este era o seu chefe, a quem competia arranjar novo trabalho, outro contrato, outra guerra.
- Vou ficar algum tempo em Paris - declarou Shannon. – Há maiores probabilidades de arranjar trabalho aqui do que em Londres.

Trocaram mutuamente as moradas - a posta-restante ou cafés cujo barman se encarregaria de lhes transmitir as mensagens – e cada um seguiu o seu caminho.
Quando saiu do terminal, Shannon ouviu uma voz que o chamava pelo nome, em tom pouco amistoso. Voltou-se e franziu o sobrolho quando se deparou o homem que o interpelava.
- Roux - murmurou.
- Então, você voltou, Shannon - rosnou o francês.
- Voltei.
- Um conselho: não fiques por aqui. Esta cidade é minha. Se houver algum contrato por aqui, sou eu que o faço. E também sou eu que escolho a equipe. Como resposta,

Shannon dirigiu-se para o táxi mais próximo e atirou o saco para o banco de trás. Roux seguiu-o, o rosto rubro de cólera.
- Ouça, Shannon, estou avisando-o...
O irlandês voltou-se para ele:
- Ouça-me você, Roux. Vou ficar em Paris enquanto tiver vontade. Você nunca me meteu medo no Congo, e agora também não. Por isso... vai se catar. CAPÍTULO DOIS
NAQUELA tarde de meados de Fevereiro, Sir James Manson, presidente do conselho de administração e diretor da Manson Consolidated Mining Company Limited, recostado numa cadeira de couro no seu luxuoso gabinete, no décimo andar, estudava o relatório que tinha sobre a secretária, assinado pelo Dr. Gordon
Chalmers, chefe do Departamento de Pesquisas da ManCon. Tratava-se do resultado da análise feita às amostras de rocha que Jack Mulrooney trouxera da República Africana de Zangaro, três semanas antes.
O Dr. Chalmers não esbanjava palavras. Mulrooney encontrara uma montanha com cerca de quinhentos e cinqüenta metros de altura e quase mil metros de diâmetro de base, designada pelo nome de Montanha de Cristal, que se erguia a uma ligeira distância de uma cordilheira com o mesmo nome. Regressara com tonelada e meia de rocha cinzenta, sulcada por veios de quartzo e cascalho dos leitos dos rios que circundavam o monte. Os veios de quartzo, com pouco mais de um centímetro de espessura, continham pequenas quantidades de estanho. Mas era a rocha em si que despertava interesse. Os resultados de

repetidas e diversas análises indicavam que tanto a rocha como o cascalho continham grandes quantidades de platina, patente em todas as amostras e distribuída com bastante regularidade.
Enquanto as concentrações da rocha de mais rico teor em platina conhecida no Mundo atingiam cerca de 0,25, ou seja um quarto de onça troy 1 por tonelada de rocha, a concentração média das amostras de Mulrooney era de 0,81.
Sir James sabia que o preço de mercado da platina, de cento e trinta dólares por onça troy, dada a crescente procura mundial desse minério, teria de subir para cento e cinqüenta ou mesmo duzentos dólares. Fez alguns cálculos: a montanha continha provavelmente duzentos e cinqüenta milhões de metros

cúbicos de rocha; a duas toneladas por metro cúbico, pesaria cerca de quinhentos milhões de toneladas, o que, tendo por base um rendimento mínimo de meia onça por tonelada de rocha, representaria duzentos e cinqüenta milhões de onças. Ainda que a descoberta de uma nova fonte mundial de platina fizesse descer o preço deste metal para noventa dólares a onça, e supondo que a inacessibilidade do local elevasse os custos de extração e refinação para cinqüenta dólares a onça, o lucro atingiria ainda os...
Sir James Manson recostou-se na cadeira e assobiou baixinho.
- Meu Deus! Uma montanha de dez mil milhões de dólares!

O preço da platina é controlado por dois fatores: a sua necessidade em determinados processos industriais e a sua raridade. A produção total mundial, independentemente da que é secretamente armazenada como reserva, ultrapassa anualmente milhão e meio de onças troy e procede, na sua maior parte, de três fontes: África do Sul, Canadá e União Soviética, embora este último país não coopere com o grupo. Enquanto os produtores de platina gostariam de manter o preço mundial relativamente estável, a fim de poderem planejar investimentos a longo prazo em novas minas e com novo equipamento, seguros de que uma repentina e importante aparição de metal não arruinaria o mercado, os Soviéticos,
mediante o armazenamento de quantidades desconhecidas de metal, que podem lançar a qualquer momento no mercado, mantêm este em tensão permanente. Embora não negociasse com platina quando recebeu o relatório de Chalmers, James Manson estava ao corrente da situação mundial no que se referia a este metal e conhecia também os motivos por que algumas empresas estavam comprando platina da África do Sul: em meados da década de 1970, a América necessitaria de platina em quantidades muito superiores às que o Canadá lhe poderia fornecer.
Como era pouco provável que, antes de 1980, fosse possível dotar os automóveis de um sistema de escape de gases que utilizasse um metal menos oneroso, existiam fortes probabilidades de todos os carros americanos

virem em breve a carecer de uma quantidade de platina pura totalizando talvez um milhão e meio de onças por ano, isto é, a produção regular mundial de platina teria de duplicar.

Os Americanos não saberiam onde ir buscar a platina, mas James Manson começava a alimentar a esperança de ele próprio poder vir a ser capaz de fornecê-la. E com a procura mundial ultrapassando de longe a produção, poderia pedir um preço francamente interessante.

Havia apenas um problema. Precisava estar absolutamente certo de que apenas ele deteria, com exclusividade, todos os direitos de exploração mineira da Montanha de Cristal. Necessitava de saber como o conseguir.

O processo normal seria mostrar ao presidente da república o relatório das análises efetuadas e propor-lhe um contrato segundo o qual a ManCon asseguraria os direitos de exploração, o Governo beneficiaria de uma cláusula de participação nos lucros que iriam atestar os cofres do Estado e o presidente de uma quantia significativa que seria regularmente depositada na sua conta num banco suíço.

Se, porém, suspeitassem do que existia no interior da Montanha de Cristal, três países, mais do que todos os outros, pretenderiam adquirir o controle da exploração: a África do Sul, o Canadá e sobretudo a Rússia, pois o aparecimento no mercado mundial de uma nova e abundante fonte de fornecimento confinaria a produção soviética ao nível do supérfluo.

Manson já ouvira o nome de Zangaro, mas ignorava tudo sobre o país. Apertou um botão do intercomunicador.
- Miss Cooke, quer fazer o favor de vir aqui?
Miss Cooke, sobriamente vestida, eficiente e severa, entrou no gabinete de Manson.
- Miss Cooke, chegou ao meu conhecimento que, recentemente, efetuamos uma pequena pesquisa em África, em Zangaro.
- Efetuamos, sim, Sir James
- Ah, sabe do que se passa! Ótimo. Preciso que averigue quem obteve a autorização desse Governo para efetuarmos a pesquisa.
- Foi Mr. Bryant, Sir James. Richard Bryant, da Seção de Contratos Intercontinentais. - Miss Cooke jamais esquecia o que tivesse ouvido uma vez.
- Terá apresentado algum relatório? - indagou Sir James.
- Sim, certamente, como é normal na companhia.
- Pode me conseguir uma cópia, Miss Cooke?
O relatório de Richard Bryant, datado de seis meses antes, indicava que este se deslocara de avião a Clarence, capital de Zangaro, onde tivera uma entrevista com o ministro dos Recursos Naturais.
Depois de longa discussão sobre a gratificação pessoal do ministro, haviam acordado que um único representante da ManCon poderia efetuar uma prospecção, em busca de minério, na Montanha de Cristal. E era tudo. A única indicação sobre o país reduzia-se à referência a uma "gratificação pessoal" a um ministro corrupto. Quando acabou de ler o relatório, Manson apertou de novo o

intercomunicador:
- Miss Cooke, peça a Mr. Bryant que venha falar comigo. - Apertou outro botão e chamou: - Martin, por favor venha ao meu gabinete.
Decorridos dois minutos, Martin Thorpe, cujo gabinete se situava no andar inferior aparecia no de Manson. Thorpe não aparentava ser o jovem perito financeiro dotado de uma capacidade invulgar, protegido de um dos mais inflexíveis empreendedores de uma indústria tradicionalmente inflexível. Assemelhava-se mais ao capitão da equipe de rúgbi de um bom colégio - simpático, jovem e bem parecido. Thorpe não freqüentara um bom colégio e nada sabia, nem pretendia saber, sobre jogos desportivos, mas era capaz de fixar mentalmente, ao longo do dia, as cotações alcançadas, a cada hora, pelas ações das numerosas companhias subsidiárias da ManCon. Aos vinte e nove anos tinha ambições e a intenção de as realizar. A sua lealdade para com Manson baseavase no seu ordenado excepcionalmente elevado e na certeza de que a sua posição dentro da companhia lhe permitiria reconhecer e aproveitar aquilo a que chamava “a grande oportunidade”.
Quanto Thorpe entrou no seu gabinete, Sir James já guardara o relatório de Chalmers e só tinha à sua frente o de Bryant.
- Martin, tenho um trabalho para ser feito depressa e com discrição. Deve ocupá-lo metade da noite. - Não perguntou se Thorpe tinha algum compromisso.
- Está bem, Sir James. Posso cancelar com um

telefonema o que tenho combinado para esta noite.
- Muito bem. Acabo de reparar neste relatório. Há seis meses, Bryant, dos Contratos Intercontinentais, foi enviado a um lugar chamado Zangaro e conseguiu autorização para procurarmos possíveis depósitos de minério numa cordilheira chamada Montanhas de Cristal. Pretendo saber se esta prospecção já foi mencionada no conselho deliberativo. Vai ter de procurar nas atas. Se descobrir alguma referência ao assunto subordinada ao título “Outras operações”, confira os

documentos de todas as reuniões do conselho dos últimos doze meses. Quero saber quem autorizou a viagem do Bryant e quem mandou o engenheiro prospector, um indivíduo chamado Mulrooney. Quero também saber o que há na Seção de Pessoal sobre Mulrooney. Entendeu?
- Entendi, Sir James. Mas Miss Cooke podia fazer isso em meia...
- Podia. Mas eu quero que seja você a fazê-lo. Se o virem consultar documentos da sala de reuniões ou nos arquivos do pessoal, pensarão que se trata de qualquer assunto relacionado com finanças, e portanto a operação mantém-se secreta.
Martin Thorpe começou a compreender.
- Quer dizer... quer dizer que encontraram lá alguma coisa, Sir James?
- Não se preocupe com isso - resmungou Sir James. – Faça o que lhe disse e mais nada.
Martin Thorpe sorria quando saiu. “Raposa manhosa",

pensou.
- Está aqui Mr. Bryant, Sir James - anunciou Miss Cooke.
Sorridente, Sir James avançou ao encontro do seu empregado.
- Entre, Bryant. Sente-se - e indicou-lhe uma poltrona. Interrogando-se sobre os motivos que teriam levado Manson a chamá-lo, mas tranqüilizado com o tom cordial do patrão, Bryant deixou-se afundar nas almofadas de camurça. - Uma bebida, Bryant? Espero que não seja cedo para você.
- Obrigado, Sir James. Uísque, por favor.
- Assim é que é! É o meu veneno favorito também, e por isso vou fazer-lhe companhia.
Bryant, que se lembrava de uma festa no escritório em que Sir James passara a noite a beber uísque, constatava agora, enquanto o patrão servia para dois o seu Glenlivet especial, que a observação de pormenores desse gênero se revelava sempre útil.
- Com água ou soda?
- É um uísque velho, Sir James? Então puro, por favor.
Ergueram os copos e depois saborearam a bebida.
- Estive dando uma olhadela em uma série de relatórios antigos e encontrei um dos seus. O que fez acerca... como se chama a terra? ... acerca de Zangaro.
- Ah, sim, Zangaro! Foi há seis meses.
- E você viu-se atrapalhado com o camarada ministro.
- Mas consegui a licença para a prospecção – redargüiu Bryant, sorrindo ao recordar essa missão.
- Isso é um fato! - Sir James sorriu. - Costumava fazer

essas coisas nos meus velhos tempos. Invejo os jovens como você, que vão por aí fora arranjar contratos à maneira antiga. Fale-me do caso. Zangaro é uma terra difícil? As sombras ocultavam-lhe a cabeça recostada para trás, e Bryant sentia-se demasiado confortável para prestar atenção à expressão concentrada do seu interlocutor.

- Muito difícil, Sir James. Uma ruína, e nitidamente em regressão desde a independência, há cinco anos. - E recordou outra frase que já ouvira do patrão:

- A

maioria dessas novas repúblicas criou grupos de poder cuja atuação nem sequer os qualificaria para dirigirem uma lixeira municipal.

Sir James, suficientemente hábil para reconhecer um eco das suas próprias palavras, sorriu novamente.

- Mas então quem dirige as coisas por lá?

- O presidente ... ou melhor, o ditador. Um homem chamado Jean Kimba. Venceu as primeiras e únicas eleições, segundo algumas opiniões por meio do terrorismo e do vôodoo. A maioria dos eleitores não sabia sequer o que era votar,

e agora também já não precisa saber.

- É um tipo duro, esse Kimba? - inquiriu Sir James.

- Não tão duro como doido varrido. Um megalômano furioso, rodeado de políticos bajuladores. Se discordam dele, vão parar às antigas celas da Polícia Colonial. Consta que o próprio Kimba dirige pessoalmente a tortura. Nunca ninguém saiu de lá vivo.

- Em que mundo vivemos, Bryant! E na Assembléia Geral da ONU o voto dessa gente vale tanto como o da Inglaterra ou da América. Quem são os conselheiros de Kimba?
- Ninguém do seu próprio povo. Ele afirma que é guiado por vozes divinas e o povo crê que ele possui um feitiço poderoso. Mantém as pessoas num terror servil.
- E as embaixadas estrangeiras?
- Bem, à exceção dos Russos, estão todos tão aterrorizados por este maníaco como o seu próprio povo. Os Soviéticos mantêm lá uma importante embaixada. Zangaro vende a maioria dos seus produtos a traineiras soviéticas e a maior parte do lucro das vendas vai para o bolso de Kimba. Claro que as traineiras
são navios espiões eletrônicos ou barcos de abastecimento para submarinos.
- Portanto, os Russos são poderosos nesse país? Mais um uísque, Bryant?
- Pois não, Sir James - respondeu Bryant, aceitando outro glenlivet. - Kimba consulta-os sobre problemas de política externa. Um negociante que conheci no hotel disse-me que o embaixador ou um conselheiro soviético iam quase todos os dias ao palácio.
Manson já sabia o que queria. Quando Bryant acabou o seu uísque, acompanhou-o à porta com a mesma delicadeza com que o recebera. Às cinco e vinte chamou Miss Cooke:
- Temos ao nosso serviço um engenheiro chamado Jack Mulrooney.
Gostaria de falar com ele amanhã, às dez horas. E queria

aqui o Dr. Gordon Chalmers ao meio-dia. Arranje-me tempo para convidá-lo para almoçar. Marque uma mesa no Wilton's. Agora não quero mais nada, obrigado, a não ser o meu carro à porta daqui a dez minutos.

Quando Miss Cooke saiu, Manson apertou outro botão e murmurou:

- Pode vir aqui um instante, Simon?

Simon Endean provinha de uma família socialmente elevada, era inteligente e bem educado, mas tinha os valores morais de um rufião. Era o homem ideal para servir um Manson. As suas ambições eram apenas um pouco mais modestas do que as de Thorpe. No momento, bastava-lhe a sombra de Manson. Era o suficiente para lhe permitir pagar o andar luxuoso, o Corvette e as amigas.

- Chamou-me, Sir James?

- Simon, amanhã almoço com um tipo chamado Gordon Chalmers, diretor do laboratório de Watford. Quero informações completas a seu respeito. A ficha pessoal, evidentemente, e tudo o mais que consiga averiguar. Como é a sua vida doméstica, se tem alguns fracos... e sobretudo se tem necessidade urgente de dinheiro para além do seu ordenado. Telefone-me para cá amanhã, o mais tardar até meio-dia e quinze.

Sir James nunca enfrentava um homem, amigo ou inimigo, sem estar completamente informado a seu respeito. Conseguira submeter diversos adversários utilizando este processo.

Quando o seu Rolls-Royce se afastou do Edifício ManCon, Sir James recostou-se no assento, acendeu o primeiro

charuto da noite e recebeu das mãos do motorista a última edição do Evening Standard.
Ao passarem frente à estação de Charing Cross, um parágrafo despertoulhe a atenção. Enquanto fixava as letras, começou a germinar-lhe uma idéia no espírito. Qualquer outro homem a teria abandonado. Manson, porém, era um pirata do século XX e sentia orgulho por esse fato. O parágrafo referia-se não a Zangaro, mas a uma república africana igualmente obscura. O título anunciava: NOVO GOLPE?DE ESTADO NUM PAÍS AFRICANO.

CAPÍTULO TRÊS

QUANDO chegou ao escritório, às nove e cinco, Manson era aguardado, na antecâmara do seu gabinete, por Martin Thorpe.
- Que descobriu? - perguntou-lhe Sir James, enquanto pendurava o sobretudo.
Thorpe abriu um livro de apontamentos e respondeu-lhe:
- Há um ano enviamos uma equipe de prospecção a uma república situada a norte de Zangaro. Foi acompanhada por uma unidade de reconhecimento aéreo, que contratamos por intermédio de uma firma francesa. Um dia, ao soprar um vento de feição mais forte do que o previsto, o piloto sobrevoou várias vezes, em
ambos os sentidos, toda a faixa abrangida pelo reconhecimento aéreo. Só quando o filme foi revelado se verificou que em todos os vôos realizados a favor do vento o avião penetrara mais de sessenta quilômetros no interior de Zangaro.

- Quem se apercebeu disso primeiro? A companhia francesa? - perguntou Manson.
- Não, Sir James. Os franceses limitaram-se a revelar o filme. Só depois, um tipo inteligente da nossa equipe, ao examinar com atenção as fotografias, notou uma área montanhosa que apresentava um tipo e densidade de vegetação

diferentes. Um daqueles pormenores que é impossível notar no solo, mas que uma fotografia aérea revela.
- Sei como é - resmungou Sir James. - Continue.
- A ampliação das fotografias que o tipo enviou à Seção de Geofotografia confirmou a existência de vida vegetal diferente numa área onde existia um monte com cerca de quinhentos e cinqüenta metros de altitude. O mesmo homem identificou a cordilheira como sendo as Montanhas de Cristal e o monte em questão como sendo, provavelmente, a Montanha de Cristal primitiva. Enviou o material para a Seção de Contratos Intercontinentais e foi o chefe desta, Willoughby, quem mandou o Bryant.
- Não me disse nada - observou Manson.
- Ele enviou um memorando, Sir James. O senhor estava no Canadá, nessa altura... Logo que o Bryant obteve a autorização de Zangaro, a Seção de Prospecção do Solo acedeu a retirar um prospector, Jack Mulrooney, do Ghana e a mandá-lo investigar o local. Mulrooney regressou há três semanas com umas amostras que se encontram agora no laboratório de Watford.
- O conselho teve conhecimento disso?

- Não, Sir James - afirmou Thorpe com convicção. - Conferi as atas das reuniões dos últimos doze meses.
A satisfação de Manson era evidente.
- Mulrooney é inteligente?
Como resposta, Thorpe estendeu-lhe um dossiê da Seção de Pessoal. Manson folheou-o.
- Pelo menos é experiente - resmungou. - Estes veteranos de África costumam ser muito perspicazes.
E depois de mandar embora Martin Thorpe, murmurou para consigo: “Vamos lá ver até que ponto Mr. Mulrooney é perspicaz...
Quando o prospector entrou, Manson cumprimentou-o cordialmente e pediu a Miss Cooke que lhes servisse café. O vício do café constava da ficha de Mulrooney.
Jack Mulrooney, que parecia deslocado naquele apartamento do último andar de um prédio de escritórios londrino, parecia não saber onde pôr as mãos. Era a primeira vez que se encontrava com o homem a quem chamava “o velhinho”. Sir James não se poupou a esforços para o pôr à vontade.
- É exatamente isso, homem - ouviu-o Miss Cooke dizer quando entrou com o café. - Você tem vinte e cinco anos de experiência duramente adquirida, a arrancar o diabo do material à terra.
Jack Mulrooney sorria, encantado. Quando Miss Cooke saiu, Sir James apontou para as xícaras de porcelana e observou:
- Olhe para estas coisinhas delicadas. Antes, bebia por uma caneca; agora, dão-me dedais! Recordo-me de que,

no Rand ...
A entrevista com Mulrooney prolongou-se por uma hora. Quando saiu, o prospector estava convencido de que o velho era um excelente homem, não obstante tudo quanto dele diziam. Também Sir James Manson considerava Mulrooney excelente... para arrancar amostras de rocha de montes sem fazer perguntas.

- Apostaria a minha vida como há estanho naquele monte, Sir James - dissera Mulrooney. - Resta saber se a sua extração será compensadora sob o ponto de vista econômico.

Sir James dera-lhe uma palmada nas costas e respondera:

- Não se preocupe com isso. Saberemos logo que tivermos o relatório de Watford. E você, qual é a sua próxima aventura?

- Não sei. Ainda me restam três dias de licença...

- Constou-me que gosta de lugares agrestes - observara Sir James com uma expressão de franqueza cordial.

- É verdade! Podemos ser senhores de nós próprios, nesses locais.

- Tem toda a razão - concordara Manson, sorrindo. – Quase o invejo... não, com a breca, invejo-o mesmo! Veremos o que se pode fazer.

O que Manson fez foi encarregar a Contabilidade de enviar a Mulrooney um bônus de mil libras. Depois ligou para a Seção de Prospecção do Solo:

- Que prospecções têm pendentes? - Havia uma, que se prolongaria por um ano, numa região longínqua do Quênia.

- Mandem o Mulrooney - ordenou Sir James.
Olhou para o relógio: onze horas. Pegou o relatório sobre o Dr. Chalmers que Endean lhe deixara. Era licenciado com distinção pela Escola de Minas de Londres, tinha uma licenciatura em Geologia e outra em Química. Doutorara-se com a idade aproximada de vinte e cinco anos e era chefe do Departamento de Pesquisas da ManCon, em Watford, havia quatro anos.
Às onze horas e trinta e cinco, o seu telefone particular tocou. Era Endean, que lhe telefonava de Watford; após escutá-lo durante dois minutos, Manson respondeu com um grunhido aprovador:
- Interessante. Agora regresse a Londres. Quero informações completas acerca da República de Zangaro. - Soletrou a palavra. - História, geografia, economia, culturas, mineralogia, política e grau de desenvolvimento. Há três assuntos fundamentalmente importantes. Primeiro, quero ser informado sobre a influência que os Russos ou Chineses possam exercer sobre o Governo e o ascendente que os comunistas locais possam ter sobre o presidente; segundo, como ninguém minimamente ligado ao país deve tomar conhecimento das nossas investigações, não vá lá pessoalmente; terceiro, em circunstância alguma deve dizer que pertence à ManCon. Portanto, use um nome falso. Entendeu? Quero essas informações dentro de vinte dias.
Seguidamente, Manson chamou Thorpe. Vinte minutos depois, Thorpe apresentava-lhe o papel pedido: a cópia de uma carta.

O Dr. Gordon Chalmers desceu do táxi e pagou a corrida. Ao percorrer a pé os últimos metros que o separavam do Edifício ManCon, o seu olhar foi atraído por
um cartaz do Evening Standard afixado no quiosque dos jornais: PAIS DAS VÍTIMAS DA TALIDOMIDA RECLAMAM ASSISTÊNCIA URGENTE. Comprou o
jornal. A notícia informava que, após nova série de conversações entre representantes dos pais das cerca de quatrocentas crianças britânicas nascidas deformadas em consequência da talidomida e a companhia que comercializara a droga, se chegara a novo impasse.

Os pensamentos de Gordon Chalmers dirigiram-se para sua casa, de onde saíra pela manhã; para Peggy, sua mulher, que acabava de fazer trinta anos e já aparentava quarenta, e para Margaret, de nove anos, sem pernas e com um único braço, que precisava de um par de pernas artificiais - e para uma casa especialmente construída, cuja hipoteca estava lhe custando uma fortuna. Depois de durante quase dez anos ter visto outros pais sem dinheiro tentarem fazer frente
a uma empresa poderosa, Gordon Chalmers encarava os capitalistas com ódio e amargura. Decorridos dez minutos, encontrava-se na presença de um dos mais importantes.

Manson foi direito ao assunto:

- Creio que imagina porque quero falar com o senhor, Dr. Chalmers.

- Imagino, sim, Sir James. O relatório acerca da Montanha de Cristal.

- Exatamente. A propósito, fez muito bem em enviá-lo pessoalmente e num envelope lacrado. Muito bem, mesmo.
Chalmers encolheu os ombros. Ao perceber o conteúdo das amostras, o procedimento que seguira fora mera rotina.
- Vou fazer-lhe duas perguntas e quero respostas concretas - prosseguiu Sir James. - Tem certeza absoluta dos resultados?
- Absoluta. Por um lado, as amostras em questão foram submetidas a todos os testes que existem para detectar a presença da platina. Por outro lado, além de
ter submetido todas as amostras a todos os testes que conheço, repeti-os todos. Sir James anuiu com a cabeça, revelando admiração.
- Alguém mais no seu laboratório conhece os resultados destas análises?
- Mais ninguém - respondeu categoricamente Chalmers. - Quando as amostras chegaram, foram embaladas como de costume e armazenadas. O relatório de Mulrooney indicava a presença de estanho. Como se tratava de uma prospecção pouco importante, entreguei o trabalho a um assistente, que, encarando apenas a hipótese da existência de estanho nessas amostras, se limitou a realizar os testes indicados para detectá-lo. Como não obtivesse resultados positivos, mandei-o fazer mais alguns testes, que também se revelaram negativos. À noite, quando o laboratório fechou, fiquei até mais tarde para fazer

outros testes. À meia-noite já sabia que a amostra de cascalho continha platina. No dia seguinte, confiei outro trabalho ao meu assistente e continuei os testes sozinho. Havia seiscentos sacos de cascalho e cerca de setecentos quilos de pedras provenientes de toda a montanha. Todas as áreas da formação contêm depósitos de platina.

Sir James fitou o cientista com uma expressão de simulado assombro.

- É incrível! Sei que vocês, cientistas, preferem encarar os fatos friamente, mas creio que até você se deve ter sentido emocionado. Pode ser a origem de uma nova fonte mundial de platina. Sabe com que frequência se verifica tal fato, no caso dos metais raros? Uma vez na vida!

Embora tivesse de fato se sentido emocionado com a descoberta,

Chalmers, nesse momento, limitou-se a encolher os ombros.

- Bem, com certeza vai ser uma fonte de lucros para a ManCon.

- Não necessariamente - respondeu Manson para assombro de Chalmers.

- Não? Mas não há dúvidas de que é uma fortuna?!

- Uma fortuna no solo, com certeza - replicou Manson.

- Mas depende de quem a apanhar. Compreende ... Deixe-me explicar-lhe como as coisas se passam, meu caro doutor ... – Falou durante trinta minutos e, por fim, concluiu:

- Aí tem. É muito possível que, ao se tornar conhecida, a descoberta seja entregue numa bandeja aos Russos.
- Não posso alterar os fatos, Sir James.
Manson arqueou as sobrancelhas com uma expressão de horror.
- Meu Deus, doutor! Claro que não pode. - Consultou o relógio. - É quase uma hora. Vamos comer qualquer coisa.
As duas garrafas de Côtes du Rhône que acompanharam o almoço
encorajaram Chalmers a falar do seu trabalho e da sua família.
Quando o prospector se referiu à sua própria família, Sir James, com uma expressão convenientemente pesarosa, recordou uma recente entrevista que Chalmers dera à televisão.
- Desculpe, ainda não tinha me lembrado... refiro-me à sua filha. Que tragédia!
Lentamente, Chalmers começou a falar de Margaret ao seu superior.
- Mas o senhor não pode compreender - observou a determinado momento.
- Mas posso tentar - respondeu Sir James serenamente. - Também tenho uma filha, como sabe. Claro que é mais velha... Retirou da algibeira um papel dobrado e acrescentou, aparentando um certo embaraço: - Não sei como lhe apresentar a questão, mas... enfim, sei quanto tempo e quanto trabalho dedica à companhia. Por isso, esta manhã dei estas instruções ao meu banco. Estendeu

a Chalmers a cópia de uma carta na qual transmitia ao gerente do Banco Coutts instruções no sentido de que no primeiro dia de cada mês fossem enviadas para casa do Dr. Chalmers, por carta registrada, quinze notas de dez libras.
- Obrigado - agradeceu Chalmers em voz baixa, ao notar no rosto do patrão um misto de preocupação e embaraço.
Sir James apoiou a mão no seu antebraço.
- Bem, já falamos o suficiente deste assunto. Agora tome um brandy. Já no táxi, Manson ofereceu-se para deixar Chalmers na estação.
- Tenho de voltar ao escritório e continuar a trabalhar neste negócio de Zangaro e no seu relatório.
- Que vai fazer? - perguntou-Lhe Chalmers.
- Francamente, não sei. É pena deixar tudo aquilo ir parar a mãos estrangeiras, que é o que vai acontecer quando o seu relatório chegar a Zangaro...
Mas a verdade é que tenho de lhes mandar qualquer coisa.
Seguiu-se uma longa pausa.
- Posso ajudá-lo em alguma coisa? - perguntou o cientista.
- Pode - respondeu Sir James, medindo as palavras. – Deite fora as amostras do Mulrooney. Destrua os seus apontamentos. Faça uma cópia fiel do relatório apenas com uma diferença: indique que os testes provaram a existência de quantidades marginais de estanho de teor pouco elevado, cuja extração não seria economicamente compensadora. Queime o original e nunca diga uma palavra acerca do assunto. Dou-lhe a minha palavra de

honra de que, quando a
situação política mudar, a ManCon apresentará, de acordo com os processos normais, uma proposta para obter a concessão da mineração.
Chalmers saiu do táxi e olhou o patrão.
- Não sei se posso fazer isso, Sir James. Preciso pensar.
- Evidentemente que precisa pensar - admitiu Manson, anuindo com um movimento de cabeça. - Sei que estou pedindo-lhe muito. Ouça, porque não discute o assunto com a sua mulher?
Nessa sexta-feira, Sir James jantou no seu clube com Adrian Goole, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que fora o intermediário entre
o MNE e a Comissão da África Ocidental, da qual Manson era um membro importante, durante a Guerra Civil Nigeriana. A Comissão advertira o MNE de que a facção federal poderia vencer rapidamente com o apoio da Inglaterra e de que uma vitória rápida seria essencial para os interesses britânicos na Nigéria. No entanto, a guerra prolongara-se por trinta meses, em consequência do que a ManCon, bem como a Shell-BP e outras empresas, haviam sofrido perdas avultadas.
Manson desprezava Adrian Goole, a quem considerava um idiota pedante. Essa a razão por que o convidara para jantar. Pesara ainda nesta sua decisão o fato de Goole pertencer ao Departamento de Espionagem Econômica do MNE. Sentado à mesa na sua frente, Goole escutava-o atentamente, enquanto Manson lhe revelava uma parte da verdade acerca da Montanha de Cristal, onde, segundo

lhe afirmou, havia estanho em quantidades que assegurariam a rentabilidade da extração, embora, segundo confessou, o assustasse a influência que os conselheiros soviéticos exerciam sobre o presidente de Zangaro, em consequência do que poderia ser perigoso fortalecer o poder de Kimba através de um aumento de riqueza. Seria então impossível prever os problemas que este criaria ao Ocidente.

Goole acreditou em tudo quanto lhe foi dito.

- Tem razão, é um verdadeiro dilema. Você tem de mandar o resultado da análise a Zangaro e o conselheiro econômico russo vai certamente perceber que os depósitos de estanho são exploráveis.

- O meu problema consiste em saber o que vou fazer - resmungou Manson. Após um momento de reflexão, Goole perguntou:

- Que aconteceria se, no relatório, reduzisse a metade os números indicativos da quantidade de estanho por tonelada?

- Bem, demonstraria que a exploração do metal é economicamente inviável.

- E as amostras de rocha não poderiam ter vindo de outra região? Se o seu funcionário tivesse recolhido as amostras a uma distância de cerca de dois quilômetros do lugar onde efetivamente trabalhou, o teor de estanho poderia ser cinqüenta por cento mais baixo?

- Provavelmente. Mas ele trabalhou naquele local.

- Sob fiscalização? - indagou Goole.

- Não. Sozinho.

- E não ficaram vestígios reveladores do local onde trabalhou?

- Apenas algumas lascas de rocha. Além disso, ninguém vai lá acima. - Manson fez uma pausa. - Sabe, Goole, você é um tipo espantosamente inteligente. - E dirigindo-se ao criado: - Outro brandy, por favor. Despediram-se, ambos jubilosos, nos degraus da entrada do clube.

- Só mais uma coisa - disse o representante do MNE. – Não fale sobre este assunto a mais ninguém. Vou ter de registrar os fatos no meu departamento e arquivá-los como confidenciais, evidentemente, mas, à parte esse pormenor, ficará tudo entre o senhor e o MNE.

- Evidentemente - respondeu Manson.

- Estou muito grato por ter achado conveniente dizer-me o que se passa. Vou manter-me atento à situação em Zangaro e, se verificar alguma alteração na cena política, o senhor será o primeiro a saber.

Sir James fez sinal ao seu motorista.

- O primeiro a saber - repetiu, imitando o outro, já instalado no seu Rolls- Royce, a caminho do Gloucestershire. - Não tenha dúvida que serei mesmo, rapaz! Eu é que vou desencadear essa alteração.

Uma hora depois, Gordon Chalmers estava deitado ao lado da mulher, cansado e exasperado.

- Não posso fazer isso - afirmava. - Não posso falsificar um relatório de mineração para ajudar indivíduos da laia do Manson a ganhar mais dinheiro.

- Mas que importa? - perguntou Peggy Chalmers em tom

suplicante. - Que importa que seja ele ou que sejam os Russos a obter a concessão? Que importa que os preços subam ou desçam? Nós precisamos desse dinheiro Gordon. Por favor, querido, faz o que ele quer!
- Está bem - decidiu finalmente Gordon Chalmers. - Vou fazer o que ele quer.
A mulher encostou a cabeça ao seu peito.
- Obrigada, querido. Por favor não se preocupe. Vai ver como esquece tudo dentro de um mês.
Dez minutos depois, Peggy dormia, exausta da luta de todas as noites para dar banho em Margaret e deitá-la, bem como da discussão com o marido, a que não estava habituada. Gordon Chalmers continuou de olhos abertos, fixando a escuridão.
"Eles ganham sempre", murmurou baixinho. "Esses miseráveis ganham sempre".
No dia seguinte, sábado, redigiu um novo relatório destinado à República de Zangaro, queimou os seus apontamentos e jogou no lixo as amostras de rocha mais comprometedoras.
Na segunda-feira, Sir James Manson recebeu o relatório, que enviou para a Seção de Contratos Intercontinentais. Bryant recebeu ordens para partir no dia seguinte, a fim de entregá-lo ao ministro dos Recursos Naturais em Clarence, capital de Zangaro, juntamente com uma carta na qual a companhia manifestava o seu pesar pelos resultados das análises.
Na terça-feira, Jack Mulrooney partiu também para África, encantado por sair de Londres. Esperava-o o Quênia, o

mato, a possibilidade de caçar um leão.

Apenas dois homens conheciam o que realmente se ocultava no interior da Montanha de Cristal. Um jurara pela sua honra guardar silêncio, o outro planejava
a sua próxima jogada.

CAPÍTULO QUATRO

Simon Endean entrou no gabinete de Sir James Manson carregando um volumoso dossiê sobre Zangaro.

- Ninguém soube quem você era nem o que estava fazendo? - perguntou Manson, enquanto acendia um charuto.

- Não, Sir James. Usei um pseudônimo e ninguém me fez perguntas. Expliquei que estava preparando uma tese de licenciatura sobre a África póscolonial.

- Muito bem. Depois leio o relatório. Agora me diga o essencial. Endean abriu um mapa que representava em grande escala uma parte da costa da África Ocidental.

- Como vê, Zangaro confina a norte e a leste com esta república, a sul com esta aqui e a oeste com o mar. Tem a forma de um retângulo, cujo lado menor se estende pelo litoral ao longo de cento e dez quilômetros e cujos lados maiores se
internam cento e sessenta quilômetros no interior. A capital, o porto de Clarence,
fica aqui, sobranceira ao mar, na extremidade desta pequena península, ampla e pouco comprida, a meio da costa. Por trás da capital estende-se uma planície costeira que constitui a única área cultivada do país, além da qual corre, de norte

para sul, o rio Zangaro, que divide o país em duas zonas, uma plana e outra montanhosa.
Manson observou atentamente o mapa.
- E quanto a estradas? - perguntou.
- Esta estrada aqui corre ao longo da crista da península e penetra cerca de dez quilômetros no interior, seguindo diretamente na direção leste, até entroncar,
aqui, com a outra estrada principal. Para chegar à fronteira setentrional, virase
aqui à esquerda. Na direção sul, a estrada é de terra batida e não tem saída.
- Há certamente uma estrada que conduz às montanhas?
- É secundária e não está assinalada. Da estrada que segue para norte sai um caminho para a direita que dá acesso a uma ponte de madeira, em risco de desmoronar, sobre o rio.
- E é esse o único caminho que conduz de uma zona do país a outra? - perguntou Manson, assombrado.
- O único para tráfego rodoviário. Os nativos viajam em canoas.
- Quem são os nativos? Que tribos vivem em Zangaro?
- Duas - respondeu Endean. - A leste do rio fica a região dos Vindus, que vivem praticamente na Idade da Pedra e que, na sua maioria, não saem do mato. A planície, incluindo a península, é a região dos Cajas. Os Cajas, partidários do
Governo Colonial e os Vindus odeiam-se mutuamente. O presidente Kimba, que é vindu, ganhou as eleições organizando brigadas com membros da sua tribo, que,

através do terror, lhe asseguraram a obtenção dos votos.
- Qual é a população?
- Quase impossível de contar, mas os números oficiais indicam trinta mil cajas e cento e noventa mil vindus.
- E a economia?
- Um desastre. Estão falidos. O papel-moeda não tem valor, as exportações estão reduzidas a zero e nenhum país os deixa importar. Há um hospital administrado pela ONU e os Russos, a ONU e o antigo Governo Colonial ofereceram medicamentos, inseticidas, etc., mas como o Governo vende sistematicamente todos os produtos e guarda o dinheiro, mesmo essas ajudas cessaram.
- Uma autêntica república das bananas, hem? - murmurou Sir James.
- Em todos os sentidos. Governo corrupto e tirano, povo doente e subalimentado. Há recursos, nomeadamente madeira e peixe, e no tempo da administração colonial cultivava-se café, cacau, algodão e bananas. Esta produção, que tinha compradores garantidos, assegurava a existência de divisas e permitia pagar as importações necessárias. Agora ninguém trabalha. Cultivam o suficiente para subsistir, mais nada.
- É impossível que tenham sido sempre tão ociosos. Quem trabalhava nas plantações na época colonial?
- O Governo Colonial levou para lá alguns trabalhadores negros vindos de outras regiões, que se estabeleceram e ainda vivem em Zangaro. Com as famílias, devem ser cerca de cinqüenta mil. Mas como a potência colonial

nunca lhes concedeu direito de voto, não votaram nas únicas eleições efetuadas, quando da independência. Se alguém trabalha naquele país, são eles.
- Onde vivem?
- Cerca de quinze mil ainda vivem em cubatas nas plantações, embora não haja praticamente trabalho e a maquinaria esteja toda avariada. Mas a maioria vive em bairros de lata.
- Quantos europeus ainda lá estão?
- Cerca de quarenta diplomatas e alguns técnicos da ONU. Kimba é um racista fanático. Houve um tumulto em Clarence, há cerca de seis semanas, e um elemento da ONU foi espancado quase até à morte.
- O país tem amigos, diplomaticamente falando?
Endean acenou negativamente com a cabeça.
- Cria mesmo dificuldades à Organização da Unidade Africana. Ninguém quer investir, não por falta de reservas naturais, mas porque nada está ao abrigo
de ser confiscado por alguém que use a insígnia do partido de Kimba. Os seus métodos de intimidação são aterradores! Os Russos, que têm a missão diplomática mais numerosa, provavelmente exercem alguma influência na política externa, sobre a qual o presidente apenas sabe o que lhe dizem dois conselheiros nativos especializados em Moscou.
- E quem foi, exatamente, o criador desse paraíso terrestre?
Em resposta, Endean apresentou a Sir James Manson a fotografia de um africano de meia-idade, envergando uma

casaca preta e com uma cartola de seda na cabeça, que Manson observou atentamente. Era, evidentemente, um instantâneo tirado no decorrer das solenidades da independência, pois se viam em segundo plano alguns funcionários coloniais. O rosto era longo e magro, mas os olhos chamavam a atenção – tinham uma espécie de fixidez vítrea, como os de um fanático.

- O Papa Doc Africano - observou Endean. - Doido varrido. Libertador do jugo do homem branco, relacionado com os espíritos, vigarista, chefe da Polícia, torturador: Sua Excelência o Presidente Jean Kimba.

Sir James continuou a fitar o rosto do homem que, sem saber, estava sentado sobre dez mil milhões de dólares de platina. Perguntou a si mesmo se o Mundo perceberia seu desaparecimento.

NA manhã seguinte, Sir James solicitou de novo a presença de Endean no seu gabinete.

- Há um assunto acerca do qual preciso de mais esclarecimentos, Simon - declarou-lhe Sir James sem preâmbulos. - Falou de um tumulto em Clarence. Que é que o originou?

- Sabe-se que o presidente tem um medo psicótico de ser assassinado. Por vezes, quando quer prender e executar alguém, faz correr rumores de um atentado. Foi o que aconteceu ao comandante do Exército, coronel Bobi. Disseram-me que o diferendo resultou do fato de Kimba não ter recebido uma comissão suficientemente elevada de um negócio realizado por Bobi com um carregamento de drogas e medicamentos destinados ao hospital da

ONU. O Exército apoderou-se de uma parte e Bobi vendeu-a no mercado negro. Quando o diretor do hospital protestou junto de Kimba e indicou o valor real do material que
faltava, este verificou que tal valor excedia em muito os lucros que Bobi repartira
com ele. Encolerizado, mandou os seus guardas prenderem Bobi. Eles não o encontraram, mas apanharam o infeliz funcionário da ONU.
- E o que aconteceu a Bobi? - perguntou Manson.
- Já tinha atravessado a fronteira e estava a salvo.
- Como é ele?
- Parece um gorila. Não é inteligente, mas possui uma certa astúcia animal.
- Foi educado no Ocidente? Não é comunista? - insistiu Manson.
- Não, não é comunista. Não tem idéias políticas.
- Subornável? Cooperaria por dinheiro?
- Com certeza. Deve estar vivendo muito modestamente, exilado de Zangaro.
- Encontre-o, seja onde for que estiver.
Endean fez um gesto afirmativo com a cabeça.
- Devo contatá-lo?
- Ainda não. O que me interessa imediatamente é uma descrição completa e pormenorizada da segurança militar na capital e nas imediações do palácio do presidente. Quero saber o número de contingentes militares, onde estão as tropas aquarteladas, qual a sua experiência, qual a resistência que ofereceriam se fossem atacadas, qual o

tipo de armas usadas... enfim, tudo. Endean fitou o patrão, estupefato. Se fossem atacadas? Que diabo planejaria o velho?

- Eu não posso dar-lhe essas informações, Sir James. Exigem um conhecimento profundo de assuntos militares ... e de tropas africanas.

De pé junto à janela, Manson olhava a city, o coração financeiro de Londres.

- Bem sei - disse em voz baixa. - Precisamos de um militar para obtermos um relatório desse gênero.

- Estou convencido, Sir James, de que dificilmente poderá encontrar um militar disposto a encarregar-se de semelhante missão. Nem mesmo por dinheiro.

- Há um tipo de militar que o faria - afirmou Manson. – Um mercenário. Estou disposto a pagar bem. Arranje-me um mercenário inteligente e com iniciativa. O melhor da Europa.

CAT Shannon estava estendido na cama, num pequeno hotel de

Montmartre. enfastiado e sem dinheiro, depois de ter passado várias semanas viajando pela Europa em busca de trabalho.

As ofertas eram poucas. Corriam boatos de que a CIA estava contratando mercenários para treinar meios anticomunistas no Camboja e que alguns xeques do golfo Pérsico começavam a aborrecer-se dos seus conselheiros militares britânicos e procuravam mercenários que lutassem do seu lado ou se encarregassem da segurança dos seus palácios. Shannon

não confiava na CIA nem tão-pouco nos Árabes.
E visto que não surgiam guerras lucrativas, restava-lhe a possibilidade de trabalhar como guarda-costas de algum negociante de armas europeu, um dos quais já o contactara em Paris nesse sentido.
Embora não tivesse rejeitado definitivamente a proposta, Cat não estava verdadeiramente interessado nela. O negociante encontrava-se em apuros por ter traído o Serviço de Aprovisionamento do IRA, informando os Ingleses do local onde algumas armas por ele vendidas seriam desembarcadas. Haveria com certeza tiroteio e a Polícia Francesa não gostaria de ver as suas ruas semeadas de combates sangrentos. Além do mais, como Shannon era protestante e natural do Ulster, ninguém acreditaria que ele se limitara a executar o seu trabalho.
Cat permanecia deitado olhando para o teto e recordando as extensões desertas de relva e árvores enfezadas que crescem ao longo da fronteira entre os condados de Tyrone e Donegal e que considerava ainda como a sua terra, embora praticamente não a visse desde que fora enviado para a escola, aos oito anos. Os seus pais haviam morrido num acidente de automóvel há onze anos, quando ele tinha vinte e dois e era sargento nos Fuzileiros Reais. Shannon regressara à sua terra para assistir ao funeral, após o que fechara a casa. Como civil, o seu primeiro emprego fora numa empresa que mantinha negócios na África. Familiarizara-se então com as complexidades da estrutura empresarial, do comércio e da banca, da organização de grandes companhias e do

valor de uma discreta conta num banco suíço. Após um ano de trabalho em Londres, fora colocado como subgerente da sucursal da companhia no Uganda, que deixara sem explicações, seguindo para o Congo. Havia já seis anos que vivia como mercenário, sendo, na melhor das hipóteses, considerado como um soldado de aluguel e, na pior, como um assassino a soldo. A dificuldade residia no fato de,
uma vez conhecido como mercenário, não ser possível retroceder. Não que lhe fosse difícil arranjar um emprego, o problema seria conservá-lo. Ficar sentado num escritório, voltar aos livros de contabilidade e ao comboio que o transportaria
de casa para o trabalho e vice-versa, e depois olhar pela janela e recordar a selva,
as palmeiras ondulantes, os rios, o cheiro de suor e cordite, o gosto de cobre do
medo imediatamente antes de um ataque e a alegria selvagem, cruel, de permanecer vivo depois dele - esta situação parecia-lhe insuportável. Assim, continuava estendido na cama fumando e perguntando-se como lhe surgiria o próximo trabalho.
Simon Endean sabia que em Londres era possível descobrir o que quer que fosse, incluindo o nome e a morada de um mercenário de primeira classe. O único problema era onde começar a procurar.
Depois de uma hora de reflexão no seu gabinete e de algumas xícaras de café, tomou um táxi e dirigiu-se para Fleet Street, onde um amigo que trabalhava num dos mais

importantes jornais londrinos lhe proporcionou o acesso a praticamente todas as notícias publicadas nos últimos dez anos referentes a mercenários. Leu-as todas, prestando especial atenção aos nomes dos autores dos artigos, pois nessa primeira fase não procurava ainda o nome de um mercenário.

Havia inúmeros pseudônimos, nomes de guerra e alcunhas. Interessava-lhe encontrar o nome de um repórter que conhecesse o assunto sobre o qual escrevia. Ao cabo de duas horas, descobrira o que procurava. Um telefonema para o seu amigo jornalista permitiu-lhe saber a morada do articulista. Cerca das oito horas da manhã seguinte, Simon Endean apertou o botão da campainha ao lado da placa que ostentava o nome do articulista, e um minuto depois ouviu perguntar, através da rede de metal montada na ombreira:

- Quem é?

- Bom dia - cumprimentou Endean, falando para a rede. - Chamo-me Walter Harris. Gostaria de lhe falar.

Subiu, entrou no apartamento e dirigiu-se sem preâmbulos ao homem que o esperava:

- Represento um consórcio comercial com interesses num Estado da África Ocidental.

O repórter assentiu cautelosamente, sorvendo um gole de café.

- Fomos informados da possibilidade de um golpe de Estado nessa república, possivelmente apoiado por comunistas. Está compreendendo?

- Estou. Continue.

- Para que o golpe triunfasse, seria necessário que os conjurados começassem por assassinar o presidente. Portanto, a questão da segurança do palácio é vital. O Ministério dos Negócios Estrangeiros não encara sequer a possibilidade de enviar um oficial de carreira britânico para se encarregar dessa
missão.
- E então. - O repórter acabou o café e acendeu um cigarro.
- Então o presidente aceitaria os serviços de um soldado profissional, por contrato, como conselheiro para todos os assuntos relacionados com a sua segurança pessoal. Pretende um homem capaz de passar minuciosamente em revista os serviços de segurança do palácio e corrigir qualquer falha. O repórter duvidou seriamente da veracidade da história de Harris. Se o que se pretendia era realmente a segurança do palácio, o Governo Britânico não

se escusaria a enviar um perito que supervisionasse aos necessários aperfeiçoamentos técnicos. Além disso, na Sloane Street, 22, em Londres, havia uma firma chamada Watchguard International, cuja especialidade era precisamente a requerida, fato para o qual chamou a atenção do visitante.
- É evidente que preciso ser um pouco mais sincero - observou Endean.
- Seria talvez necessário.
- A verdade é que o Governo poderia aceder a enviar um perito com funções meramente consultivas, mas se fosse

necessário treinar os guardas do palácio, um inglês enviado pelo Governo não poderia encarregar-se dessa missão. Quanto à Watchguard, se um dos seus homens fizesse parte do pessoal do palácio e, não obstante a sua presença, o golpe fosse tentado, sabe o que o resto da África pensaria. Para eles, a Watchguard é o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

- Então que deseja de mim? - perguntou o repórter.

- O nome de um bom soldado mercenário - respondeu Endean. - Um soldado com inteligência e iniciativa, que saiba merecer bem o dinheiro que ganha.

- Eu escrevo para viver - lembrou o repórter.

Endean retirou lentamente da algibeira duzentas libras em notas de dez que colocou sobre a mesa.

- Então escreva para mim - disse. - Nomes e currículo. Ou fale se preferir.

- Escrevo.

O repórter consultou um arquivo, sentou-se à máquina de escrever e por fim estendeu três folhas de papel a Endean.

- Atualmente, são estes os melhores: alguns são veteranos do Congo, há seis anos, e outros surgiram na Nigéria.

Endean segurou as folhas e leu-as com atenção:

ROBERT DENARD: Francês. Antecedentes criminais. Participou na secessão do Catanga em 1961-1962. Partiu depois do fracasso da secessão e do exílio de Tchombé. Comandou a operação de mercenários franceses no lêmen. Regressou ao Congo em 1964. Comandou o 6º

Destacamento. Participou na segunda revolta de Stanleyville (o motim dos mercenários) em 1967. Gravemente ferido. Vive em Paris.

JACQUES SCHRAMME: Belga. Alcunha: Jacques, o Negro. Formou a sua própria unidade de catangueses em 1961. Destacou-se na tentativa de secessão. Em 1967, desencadeou o motim de Stanleyville, ao qual aderiram Denard e a sua unidade. Assumiu o comando conjunto após Denard ser ferido e conduziu a marcha para Bukavu.

MITCH HOARE: Inglês nacionalizado sul-africano. Conselheiro na secessão do Catanga. Amigo íntimo de Tchombé. Em 1964 formou o 5º Destacamento com soldados de língua inglesa. Retirou-se em Dezembro de 1965.

CHARLES Roux: Francês. Incompatibilizado com Hoare, sob cujas ordens combatera em 1964, juntou-se a Denard. Participou na primeira revolta de

Stanleyville, em 1966, na qual a sua unidade foi praticamente dizimada. Saiu secretamente do Congo, aonde regressou em 1968 para se juntar a Schramme. Foi ferido em Bukavu. Não voltou a combater desde então, mas vive em Paris e pretende ser o chefe de todos os mercenários franceses.

CARLO SHANNON: Irlandês. Serviu sob o comando de Hoare, no 5º

Destacamento, e combateu com Schramme em Bukavu durante todo o cerco. Foi repatriado em Abril de 1968. Comandou uma unidade própria durante toda a Guerra Civil Nigeriana. Supõe-se que está em Paris.

Havia outros - belgas, alemães, sul-africanos e franceses, alguns como Shannon e Roux, tinham-se tornado famosos na Nigéria.
Quando acabou de ler, Endean ergueu a cabeça e perguntou:
- Estes homens estariam todos disponíveis?
O jornalista abanou a cabeça negativamente.
- Duvido. Mencionei todos os que poderiam - o que não significa que queiram - fazê-lo.
- Diga-me, qual deles escolheria você?
- Cat Shannon - respondeu o interpelado, sem hesitar. – É um homem com capacidade inventiva e muita audácia. Pessoalmente, escolheria Cat.
- Onde está ele?
O repórter indicou um hotel e um bar de Paris onde seria possível tentar encontrá-lo.
- E se esse Shannon não estiver disponível, qual é o segundo nome que aconselha?
- O único que está, quase com certeza, disponível, e que tem a experiência necessária é Roux - respondeu o repórter, após alguns segundos de meditação. CAT Shannon subia pensativamente uma rua transversal, a caminho do hotel, situado no alto de Montmartre. Pouco passava das cinco horas da tarde de um dia de Março e soprava um vento frio. O tempo condizia com o estado de espírito de Shannon, que pensava no Dr. Dunois, o qual acabara de lhe fazer um exame médico completo. Antigo pára-quedista e médico militar, Dunois participara em expedições no Himalaia e nos Andes, como médico das

equipes, e mais tarde oferecera-se como voluntário para diversas missões arriscadas em África. Tornara-se conhecido como o médico dos mercenários, que, quando se sentiam doentes, o consultavam em Paris, onde ele tinha consultório.

Shannon entrou no hotel e dirigiu-se à recepção, a fim de recolher a sua chave. O velho recepcionista informou-o:

- Monsieur, ligaram para o senhor de Londres. Deixaram este recado. O recado garatujado pelo recepcionista dizia apenas: “Cuidado com Harris”, e estava assinado por um jornalista inglês que Shannon conhecia. O velho apontou para a pequena sala que ficava do lado oposto do átrio e acrescentou:

- Tem um senhor na sala à sua espera.

O visitante levantou-se quando Shannon se aproximou.

- Mr. Shannon?

- Sim.

- Chamo-me Walter Harris. Tenho estado à sua espera. Podemos conversar aqui?

- Podemos. O velho não nos ouve. Sente-se.

- Sei que é mercenário, Mr. Shannon.

- Sou.

- Foi-me recomendado. Represento um grupo de homens de negócios londrinos. Precisamos de um trabalho que exige um homem com alguns conhecimentos sobre assuntos militares e que possa viajar para um país estrangeiro sem levantar suspeitas. Um homem que seja capaz de analisar uma situação militar e guardar silêncio.

- Não mato por contrato - informou Shannon concisamente.

- Também não queremos que o faça - respondeu o falso Harris.
- Muito bem, de que se trata? E quanto pagam?
- Primeiro, teria de ir a Londres, para receber instruções - respondeu Endean, enquanto retirava um maço de notas do bolso. - Pagamos-lhe cento e vinte mil libras pela viagem de avião e por uma estada de uma noite. Se recusar a

proposta, recebe mais cem libras pelo incomodo. Se aceitar, discutimos o resto. Shannon acenou afirmativamente com a cabeça.
- Está bem. Quando?
- Amanhã. Chegue à hora que quiser durante o dia e hospede-se no Hotel Post House, em Havearstock Hill. Depois de amanhã, às nove horas, telefono-lhe e marco-lhe um encontro para essa mesma manhã. Está claro?
Shannon aceitou o dinheiro e disse:
- Reserve o quarto no hotel em nome de Keith Brown.
Endean saiu do hotel e desceu a rua à procura de um táxi. Não considerara necessário dizer a Shannon que já falara com outro mercenário, de nome Charles Roux, nem que, não obstante o interesse evidente do francês, não o considerara o homem indicado para o trabalho.
VINTE e quatro horas depois, Shannon estava no seu quarto, no Hotel Post House. Chegara no primeiro vôo da manhã, servindo-se do passaporte falso passado em nome de Keith Brown, que possuía há muito tempo.
A chegada a Londres, telefonara ao jornalista, que lhe relatara a visita de Harris. Seguidamente, dirigira-se a

uma agência de detetives particulares, onde pagara um sinal de vinte libras, prometendo telefonar na manhã seguinte a fim de transmitir instruções.

Nessa manhã, Harris telefonou às nove em ponto.

- Na Sloane Avenue há um prédio de apartamentos, o Chelsea Cloisters. Aluguei o nº 317. Esteja no átrio às onze horas em ponto.

Shannon desligou e telefonou à agência de detetives:

- Quero um homem no átrio do Chelsea Cloisters, na Sloane Avenue, às dez e quinze, com transporte próprio.

- Vai de motocicleta - respondeu o diretor da agência.

Quando se encontrou com o funcionário da agência no local combinado, Shannon deparou-se com um jovem de menos de vinte anos e cabelos compridos. Observou-o com desconfiança e perguntou-lhe:

- Conhece seu ofício?

O rapaz fez um gesto afirmativo. Parecia cheio de entusiasmo, que Shannon desejou que correspondesse a alguma astúcia.

Entregou-lhe um jornal e disse:

- Sente-se ali e finja que está lendo. Por voltas das onze horas vai entrar um homem, com quem eu vou subir no elevador, que deve sair uma hora depois. Nesse momento, você deve estar do outro lado da rua, montado na motocicleta, fingindo que tem uma avaria. Entendeu?

- Entendi.

- O homem vai meter-se no próprio carro ou tomar um táxi. Siga-o. O jovem sorriu e sentou-se, ocultando-se por trás do jornal.

Quarenta minutos depois, chegou o homem chamado Harris. Shannon notou que viera de táxi e esperou que o detalhe também não tivesse passado despercebido ao jovem. Harris dirigiu-se para o elevador, seguido por Shannon. No apartamento nº 317, Harris abriu a pasta, de onde retirou um mapa que estendeu a Shannon. Shannon precisou apenas de três minutos para se inteirar do que lhe interessava. Seguiram-se as instruções, uma prudente mistura de fatos reais e fictícios. Os homens que representava, declarou Harris, negociavam com Zangaro e todos haviam sido lesados durante o governo do presidente Kimba. Descreveu com exatidão as condições vigentes na república, deixando para o fim o âmago da questão.

- Um grupo de oficiais do Exército, que estão pensando em derrubar Kimba através de um golpe, entrou em contato com alguns homens de negócios locais, um dos quais nos expôs o problema: apesar dos seus postos, os oficiais não têm praticamente qualquer experiência militar e não sabem como derrubar o indivíduo, que passa a maior parte do tempo escondido no palácio, rodeado pelos seus guardas. Com toda a franqueza, nem nós nem o povo de Zangaro lamentaríamos a queda de Kimba. Queremos um relatório completo sobre o poder militar do presidente.

Ceticamente Shannon pensou que, se os oficiais do país não tinham capacidade para fazer essa avaliação, tão pouco seriam capazes de executar o golpe. No entanto, limitou-se a dizer:

- Terei de ir como turista, e não me parece que haja muitos turistas em Zangaro. Não poderia a sua companhia me enviar em visita a uma dessas empresas a ela ligadas?
- Não é possível - respondeu Harris. - Se as coisas corressem mal, surgiriam problemas do diabo. Mas aceita o trabalho?
- Se for bem pago, aceito.
- Muito bem. Amanhã de manhã receberá no seu hotel um bilhete de avião de ida e volta de Londres para a capital da república vizinha de Zangaro. Vai ter
de passar por Paris para obter o visto e tomar um avião da Air Afrique, depois apanha o de ligação com Clarence. Juntamente com os bilhetes envio quinhentas libras em francos franceses para as despesas e mais quinhentas para você.
- Mil para mim - corrigiu Shannon.
- Dólares? Ouvi dizer que vocês trabalham com dólares americanos.
- Libras. Equivale a dois mil e quinhentos dólares, ou seja a dois meses de ordenado base em qualquer contrato normal.
- Mas o senhor só vai estar fora dez dias! - protestou Harris.
- Dez dias muito arriscados. Se o lugar é tão ruim como o descreveu, quem for apanhado fazendo o trabalho que me pede morrerá fatalmente, e terá uma morte dolorosa.
- Está bem. Quinhentas agora e quinhentas quando regressar.
Dez minutos depois, Endean saiu.

Às três da tarde, Shannon telefonou para a agência de detetives.
- Ah, sim, Mr. Brown! - exclamou a voz que o atendeu. - O meu empregado seguiu-o até à city e viu-o entrar no Edifício ManCon, sede da Manson Consolidated Mining.
- Sabe se ele trabalha lá? - perguntou Shannon.
- Parece que sim. O meu empregado reparou que o porteiro levou a mão ao boné e segurou a porta para ele entrar, o que não fez em relação a um grupo de secretárias e escriturários que saíam.
Shannon reconheceu que, afinal, o jovem realizara um bom trabalho. Deu mais algumas instruções e, nessa tarde, enviou pelo correio mais cinqüenta libras
à agência. Na manhã seguinte, abriu uma conta num banco, onde depositou quinhentas libras. Depois tomou o avião para Paris.
No mesmo momento que Shannon levantava vôo para a África Ocidental, o Dr. Gordon Chalmers jantava com um antigo colega da universidade, agora também cientista. Quinze anos antes, quando ambos trabalhavam duramente para obterem o bacharelato, haviam participado, juntamente com milhares de outros jovens, numa marcha a favor do desarmamento nuclear. A indignação que sentiam pelas condições vigentes no Mundo tornara-os simpatizantes do Movimento da Juventude Comunista. Chalmers ultrapassara essa fase, casara e fora absorvido pela classe média assalariada.
As múltiplas preocupações que o haviam atormentado no decorrer das duas semanas antecedentes levaram-no a

beber mais do que o habitual copo de vinho ao jantar. Na altura do brandy, Chalmers sentiu necessidade de confidenciar as suas preocupações a alguém que, ao contrário da mulher, era cientista como ele e poderia compreendê-lo. Evidentemente que o assunto era altamente confidencial. O amigo, cujo olhar se toldou de compaixão quando o ouviu falar da filha mutilada,
mostrou-se solícito.

- Não se preocupe, Gordon. Qualquer outro teria feito o mesmo.

Chalmers sentiu-se melhor, como se tivesse, de certo modo, compartilhado o seu problema.

Quando interrogara o amigo sobre o decorrer da sua vida durante aqueles anos, ele mostrara-se levemente evasivo, e Chalmers não insistira. Mesmo que o tivesse feito, seria pouco provável que o amigo lhe tivesse confidenciado que se tornara um membro ativo do Partido Comunista.

CAPÍTULO CINCO

O Convair 440 que se preparava para aterrissar em Zangaro, vindo da república vizinha, inclinou-se acentuadamente sobre uma das asas ao sobrevoar Clarence. Shannon olhou para baixo e viu a capital de Zangaro situada na extremidade da península e rodeada por três lados pelas águas do golfo orladas de palmeiras. A língua de terra mediria cerca de cinco mil metros de largura na base e aproximadamente mil e quinhentos no ponto onde a cidade estava situada, perto da extremidade. O litoral era formado por mangais. No extremo da península havia um pequeno porto com duas

longas línguas de areia curvas que penetravam no mar. Shannon viu o mar encrespado pela brisa.
Em terra o calor era abrasador. Enquanto preenchia um longo formulário, Shannon não perdia de vista cerca de uma dúzia de soldados armados de espingardas que passeavam indolentemente no pequeno edifício do aeroporto. As dificuldades começaram logo na alfândega. Um civil ordenou-lhe secamente que entrasse numa sala contígua, onde o seguiram quatro soldados com ar presunçoso. Foi então que se recordou do Congo, imediatamente antes da mais sangrenta chacina dessa guerra, onde notara aquele mesmo ar de negligência ameaçadora, aquela sensação de poder sem justificativa capaz de se transformar subitamente em violência frenética.
O funcionário civil da alfândega despejou o conteúdo da mala de Shannon sobre a mesa desconjuntada. Pegou na máquina de barbear elétrica que, quando ele apertou o interruptor, começou a zumbir com violência. Sem alterar a expressão do rosto, guardou-a na sua secretária e por meio de gestos, ordenou a Shannon que esvaziasse os bolsos e despejasse o seu conteúdo sobre a mesa. Resmungou ao ver os traveler's cheques e devolveu-os, mas guardou as moedas na algibeira. Havia duas notas franco-africanas de cinco mil francos e diversas notas de cem. Ficou com as de cinco mil e um dos soldados guardou o resto. O funcionário da alfândega levantou a camisa e bateu na coronha de uma Browning de 9 mm, que trazia enfiada no cós das calças.

- Polícia - declarou.
Shannon, que sentia vontade de lhe esmurrar a cara, limitou-se a apontar o resto dos seus haveres, espalhados sobre a mesa. O homem fez um gesto de assentimento e Shannon começou a guardar os seus objetos pessoais, percebendo que, atrás de si, os soldados se retiravam. Decorrido o que lhe pareceu uma eternidade, o funcionário da alfândega apontou-lhe a porta, e Shannon saiu, sentindo o suor escorrer-lhe pelas costas.
Do lado de fora, na pequena praça, não havia transportes. Ouviu então uma voz suave com sotaque irlandês e ressonância americana que lhe perguntava:
- Posso dar-lhe uma carona até à cidade, meu filho?
O convite era feito por um padre católico que se deslocara ao aeroporto para esperar o outro passageiro branco do avião, uma jovem americana. Quando se afastaram num Volkswagen, o sacerdote olhou
compreensivamente para Shannon.
- Foi roubado?
- Ficaram-me com tudo - respondeu Shannon.
O prejuízo não era vultoso, mas ambos haviam percebido o estado de espírito dos soldados.
- Aqui é preciso ter muito cuidado. Já tem hotel?
Perante a negativa de Shannon, o padre conduziu-o ao Hotel
Independence.
- O gerente chama-se Gomez e é boa pessoa.
Geralmente, quando um rosto desconhecido chega a uma cidade africana, os outros europeus costumam convidar o

recém-chegado para tomar uma bebida, o que o sacerdote, porém, não fez. Shannon viria a saber que a tensão que reinava em Zangaro também afetava os brancos. Nessa mesma noite, no bar do hotel, através de uma conversa com Jules Gomez, começaria a inteirar-se mais profundamente da situação vigente.

Gomez comprara o hotel cinco anos antes da independência. Após esta ser declarada, fora inesperadamente informado de que o hotel seria nacionalizado e que o indenizariam em moeda local. Embora não tivesse recebido qualquer indenização - que, de qualquer modo, representaria apenas papel sem valor - , permanecera como gerente do hotel, na esperança de que um dia a situação melhorasse.

Quando o bar fechou, Shannon convidou Gomez para tomar uma bebida no seu quarto. Depois do gerente ter esvaziado metade de uma garrafa de uísque que trouxera na mala e que os soldados lhe haviam deixado, Shannon começou a sondá-lo cuidadosamente, tentando obter informações. Gomez confirmou, numa voz que o medo fazia baixar, que o presidente Kimba residia no seu palácio, de onde raramente saía, e poderosamente escoltado, para uma visita ocasional à sua aldeia natal, no território vindu.

Quando Gomez se dirigiu, cambaleante, para o seu quarto, Shannon conseguira recolher mais algumas pequenas informações.

Segundo aquele garantira, as armas que as três unidades - conhecidas, respectivamente, por Força Civil de

Segurança, Gendarmana e Força Alfandegária
- usavam não tinham munições, uma vez que os seus membros pertenciam ao povo caja, que não merecia confiança. O poder, na cidade, estava exclusivamente nas mãos dos vindus de Kimba. A temida polícia secreta se vestia civilmente e usava armas automáticas. Os soldados do Exército estavam armados com espingardas não automáticas como as que Shannon vira no aeroporto. A guarda pessoal de Kimba, totalmente leal ao presidente, alojava-se no recinto do palácio e
usava espingardas-metralhadoras.
Na manhã seguinte, Shannon saiu a fim de proceder às suas investigações. Decorridos segundos, notou um rapaz que corria a seu lado. Só mais tarde soube a razão desta companhia. Era um serviço prestado por Gomez a todos os seus hóspedes: se o turista era preso e levado, o rapaz corria para avisar Gomez, que fazia chegar a informação à Embaixada da Suíça ou da Alemanha Ocidental, a fim de que se iniciasse o processo de libertação do turista antes que o espancassem até à morte.
Utilizando um mapa que Gomez lhe dera, Shannon dirigiu-se para a periferia de Clarence, tendo percorrido quilômetros sempre com o rapaz na sua pegada. De novo na cidade, localizou o banco os Correios, meia dúzia de ministérios, o porto e o hospital da ONU, tendo verificado que cada um destes

locais estava guardado por seis soldados mal fardados e indolentes, armados com velhas espingardas Mauser 7,92 não automáticas. Avaliou o seu número em

cerca de cem e considerou nula a sua capacidade de combate, certo de que fugiriam em caso de tiroteio. Atraíram-lhe a atenção as suas cartucheiras, espalmadas, desprovidas de munições. Obviamente, cada Mauser tinha o seu cunhete fixo, mas a sua capacidade era de apenas cinco balas.

Shannon dedicou a tarde a percorrer o porto. As duas línguas de areia que formavam o porto natural, cujas extremidades se erguiam a cerca de dois metros acima do nível da água, tinham cerca de seis metros de altura no ponto em que se afastavam da costa. Enquanto de uma das extremidades não era possível avistar o palácio, oculto por um armazém, da outra se distinguia claramente o seu último andar. A sul do armazém viam-se algumas canoas de pesca atracadas numa praia que Shannon considerou adequada para um desembarque.

Por trás do armazém desenhavam-se numerosos caminhos e uma estrada que conduziam ao palácio. Shannon seguiu pela estrada. Ao chegar ao alto da subida, pôde ver um espaço plano e, cerca de duzentos metros adiante, a fachada de um edifício que deveria ter sido outrora a residência de um governador colonial.

Avançou cerca de cem metros e alcançou o cruzamento com uma estrada lateral que seguia ao longo da costa, no qual se encontravam quatro soldados, menos sonolentos e melhor uniformizados que os outros e armados com espingardas de assalto Kalashnikov AK 47, que o seguiram com o olhar quando ele virou na direção do hotel.

Eram os guardas do palácio. Obviamente, a partir do cruzamento, o acesso ao palácio era interdito.
Enquanto caminhava, foi registrando mentalmente pormenores do palácio. A sua fachada teria cerca de vinte e oito metros de largura; as janelas do térreo
estavam fechadas com tijolo e o acesso ao edifício principal realizava-se através
de uma arcada onde existia uma sólida porta de madeira alta e larga, reforçada com ferrolhos. No andar imediatamente acima havia sete janelas, e no superior, dez, de dimensões consideravelmente menores.
Ainda antes do pôr do Sol, Shannon deu uma volta completa no palácio, embora de longe. Partindo de cada uma das fachadas laterais do edifício, e prolongando-se cerca de oitenta metros para os fundos, erguia-se um muro recém-construído com cerca de dois metros e meio de altura e coroado de garrafas partidas, cujas extremidades eram unidas por uma outra parede, formando um pátio. Significativamente, apenas a porta da fachada principal dava acesso a todo o recinto.
Shannon sorriu para o rapaz, falando mais para si do que para ele, que o fitava sem o compreender.
- Imagine, rapaz, que aquele idiota julga estar protegido com um grande muro e uma única entrada, quando na realidade se meteu dentro de uma enorme ratoeira de cimento.
À .noite, Gomez convidou Shannon para ir ao seu quarto. Decidido a conservar o seu disfarce de turista, Shannon teve de contentar-se com informações fragmentadas, sem

seqüência. Soube que Kimba conservava o tesouro e o arsenal nacionais fechados à chave na sua própria residência. A estação de rádio nacional também estava instalada no palácio. Além dos cem

soldados dispersos pela cidade, havia mais cem nos arredores, total que perfazia metade do Exército. A outra metade estava aquartelada em barracões, que se alinhavam a cerca de quatrocentos metros do palácio. Esses homens, juntamente com os guardas do palácio, aproximadamente em número de sessenta, que não possuam artilharia nem carros blindados, constituíam toda a força de defesa de Kimba.

Foi na terceira noite que Shannon encontrou o soldado. Conseguira observar de perto os fundos e as alas laterais do palácio, mas, ao tentar passar pela fronte do edifício, fora interceptado por dois guardas, que lhe haviam ordenado bruscamente que seguisse o seu caminho. Comprovara que havia sempre um grupo de soldados no cruzamento, onde já na véspera os vira, e concluíra também que, do local onde se encontravam, não podiam divisar o porto. No caminho de regresso ao Hotel Independente, e ao passar diante de diversos bares, o soldado interceptara-o. Visivelmente embriagado, avançara, cambaleante, na direção de Shannon, agarrado à Mauser e resmungando algo que o mercenário interpretou como uma exigência de dinheiro. Sem dar tempo a Shannon para retirar o dinheiro do bolso, o homem grunhiu um som ininteligível e apontou-lhe a arma. A partir desse momento, tudo se passou rápida e

silenciosamente. Shannon sentiu uma dor lancinante subir-lhe do braço até ao ombro, ao mesmo tempo que ouvia o estalar do pescoço do soldado, que tombou no solo, deixando cair a arma.

Depois de olhar para ambos os lados da estrada e comprovar que estava só, Shannon empurrou o corpo para uma vala e examinou a espingarda, de cujo carregador extraiu as balas, apenas três, constatando que não havia mais nenhuma na câmara. Desapertou o coldre e examinou o cano da arma à luz da Lua. Aos seus olhos se depararam vários meses de sujeira e ferrugem. Tornou a colocar as balas no carregador, atirou a arma para junto do cadáver e regressou para o hotel.

"Cada vez melhor...", murmurou ao meter-se na cama.

Duvidava que procedessem a um inquérito policial e esperava que atribuíssem a fratura do pescoço à queda na vala, provocada pela embriaguez. No entanto, permaneceu o dia seguinte no hotel, conversando com Gomez, alegando ter uma enxaqueca. Na manhã do outro dia, embarcou no Convair para a república vizinha, situada a norte. Ao ver a terra desaparecer, ocorreu-lhe subitamente ao espírito uma das afirmações de Gomez. Não existiam, nem nunca haviam existido, quaisquer operações de mineração em Zangaro.

Quarenta horas mais tarde, encontrava-se de novo em Londres.

O embaixador Lenida Dobrovolsky sentia sempre uma leve inquietação no dia da sua entrevista semanal com o presidente Kimba.

Como outros que haviam conhecido o ditador, estava convencido da sua loucura. Porém, ao contrário desses, tinha ordens de Moscou para envidar todos os esforços possíveis a fim de estabelecer relações de trabalho com o despótico africano. Sentado à sua secretária de mogno, o presidente Kimba parecia esforçar-se por se manter imóvel. Dobrovolsky sabia que a entrevista podia começar de duas formas diametralmente opostas: ou o dirigente zangarem-se falaria lucidamente ou gritaria como um possesso.

Kimba saudou os russos com uma leve inclinação de cabeça e murmurou:

- Queiram dizer.

Dobrovolsky soltou um suspiro de alívio, não obstante soubesse que as más notícias de que era portador poderiam modificar o ambiente favorável.

- Sr. Presidente, o meu governo comunicou-me que possui informações sobre a possível inexatidão do relatório acerca de uma prospecção mineira recentemente enviado para Zangaro por uma companhia britânica. Refiro-me à prospecção efetuada há várias semanas por uma firma de Londres, a Manson Consolidated.

E o embaixador continuou a descrever o relatório que fora entregue por um certo Mr. Bryant ao ministro dos Recursos Naturais.

- Resumindo, Excelência, recebi instruções para informá-lo que o meu governo crê que o relatório é inexato no que se refere ao que foi encontrado na Montanha de Cristal.

- Em que aspecto é esse relatório inexato? - perguntou

Kimba em voz baixa.
- Parece, Excelência, que as amostras de minério continham mais elementos do que os indicados pelos ingleses.
- Enganaram-me - disse Kimba, sempre em voz baixa.
- É evidente, Excelência - atalhou Dobrovolsky -, que a única maneira de adquirir uma certeza é encarregar outra equipe de prospecção de examinar a área. Recebi instruções para solicitar a Vossa Excelência autorização para que uma equipe do Instituto de Minas de Sverdlovsky venha a Zangaro. Depois de ponderar a proposta, Kimba fez um gesto afirmativo com a cabeça:
- Concedido.
Dobrovolsky inclinou-se. A seu lado, Volkov, aparentemente segundosecretário da embaixada, mas também membro da KGB, lançou-lhe um olhar
rápido.
- O segundo assunto que nos preocupa é a segurança de Vossa Excelência
- prosseguiu Dobrovolsky.
O ditador reagiu, finalmente. Endireitou bruscamente a cabeça e lançou olhares desconfiados em redor da sala.
- A minha segurança?
- Para garantir a segurança absoluta da inestimável pessoa de Vossa Excelência, e dada a recente traição de um dos vossos oficiais do Exército, sugerimos respeitosamente que um membro do pessoal da minha embaixada seja autorizado a residir no palácio e a prestar assistência à guarda pessoal de Vossa

Excelência.
A alusão à “traição” de Bobi arrancou Kimba do seu transe. O dirigente zangarense começou a falar rapidamente, num tom de voz progressivamente mais alto, enquanto olhava penetrantemente os soviéticos. Apesar de se exprimir em vinu, os russos compreendiam o essencial: o onipresente perigo de traição, os avisos que recebera dos espíritos sobre conspirações e o seu conhecimento preciso da identidade de todos os traidores.
Quando abandonaram o palácio, os dois homens transpiravam.
- Amanhã instalo o meu homem - murmurou Volkov.
- E eu mando vir os engenheiros de minas - declarou Dobrovolsky. - Esperemos que haja realmente alguma irregularidade no relatório dos ingleses. Caso contrário, não sei que explicações vou apresentar ao presidente.
- Não queria estar na sua pele - grunhiu Volkov.
CONFORME combinara com Harris antes de deixar Londres, Shannon instalou-se no Hotel Londres, para onde, a partir do décimo dia da sua partida para Zangaro, Harris telefonaria diariamente, às nove horas da manhã, perguntando por Mr. Keith Brown. Como chegou ao hotel ao meio-dia, Shannon estava livre até à manhã seguinte.
Depois de almoçar, ligou para a agência de detetives e pediu ao diretor que lhe lesse pelo telefone o resultado das averiguações a que procedera. O homem pigarreou e começou a leitura pedida.
- Na manhã que se seguiu ao pedido do cliente, o meu

detetive esperou à entrada do parque de estacionamento subterrâneo do Edifício ManCon. Pôde então ver perfeitamente o sujeito quando este entrou, conduzindo um Corvette, no referido parque. O veículo está registrado em nome de Simon Endean, de Souto Kensington. Endean é o assistente e braço direito de Sir James Manson, presidente e diretor da Manson Consolidated.

- Obrigado - agradeceu Shannon, antes de desligar.

NESSA mesma tarde, Simon Endean informava Sir James do resultado das diligências que efetuara:

- Localizei Bobi - comunicou ao chefe.

- Onde está ele?

- No Daomé, num lugar chamado Cotonu, numa vivenda alugada, tentando passar despercebido.

- E Shannon, o mercenário? - perguntou Manson.

- Deve chegar de um dia para o outro, Sir James. Esta manhã, às nove horas, ainda não havia chegado.

- Experimente agora - ordenou Manson.

Endean foi informado de que Mr. Brown chegara de fato, mas saíra.

- Deixe um recado - resmungou Manson. - Diga que lhe telefona esta tarde, às sete horas. Quero o relatório dele o mais depressa possível. Shannon estava no quarto às sete horas para atender a chamada. Passou o serão a coligir apontamentos e na manhã seguinte escreveu o relatório. Começou por fazer uma narrativa concisa da sua visita e descreveu pormenorizadamente a capital, cujo plano ilustrou com desenhos. Depois fez uma descrição igualmente minuciosa da situação militar, incluindo o fato

de não ter visto quaisquer indícios da existência de uma força aérea ou naval. O único pormenor que não mencionou foi a visita que fizera ao aglomerado de barracas dos milhares de trabalhadores imigrantes, que conversavam entre si nas várias línguas nativas, oriundas de regiões distantes.

Terminou o relatório com o seguinte resumo:

O próprio Kimba simplificou o problema da sua deposição. Se perder o controle da planície costeira, que produz a maior parte dos recursos nacionais, perderá o país. Os seus homens não poderiam conservar essa área enfrentando o ódio de toda a população cada.

Também se perder o palácio, Kimba perderá a capital. Em resumo, a sua política, de centralização reduziu os alvos a um único: o complexo do palácio. Os meios de tomá-lo também foram reduzidos a um só, em virtude do muro que o cerca e da sua única porta: terá de ser tomado de assalto.

O palácio e os terrenos adjacentes poderiam ser tomados com poucas baixas humanas, depois de serem pulverizados com fogo de morteiro. O muro circundante, longe de constituir uma proteção contra este tipo de ataque, convertese numa armadilha mortal para os defensores. A porta poderia ser destruída com uma granada de bazuca. Não vi vestígios de qualquer destas armas, nem uma única pessoa apta a usá-las.

Conclusão: qualquer facção do interior da república que pretenda apoderarse do poder terá de destruir Kimba e os

seus guardas dentro do recinto do palácio. Para alcançar este objetivo, necessitaria da colaboração de especialistas com um elevado nível técnico que não existem em Zangaro, pelo que tal assistência, bem como todo o equipamento necessário, deveria provir do exterior do país. Observadas estas condições, seria possível derrubar Kimba ao fim de uma escaramuça que não duraria mais de uma hora.

- Shannon sabe que não existe no interior de Zangaro nenhuma facção que pretenda derrubar Kimba? - perguntou Sir James a Endean no dia seguinte.

- Disse-lhe que havia, no país, uma facção de dissidentes militares e que o consórcio comercial representado por mim pretendia uma avaliação, sob o ponto de vista militar, das suas probabilidades de êxito. Mas ele não é burro. Deve ter
percebido que não há ninguém capaz de realizar semelhante operação.

- Gosto deste Shannon - declarou Sir James. - Nota-se que é corajoso. O problema é se seria capaz de fazer o trabalho todo sozinho.

Endean e Thorpe, confiando-lhes cargos demasiado elevados para as suas idades. Reconhecia em ambos uma falta de escrúpulos que se equiparava à sua. Mas poderia confiar-lhes um assunto confidencial de tal importância? Quando Thorpe entrou no gabinete, Manson sabia como garantir a lealdade de ambos.

- Quero que pensem detidamente no que lhes vou perguntar: até onde seriam capazes de chegar por cinco

milhões de libras, para cada um, depositadas num banco suíço?
Endean olhou-o, estupefato, e respondeu pausadamente:
- Até onde fosse preciso.
Thorpe não respondeu. Sabia que chegara o momento da grande
oportunidade, razão por que se unira a Manson. Fez um gesto afirmativo com a cabeça.
Manson falou ininterruptamente durante uma hora, acabando por lhes revelar o que Chalmers detectara nas amostras da Montanha de Cristal.

Para elucidar Thorpe, leu uma grande parte dos relatórios de Endean e Shannon. Sublinhou a influência soviética e também o recente exílio de Bobi, cuja
colocação no poder podia constituir uma alternativa plausível.
- Para que o plano tenha êxito, temos de montar duas operações paralelas e absolutamente secretas - declarou finalmente Manson. - Numa delas, Shannon, dirigido por Simon, elabora um projeto para destruir o palácio do presidente e entregar o poder a Bobi. Na outra, Martin teria de comprar uma empresa fictícia, sem revelar quem obteve o seu controle nem as razões por que o fez.
Endean franziu a testa e perguntou:
- Qual é a necessidade da segunda operação?
- Explique-lhe, Martin - ordenou Manson.
- Uma companhia fictícia, Simon, é geralmente uma empresa antiga e com pouco capital, cujas ações estão a um preço baixo, digamos, um xelim cada uma.

Suponhamos que alguém, através de um banco suíço, compre secretamente, por esse preço, uma parte minoritária do milhão das ações que constituem o capital da
companhia. Então, sem o conhecimento dos outros acionistas ou da Bolsa de Valores, Sir James teria adquirido, através do banco suíço, seiscentas mil dessas mesmas ações. Seguidamente, o presidente Bobi vendia a essa companhia a concessão exclusiva de mineração em Zangaro, válida por dez anos. Uma equipe de prospecção da companhia desloca-se a Zangaro e descobre a Montanha de Cristal. Que aconteceria às ações da Companhia X, quando a notícia chegasse à Bolsa?

- Subiriam imediatamente - respondeu Endean.

- Com alguma manipulação, cada ação subiria de um xelim para muito mais de cem libras. A compra de seiscentas mil ações a um xelim cada uma representa um desembolso de trinta mil libras. A venda dessas mesmas ações ao preço mínimo de cem libras cada uma resultaria em preciosos sessenta milhões de libras num banco suíço. Não é assim, Sir James?

- É assim mesmo. E, de preferência a vender as ações em pequenos lotes, uma grande companhia poderia fazer uma oferta para o total das seiscentas mil ações.

Thorpe assentiu pensativamente e perguntou:

- E de que companhia aceitaria o senhor a oferta?

- Da minha - respondeu Manson. - A proposta da ManCon seria a única aceitável. Deste modo, a concessão

permaneceria em mãos inglesas e a ManCon adquiriria um enorme capital.
- Pagando o senhor sessenta milhões de libras? – estranhou Endean.
- Não - respondeu Thorpe serenamente. - Os acionistas da ManCon pagariam a Sir James sessenta milhões de libras, embora sem saberem. Sir James Manson estendeu a cada um deles um copo de uísque.
- Meus senhores, aceitam a proposta? - perguntou.
Os dois jovens acenaram afirmativamente.
- Então bebamos à Montanha de Cristal.
- Estejam amanhã aqui às nove em ponto - ordenou Manson depois de terem bebido.
À porta, Thorpe virou-se e observou:
- Sir James, vai ser muitíssimo arriscado. Se consta uma só palavra...
Sir James permaneceu de pé, de costas para a janela:
- Assaltar um banco é uma operação pouco requintada. Assaltar toda uma república tem, parece-me, um certo estilo.

CAPÍTULO SEIS

- VOCÊ diz que não há no Exército nenhuma facção que tenha pensado derrubar o presidente Kimba?
Cat Shannon encontrava-se no seu quarto de hotel com Endean. Endean respondeu com um gesto afirmativo.
- Foi esse o único pormenor falso da informação. Mas qual é a diferença? Você disse que os assistentes técnicos teriam, de qualquer modo, de fazer eles próprios o

trabalho todo.
- Faz um raio de diferença! Tomar o palácio é uma coisa; manter a sua posse, outra. Quem vai assumir o poder?
- Temos um homem em vista - respondeu Endean, cauteloso. - Está exilado no Daomé.
- Teria de estar instalado no palácio e comunicar pela rádio que chefiara um golpe de Estado e assumira o governo do país meio-dia após a noite do ataque.
- Isso será viável.
- Outra coisa: as tropas leais ao novo regime têm de estar visivelmente presentes ao nascer do Sol desse dia. Caso contrário, estamos perdidos: um grupo de mercenários brancos encurralados no interior do palácio, impossibilitados
de se mostrarem por razões políticas e com a retirada cortada em caso de contraataque.
O seu exilado tem força de apoio suficiente?
- Terá de deixar isso a nosso cargo - respondeu Endean secamente. - O que lhe pedimos é um plano de ataque que conduza à morte de Kimba. Felizmente, há muito tempo que Kimba eliminou todos aqueles que possuam iniciativa ou inteligência suficientes para se tornarem seus rivais. Assim, não haverá ninguém para comandar um contra-ataque.
- Sim... E o povo acredita que ele tem um tabu, uma proteção poderosa contra a morte que lhe foi dada pelos espíritos. Ninguém apoiará o seu homem antes de se saber que Kimba morreu, mas desde que vejam o cadáver, o homem que o tenha morto se tornará o líder,

por possuir um tabu mais poderoso que o do presidente. Assim, precisamos ter certeza absoluta de que Kimba está no palácio quando atacarmos. Há só um dia em que é absolutamente certo que não sai: o Dia da Independência.
- Quando é o Dia da Independência?
- Daqui a três meses e meio.
- É possível elaborar um plano nesse prazo? – perguntou Endean.
- Com sorte é. Quer que prepare um plano completo, com cálculo de custos e datas?
- Quero. Os custos são muito importantes para os meus... para os meus associados.
- O plano vai custar-lhe quinhentas libras - declarou Shannon.
- É um preço um pouco exagerado - observou Endean friamente.
- Não diga besteira. Sou um especialista da guerra, sei onde arranjar os melhores homens e as melhores armas e como embarcá-los. Essas informações lhe custariam o dobro se tentasse obtê-las pessoalmente... o que de qualquer maneira lhe seria impossível, pois lhe faltam os contatos.
Endean levantou-se.
- Está bem. Receberá o dinheiro esta tarde. Passo a buscar o relatório completo amanhã, às três horas.
Não era a primeira vez que Shannon agradecia à sua boa estrela a loquacidade de Gomez, que lhe referira o exílio de Bobi e o informara que, sem Kimba, Bobi nada valia,

pois era odiado pelos Cajas e incapaz de comandar os Vindus. Este conhecimento colocava Shannon perante o problema de arranjar uma força de apoio negra que os substituísse na manhã seguinte ao ataque. Abriu os mapas e esquilos de Zangaro. A abordagem militar clássica consistiria em desembarcar uma força na costa, avançar para o interior e ocupar o
cruzamento da estrada de Clarence. Esta operação, que isolaria a península e a capital, impossibilitando-as de receber reforços, anularia, por outro lado, o elemento surpresa.
O talento de Shannon decorria do seu conhecimento de África e de uma maneira de pensar muito própria. Para elaborar o seu plano, baseou-se em três fatos da guerra na África que aprendera por experiência própria. Primeiro, que na
escuridão o soldado africano fica por vezes praticamente reduzido à impotência, devido ao medo que sente do inimigo oculto, segundo, que a capacidade de recuperação do soldado africano desorientado é muito mais lenta do que a do soldado europeu, o que exagera os efeitos normais da surpresa, e terceiro, que um tiroteio ruidoso pode levar os soldados africanos a entrarem em pânico e a fugirem desordenadamente, sem considerarem o número real dos seus adversários.
Conseqüentemente, Shannon baseou o seu plano num ataque noturno, totalmente inesperado e acompanhado de um barulho ensurdecedor. Enquanto trabalhava, assobiava uma melancólica melodia, que quem quer que o

conhecesse bem imediatamente reconheceria: Spanish Harpem. Nessa noite, Martin Thorpe manteve-se acordado até tarde. Sabia que o esperava um longo fim-de-semana, que dedicaria a consultar fichas para obter minuciosas informações sobre as quatro mil e quinhentas sociedades comerciais registradas na Conservatória do Registro Comercial da city.

Há em Londres duas agências que fornecem informações sobre empresas britânicas: a Moodies e a Exchange Telegraph, conhecida por Extel. A ManCon utilizava os serviços da Extel, cujas fichas Thorpe já tinha no seu gabinete. Porém,

para a compra de uma empresa fictícia, decidiu utilizar os serviços da Moodies, solicitando que enviassem as fichas para sua casa. Por uma questão de segurança, encarregara uma firma de advogados de encomendar um jogo completo dessas fichas, sem mencionar o seu nome. Contratara também uma furgão que na sexta-feira à tarde levaria a sua casa os três arquivos. Estendido na cama, na sua luxuosa casa de Hampstead, Thorpe planejava uma campanha, manejando acionistas com direito a voto e lotes de ações do mesmo modo que Shannon movimentava bazucas e morteiros.

ÀS três horas da tarde de sexta-feira, Shannon entregou a Endean o seu relatório de catorze páginas. Pressentindo a importância do contrato que estava prestes a conseguir, resistira à tentação de escrever na primeira página: “A atenção exclusiva de Sir James Manson”, e continuava a aludir Endean como a Harris.

Em parte por curiosidade e em parte por pressentir que um dia poderia necessitar da informação, desejava inteirar-se sobre a personalidade de Sir James
Manson e os motivos que o teriam levado a contratar um mercenário que lutasse por ele em Zangaro. Um exemplar do Who's Who forneceu-lhe os dados essenciais sobre o magnata que se fizera por si próprio. Encontrou referências a uma filha, de aproximadamente vinte anos. Telefonou à agência de detetives que, a seu pedido, seguira e identificara Endean.
- Preciso de informações sobre uma jovem que possivelmente é alvo de referências nas colunas da vida social da imprensa londrina. Quero saber urgentemente o que faz e onde reside. Trata-se de Judie Manson, filha de Sir James Manson.
Cerca das cinco horas, e já na posse das informações que pretendia, Shannon telefonou ao seu amigo repórter que o recomendara a Mr. Harris.
- Olá - saudou secamente. - É Cat Shannon.
- Cat! - exclamou o outro, surpreendido. - Onde tem estado?
- Por aí. Só queria agradecer por ter me recomendado à Harris.
- De nada. Arranjou-te trabalho?
- Sim, trabalho para uns dias - respondeu Shannon, cauteloso. - Já acabou, mas ainda tenho dinheiro. Não quer vir jantar um dia comigo?
- Acho Ótimo.
- Diga-me uma coisa. Ainda andas com a Careie? Ela era

modelo, não era?
- Exatamente. Ainda, ainda. Porquê?
- Quero conhecer uma Judie Manson que também é modelo. Pode
perguntar à sua namorada se a conhece?
- Claro que posso. Telefono à Careie e pergunto.
Shannon teve sorte. As duas jovens estavam inscritas na mesma agência e não foi difícil combinar um jantar para quatro naquela noite: Careie e o namorado,
Shannon e Judie.
Comeram num pequeno restaurante, o Bater ad Open, uma refeição do total agrado de Shannon: abundantes doses de carne assada à inglesa, regada com vinho Beaujolais. Cat gostou da comida e gostou de Judie, alegre e atraente, com o cabelo castanho-escuro caído até à cintura. Judie também pareceu interessar-se por ele.
Careie aludiu à profissão de Shannon, mas este conseguiu evitar o assunto durante o jantar. Quando saíram do restaurante, o repórter pediu a Shannon que levasse Judie a casa.
- Creio que estás garantido - murmurou.
Quando chegaram ao seu apartamento de Mayfair, Judie convidou
Shannon a entrar para tomarem um café. Só quando já se encontravam sentados sorvendo a horrível beberagem que a jovem preparara, esta se referiu ao modo como ele ganhava a vida.
- Já matou pessoas?
- Já.

- Quantas?
- Não sei. Nunca as contei.
- Nunca tinha conhecido um homem que tivesse matado comentou Judie, depois de um momento de reflexão.
- Não pode sabê-lo - respondeu Shannon. - Quem quer que tenha
participado numa guerra provavelmente matou.
- Tem muitas cicatrizes? - Era uma das perguntas a que estava habituado. Fez um gesto afirmativo e respondeu:
- Algumas. - Tinha cerca de vinte.
- Mostre-as.
- Mostro as minhas se me mostrar as suas – respondeu sorrindo.
- Não tenho cicatrizes! - replicou Judie, indignada.
- Prove-o - insistiu Shannon laconicamente, virando-se para colocar a xícara vazia numa mesa que se encontrava por trás do sofá.
Quando se voltou, a estupefação estampou-se no seu rosto. Em menos de um segundo, Judie abrira o fecho de correr do vestido, que lhe deslizara pelo corpo até aos tornozelos. Sob o vestido trazia apenas, em torno da cintura, uma fina corrente de ouro.
- Veja - disse suavemente -, nem uma única cicatriz.
Shannon engoliu em seco.
- Julgava que você era a menina ajuizada do papai.
- Isso é o que todos julgam, incluindo o papai – respondeu Judie, soltando uma risada. - Agora é a sua vez.
NESSE momento, Sir James Manson estava sentado na biblioteca da sua residência de Gloucester, com o

relatório de Shannon aberto sobre os joelhos e um brandy com soda ao lado. Começou a ler:
Objetivo da operação. Atacar e tomar o palácio presidencial de Clarence, capital de Zangaro, e liquidar o presidente e os seus guardas pessoais, nele aquartelados. Tomar igualmente posse das armas e do arsenal da república, do tesouro nacional e da emissora de rádio, todos situados no interior do palácio. Plano de ataque. Não restam dúvidas de que o ataque deve ser desencadeado diretamente a partir do mar. Uma aterrissagem no aeroporto não é viável, pois o transporte por via aérea das armas e dos homens necessários despertaria suspeitas. Tão-pouco será possível um ataque por terra, pois homens e armas teriam de ser passados clandestinamente através da república vizinha, que possui um eficiente sistema de segurança, pelo que se incorreria no grave risco de detecção prematura da operação e subseqüente detenção. Conseqüentemente, o único plano viável é o de um ataque por meio de embarcações ligeiras que partam de um navio de maior calado ancorado ao largo. Requisitos para o ataque. A força não deverá ser inferior a doze homens, armados com morteiros, bazucas e granadas e todos eles munidos de pistolasmetralhadoras para utilização a curta distância. O desembarque deverá realizar-se entre as duas e as três da manhã, momento em que toda a população dorme em

Clarence, e bastante antes do alvorecer para que não se descubra que os atacantes são brancos.

Nas seis páginas seguintes, Shannon descrevia a forma de contratação dos mercenários, as armas e munições necessárias, o tipo de embarcações de ataque, uniformes, víveres e outras provisões requeridas, os custos em que importaria a operação e o plano de assalto ao palácio. No que se referia ao navio
que transportaria a força de ataque, declarava:
Além das armas, a aquisição do navio será a operação mais difícil. Não recomendo o fretamento, o que implicaria uma tripulação e um comandante que poderiam não merecer confiança. Aconselho a compra de um pequeno cargueiro, tripulado por homens leais e pagos pelos interessados.
Sublinhava a necessidade de rigorosas medidas de segurança:
Recomenda-se que Mr. Harris continue a ser o único intermediário entre os interessados e eu. As entregas do dinheiro necessário devem ser-me feitas por Mr. Harris, a quem apresentarei contas das despesas por mim efetuadas. Necessitarei de quatro auxiliares diretos, nenhum dos quais, porém, deverá conhecer a natureza do projeto antes de nos encontrarmos no mar alto. O equipamento deverá ser comprado parceladamente, em países diferentes e por pessoas diversas. Só eu próprio, Mr. Harris e os clientes deveremos conhecer o plano em toda a sua extensão.
Manson pegou na folha de custos. Segundo os cálculos de Shannon, e incluindo a viagem do mercenário a Zangaro, já paga, a operação importaria numa despesa total de

cem mil libras. Seguidamente, Manson estudou outra folha, que mencionava os prazos previstos:
Fase preparatória:
Recrutamento de pessoal.
Abertura de conta bancária.
Criação de uma companhia com sede no estrangeiro que encubra as compras a efetuar. 20 dias
Fase de aquisições:
Compra de todo o material. 40 dias
Fase de recolha:
Recolha a bordo do equipamento e do pessoal. 20 dias
Fase de navegação:
Transporte por mar, até Clarence, da força de ataque. 20 dias
O ataque deverá ser desencadeado no dia em que se comemora a
independência de Zangaro, isto é, se o projeto for aprovado e iniciado na próxima
quarta-feira, cem dias mais tarde.

Sir James Manson leu o relatório duas vezes, encerrou-o no seu cofre de parede e foi deitar-se.
CAT Shannon passou indolentemente a mão pelo corpo da jovem, que repousava semi atravessado sobre o seu. Era um corpo pequeno, mas extraordinariamente erótico como tivera ocasião de verificar durante a última hora.
- É engraçado - murmurou, pensativo -, estamos aqui os dois, assim, e eu não sei nada a teu respeito.
- Nada como?
- Por exemplo, onde é a tua casa, além deste

apartamento.
- Gloucestershire - murmurou.
- Que faz seu pai?
Como não obtivesse resposta, agarrou-lhe numa madeixa de cabelo e obrigou-a a voltar-se para ele.
- Está me machucando! Dirige uma companhia qualquer relacionada com minas. E essa a sua especialidade, e esta é a minha. Ora veja... Shannon riu.
- Espere, fale-me do teu pai.
- Do paizinho? Oh, é apenas um homem de negócios da city, velho e chato. No sábado Sir James Manson saboreava o seu café da manhã, no terraço da sua casa de campo, quando um telefonema de Adrian Goole o arrancou da tranqüilidade do fim-de-semana:
- É por causa daquela sua prospecção mineira, Sir James disse o funcionário do MNE. - Lembra-se...
- Lembro. O relatório foi enviado e os números alterados, como você sugeriu. Não soube mais nada do assunto.
- Mas nós soubemos. Não se trata de nada verdadeiramente inquietante, embora seja estranho. Ontem, ao fim do dia, constou-me que os Russos obtiveram autorização para mandar uma equipe de prospecção. Claro... Sir James Manson olhava fixamente para o telefone, enquanto Goole continuava a falar:
- Pensei apenas, Sir James, que, se eles explorarem a mesma área que o seu funcionário, os resultados que obtiverem poderão ser um tanto ou quanto diferentes dos seus. Felizmente trata-se apenas de uma questão de quantidades insignificantes de estanho. No entanto, achei

que devia informá-lo... Está aí? Sir James foi obrigado a um enorme esforço para se arrancar dos seus pensamentos.
- Estou, sim. Desculpe, meu caro amigo, estava pensando. Foi muito amável em telefonar. Claro que não creio que vão pesquisar na mesma área, mas de qualquer modo é muito útil estar sabendo o que se passa.
Regressou lentamente ao terraço, enquanto o seu cérebro trabalhava com redobrada energia. Coincidência? Era possível. No entanto, se os Russos se dirigissem diretamente à Montanha de Cristal, não seria coincidência, mas pura sabotagem. Teria Chalmers falado? O homem cujo silêncio cria ter comprado?

Rangeu os dentes. Sentiu-se predisposto a mandar Endean encarregar-se do Dr. Chalmers... Essa medida, porém, em nada alteraria a situação.
Sentou-se e começou a refletir. Estava disposto a prosseguir com os seus planos, nos quais agora, porém, teria de considerar um novo elemento, o fator limite de tempo. Calculou que disporia de três meses. Se os Soviéticos descobrissem qual o conteúdo da Montanha de Cristal, imediatamente enviariam para Zangaro uma equipe de “assistência técnica”, composta na sua maioria por elementos da KGB. O prazo mínimo proposto por Shannon fora de cem dias, mas provavelmente não disporiam de tanto tempo.
Aproximou-se de novo do telefone e ligou para Simon Endean.
Na segunda-feira de manhã, Endean telefonou a Shannon

e marcou uma entrevista para as duas da tarde, num apartamento de St. John's Wood. Segundo instruções de Sir James Manson, alugara pelo período de um mês aquele apartamento, cujo telefone era direto, não passando a sua linha por qualquer quadro de distribuição central.

Não obstante ter chegado pontualmente, Shannon encontrou já à sua espera o homem que tratava por Harris. O telefone estava equipado com um auto falante, o que permitiria aos ocupantes da sala ouvirem o interlocutor do outro lado
da linha.

- O chefe do consórcio leu o seu relatório e quer falar com você - informou Endean.

Quando o telefone tocou, Endean ligou um interruptor e Shannon ouviu pela primeira vez a voz de Manson.

- Aprovo os seus cálculos e as suas conclusões, Mr. Shannon. Se este contrato lhe fosse oferecido, executaria o plano?

- Executaria, sim, senhor.

- Verifico pelo seu orçamento que reserva para si a importância de dez mil libras. Que é que eu compro com o pagamento desses honorários?

- Compra os meus conhecimentos e os meus contatos com os negociantes e traficantes de armas, contrabandistas e mercenários. Compra também o meu silêncio, no caso do plano falhar. Paga-me três meses de trabalho muito duro e o risco constante de ser descoberto e preso, além do de ser morto em combate.

- Acho justo. Vejamos agora o problema do financiamento. A importância de cem mil libras será transferida para uma conta num banco suíço, que vai ser aberta esta semana por Mr. Harris, o qual lhe pagará o dinheiro necessário parceladamente, como e quando o senhor necessitar. Quando se efetuarem as transações, ele terá de estar presente ou receber os respectivos recibos.
- Isso nem sempre será possível. No negócio de armas não se passam recibos, e muito menos no mercado negro, e a maioria dos homens com os quais terei de negociar não consentirá a presença de Mr. Harris. Sugiro a utilização de
traveler's cheques e transferências de créditos bancários. Além do mais, e devido
à minha própria segurança pessoal, não posso permitir que Mr. Harris, que eu não conheço, me siga constantemente. O senhor tomou as suas precauções no que se refere a segurança, e eu tenho de tomar as minhas, o que implica que tenho de viajar e trabalhar sozinho, sem vigilância.
- O senhor é um homem cauteloso, Mr. Shannon.
- Tenho de ser. Ainda estou vivo.
Ouviu-se uma gargalhada curta.
- De acordo, Mr. Shannon, o contrato é seu. Tem cem dias para roubar uma república. Cem dias.

SEGUNDA PARTE

Os cem dias

CAPÍTULO SETE

Depois de Manson ter desligado, Endean e Shannon

fitaram-se
mutuamente. Shannon foi o primeiro a quebrar o silêncio.
- Parto amanhã de avião para a Bélgica e abro uma conta bancária. Volto à noite e informo-o do nome do banco. Preciso de uma transferência de dez mil libras, sobretudo para salários.
- Onde posso contatá-lo? - perguntou-Lhe Endean.
- Era exatamente o assunto que ia abordar. Vou precisar de uma base segura para receber telefonemas e cartas. Pode ser este apartamento?
- Está alugado por um mês e pago adiantadamente.
- Nesse caso, fico com ele e pago o aluguel. Como deduzo que não vai querer dar-me o seu número de telefone, arranje uma morada na posta-restante, em Londres, e vá lá duas vezes por dia verificar se chegou algum telefonema. Se precisar lhe falar, mando-lhe um telegrama indicando o número de telefone onde estou e a hora a que deve telefonar-me. Entendido?
- Entendido. Amanhã já tenho o dinheiro. Mais alguma coisa?
- Sim. Durante toda a operação vou usar o nome de Keith Brown. Tudo quanto receber assinado por Keith provém de mim. Quando telefonar para um hotel, peça que chamem Keith Brown. Se alguma vez lhe responder “Fala Mr. Brown”, desligue imediatamente, pois é sinal que há problemas.
Endean saiu. Shannon reservou lugar num avião que partia na manhã seguinte para Bruxelas e seguidamente enviou quatro telegramas iguais: um para Paarl, província do

Cabo, África do Sul, outro para Ostende, um terceiro para Marselha e o último para Munique. O texto era o seguinte:
URGENTE. TELEFONE-ME LONDRES 507-0041 À MEIA-NOITE DE UM DOS PRÓXIMOS
TRÊS DIAS. SHANNON.
Por fim, dirigiu-se de táxi ao Hotel Londres, onde liquidou a sua conta. Não deixou qualquer pista.
EMBORA em Londres a noite já tivesse caído, na província do Cabo ainda estava uma clara e bela tarde de Verão. Janni Dupree ia para casa, depois de passar o dia nadando. Embora no fim de um contrato lhe fosse sempre agradável regressar a Paarl, acabava inevitavelmente por se aborrecer depressa. Estava ansioso por partir para outra guerra.
MARC Vlaminck encostou-se ao balcão e engoliu de um trago mais uma caneca de cerveja espumante. Através das janelas da casa que a sua namorada, Anna, geria por conta dele, via as ruas do bairro de bordéis de Ostende, nesse momento quase desertas. A época de veraneio não se iniciara ainda. E começava a aborrecer-se.
Durante o primeiro mês, apreciara com prazer os banhos quentes e as conversas com os amigos. Porém, a inatividade começava a enfastiá-lo. No andar
de cima ouvia o ruído dos passos de Anna, que fazia a limpeza do apartamento de ambos. Justamente quando se erguia do tamborete e começava a subir a escada dos fundos, a porta abriu-se e um telegrama foi lançado para o interior da casa. ESTAVA um claro entardecer primaveril e a água do Porto Velho de Marselha parecia de vidro. Le

Panier era uma caldeira fervilhante de gente onde apenas a polícia seria ilegal. Sentado a uma mesa no canto de um pequeno bar, Jean-Baptiste Langarotti olhou para o relógio, suspirou e terminou a sua bebida. Estava na hora de passar pelo posto dos Correios, aberto toda a noite, para saber
se tinha notícias de Shannon sobre um possível contrato.
O corso não se aborrecia tanto como o sul-africano e o belga. Os anos de prisão haviam-no ensinado a suportar longos períodos de inatividade. Aliás, recebera já uma proposta. Charles Roux telefonara-lhe de Paris, propondo-lhe que aceitasse trabalhar exclusivamente para ele. Porém, após receber algumas informações, Langarotti concluíra que as propostas de Roux não se apoiavam em nenhuma base sólida, pois o francês não realizara qualquer operação desde que regressara de Bukavu, em 1967, com um braço ferido.
EM Munique, sob um frio cortante, Kurt Semmler, a caminho dos Correios, onde todas as noites se dirigia, tiritava no seu casaco de cabedal. Como a maioria
dos veteranos do Exército, detestava a vida civil, desprezava a política e ansiava
por aquela outra vida onde a rotina e a ação se interligavam. Bebera muito, fumara
muito, freqüentara vários bordéis e começava a sentir-se verdadeiramente entediado. Nessa noite não havia nada para ele nos Correios.
À meia-noite, Marc Vlaminck telefonou de Ostende. Shannon recomendoulhe que estivesse às dez horas no

Aeroporto de Bruxelas com um automóvel. As vantagens que a Bélgica oferece a quem deseja movimentar secretamente uma conta bancária legal superam as concedidas pelo sistema bancário suíço. As leis bancárias belgas permitem entradas e saídas de quantias ilimitadas de dinheiro sem interferência governamental, e os banqueiros belgas são tão discretos como os suíços.

A caminho do Kredietbank, em Bruges, onde Shannon lhe pedira que o conduzisse, o alentado belga não traiu a curiosidade que o acometia. Durante o trajeto, Shannon informou-o sucintamente de que firmara um contrato para realizar uma operação para a prossecução da qual necessitaria de quatro auxiliares e perguntou-lhe se estaria interessado em participar, ao que o Pequeno Marc respondeu afirmativamente. Shannon explicou-lhe que o trabalho não era exclusivamente de natureza bélica, mas que também implicava a montagem de toda a operação.

- Não assalto bancos - avisou Marc.

- Nem eu. Preciso embarcar algumas armas a bordo de um navio. Temos de ser nós próprios a tratar do assunto. Depois... África e um belo tiroteio. Marc sorriu.

- Uma campanha demorada ou um trabalho rápido? - perguntou.

- Um ataque - respondeu Shannon. - Nota, no entanto, que, se for bem sucedido, talvez nos assegure um contrato prolongado. E um bônus substancial, se tivermos êxito.

- Está bem, conte comigo - decidiu Marc.

No Kredietbank, Shannon apresentou-se ao chefe da

Seção de contas estrangeiras e identificou-se como Keith Brown por meio do seu passaporte. Quarenta minutos depois, abrira uma conta de cem libras esterlinas, informara que
deveriam chegar dez mil libras num dos próximos dias e dera instruções no sentido de metade dessa importância ser imediatamente transferida para o seu banco em Londres. Deixou várias assinaturas em nome de Keith Brown e combinou um método de comprovação da sua identidade por telefone: a numeração, pela ordem inversa, dos doze algarismos do número da sua conta, seguidos da data do dia anterior. Desse modo, poderia transmitir por telefone instruções sobre transferências e levantamentos, sem necessidade de se deslocar a Bruges.
Cerca do meio-dia e meia hora, uma vez esse assunto resolvido, juntou-se a Vlaminck, que o esperava do lado de fora. Almoçaram, após o que Marc o conduziu de novo ao Aeroporto de Bruxelas. Shannon entregou-lhe cinqüenta libras e recomendou-lhe que estivesse no apartamento de Londres às seis horas da tarde do dia seguinte.
Também Simon Endean tivera um dia movimentado. Tomara o primeiro avião para Zurique e desembarcara no Aeroporto de Kloten ao mesmo tempo em que Shannon aterrava em Bruxelas. Uma hora depois, abrira uma conta no Handelsbank de Zurique e informara que, no decorrer da semana, seria transferida para a nova conta a importância de cem mil libras, dez mil das quais o banco deveria transferir para uma conta na Bélgica, cujo número

ele indicaria por escrito.
Antes das seis da tarde, Endean encontrava-se de novo em Londres. Na tarde dessa mesma terça-feira, Martin Thorpe chegou exausto ao escritório. Passara três dias examinando as quatro mil e quinhentas fichas da Moodies, à procura de uma pequena companhia cuja fundação remontasse de preferência há muitos anos e cuja situação financeira fosse de momento pouco favorável, com uma capitalização de mercado inferior a duzentas mil libras. Encontrara cerca de duas dezenas de companhias que preenchiam esses requisitos, mas precisava de informações mais pormenorizadas. A meio da tarde, encontrava-se na Conservatória do Registro Comercial de Londres. Enviou aos arquivistas uma lista das primeiras oito companhias que escolhera e pagou a taxa que lhe outorgava o direito de examinar todos os documentos referentes a elas. Enquanto esperava pelos dossiês, relanceou as cotações da Bolsa, verificando que nenhuma delas estava cotada a mais de três xelins por ação.
Quando o Registro Comercial fechou, ao fim do dia de trabalho, Thorpe concluíra a sua busca. Na manhã seguinte indicaria ao patrão o nome da companhia que escolhera. Os dados que sobre ela recolhera pareciam extremamente auspiciosos.

O telefone de Shannon tocou à meia-noite e quinze. Era Semmler. Shannon informou-o de que tinha trabalho e declarou-lhe que devia estar em Londres às seis da tarde do dia seguinte. As despesas seriam pagas.
Dez minutos mais tarde telefonou Langarotti, de Marselha,

que também concordou em estar em Londres às seis horas da tarde, no apartamento de Shannon.
A última chamada, à meia-noite e meia, foi a de Janni Dupree, que prometeu estar no apartamento de Shannon na quinta-feira à noite. Depois de atendido o último telefonema, Shannon entregou-se, durante uma hora, à leitura de Armas Ligeiras Mundiais, após o que adormeceu. Terminara o primeiro dia.
Na quarta-feira de manhã, Sir James Manson saboreou um suculento café da manhã na primeira classe do Trident-3, no qual viajava a caminho de Zurique. Pouco antes do meio-dia, era conduzido ao gabinete do Dr. Martin Steinhofer, do Zwingli Bank. O banco atuara diversas vezes em nome de Manson, comprando ações que, adquiridas em seu próprio nome, teriam triplicado de valor. Depois de lhe serem servidos café e charutos, Sir James abordou o assunto:
- Tenciono adquirir brevemente a maioria das ações de uma companhia britânica, uma sociedade anônima. Embora de início esta transação não vá envolver somas importantes, tenho razões para crer que, mais tarde, chegarão ao conhecimento da Bolsa de Valores dados que terão um efeito interessante sobre a cotação das ações da companhia.
Manson não necessitava explicar ao banqueiro suíço as normas da Bolsa de Valores de Londres. Segundo a lei que rege as sociedades britânicas, qualquer pessoa que adquira dez por cento ou mais das ações de uma sociedade anônima deve identificar-se perante os

diretores da mesma. Uma das formas de iludir essa norma e de obter o controle secreto de uma sociedade consiste na utilização de compradores nominais. No entanto, qualquer firma corretora respeitável não tardaria a descobrir se o comprador real de um considerável lote de ações seria um homem que atuava por intermédio de compradores nominais e cumpriria a lei. Um banco suíço, porém, não abrangido pelas leis britânicas, recusa-se pura e simplesmente a revelar a identidade de quem quer que se encontre por detrás dos nomes que indica como sendo os seus clientes, e tão pouco fornece informações, mesmo que suspeite de que esses nomes pertencem a pessoas inexistentes. Os dois funcionários que se encontravam no gabinete do Dr. Steinhofer estavam cientes de todos esses pormenores técnicos.

- A fim de efetuar a necessária aquisição das ações, arranjei seis sócios. Concordaram todos em abrir pequenas contas no Zwingli Bank e pedem-lhes o favor de proceder às aquisições em seu nome - prosseguiu Sir James.

- Isso não apresenta qualquer problema - declarou prudentemente o Dr. Steinhofer. - Esses senhores virão aqui abrir as contas?

- É possível que estejam demasiado ocupados e não possam vir

pessoalmente. Encarreguei o meu assistente financeiro, Mr. Martin Thorpe, de me representar. Talvez os outros seis sócios desejem utilizar o mesmo processo. Faz alguma objeção a que não compareçamos pessoalmente?

- Evidentemente que não - murmurou o Dr. Steinhofer.

- Nesse caso, aqui tem a minha procuração, assinada por mim e
devidamente reconhecida pelo notário. Aqui está a minha assinatura para comparar. Dentro de dez dias, Mr. Thorpe vem a Zurique para concluir a documentação restante.

O Dr. Steinhofer fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Não há qualquer problema, Sir James.

Manson apagou o charuto e levantou-se:

- Nesse caso, despeço-me, Dr. Steinhofer.

Trocaram um aperto de mão e um funcionário acompanhou Sir James Manson à porta. Quando a sólida porta de carvalho se fechou silenciosamente atrás dele, Manson entrou na limusine que o esperava.

NAQUELA manhã, o subsecretário adjunto Sergei Golon não estava de bom humor. A sua dispepsia crônica atormentara-o inexoravelmente durante todo o dia e a sua secretária não comparecera ao trabalho por se encontrar doente. Além das janelas do seu gabinete do Departamento da África Ocidental do Ministério dos Negócios Estrangeiros, os bulevares de Moscou, varridos pelo vento, cobriam-se de neve semi derretida, de um tom cinzento-sujo à luz fraca da manhã. Golon pegou num dossiê que o subsecretário lhe deixara com a indicação: “Estude e ordene a atuação necessária.” Começou a examinar, com ar sombrio, o conteúdo do dossiê, cujo primeiro documento era um memorando dos serviços de informação estrangeira e cujo último era um telegrama do

embaixador Dobrovolsky recomendando ação imediata.
"Como se não tivéssemos mais nada com que nos preocupar", resmungou Golon.
Não compreendia por que motivo teria importância a existência ou inexistência de estanho em Zangaro. A União Soviética possuía estanho suficiente.
No entanto, como bom funcionário público, procedeu de acordo com as diretrizes recebidas, uma vez que a ação fora autorizada pelas vias superiores. Pediu uma estenografa à Seção de datilografia e ditou-lhe uma carta dirigida ao diretor do Instituto de Minas Sverdlovsk, solicitando-lhe que selecionasse uma equipe de engenheiros e geólogos para estudarem uma possível jazida de estanho na África Ocidental.
NA quarta-feira, no fim do almoço, Cat Shannon telefonou ao seu amigo repórter.
- Pensei que tinha saído da cidade - observou o repórter. - A Carrie disseme que Julie tem andado à tua procura e que está sempre falando de você. Telefonou para o Hotel Londres e informaram-na de que tinha partido sem deixar endereço.
Shannon prometeu que telefonaria à jovem e deu ao amigo o número do telefone do apartamento, mas não o endereço. Depois de mais alguns segundos de conversa banal, pediu a informação que desejava.
- Acho que podia - respondeu-lhe o amigo, duvidoso. - Mas, para te ser franco, tenho de lhe telefonar primeiro, para saber se concorda.
- Está bem, telefone. Diga-lhe que sou eu, que preciso

vê-lo e estou disposto a ir lá passar umas horas com ele. Frisa que não o incomodaria se não tivesse certeza de que é importante.

O repórter concordou em fazer a chamada e a telefonar-lhe depois para lhe dar um endereço, se o homem em questão concordasse em falar com Shannon. O primeiro mercenário a chegar a Londres foi Marc Vlaminck, que telefonou a Shannon pouco depois das cinco horas da tarde. Cat consultou a lista dos três hotéis existentes nas imediações e deu-lhe o nome de um deles. Kurt Semmler telefonou dez minutos depois de Vlaminck. Tomou nota do nome do hotel que Shannon lhe indicou, para o qual seguiu de táxi. Langarotti, o último a chegar, também tomou um táxi para o seu hotel.

Às sete horas, Shannon telefonou a todos e convocou-os para uma reunião no seu apartamento.

Só tiveram conhecimento da presença uns dos outros quando se viram e cumprimentaram. Os seus largos sorrisos denotavam em parte o prazer de reverem velhos amigos e em parte certeza de que o fato de Shannon os ter chamado a todos a Londres significava forçosamente que tinha dinheiro. Quando este os informou que Dupree também viria, de avião, da África do Sul, compreenderam que se tratava de um assunto importante.

- O trabalho que me confiaram tem de ser organizado a partir do zero - declarou Shannon. - O objetivo é montar um ataque estilo comando a uma cidade da costa da África Ocidental. Temos de ocupar um edifício, liquidar todos os seus

ocupantes e retirar.
Vlaminck sorriu, Semmler murmurou: “Klasse”, e Langarotti passou a lâmina da faca pela tira de couro preto que trazia enrolada em torno do pulso esquerdo. Shannon desdobrou um mapa no chão e descreveu o tipo de ataque que propusera ao seu cliente, com o qual os três homens concordaram. Nenhum deles perguntou exatamente onde seria a operação, sabendo que ele não lhes revelaria essa informação, não por falta de confiança, mas por razões de segurança.
- E pronto - concluiu Shannon. - As condições são mil duzentos e cinqüenta dólares por mês, a partir de amanhã e durante três meses, bem como as despesas e um bônus de cinco mil dólares, em caso de êxito. Duas das coisas a ser feitas nas fases preparatórias são ilegais: uma travessia da fronteira da Bélgica para a França e o carregamento de alguns caixotes num navio, em algum lugar no Sul da Europa. Participaremos todos em ambas as missões. Que dizem? Langarotti perguntou, sem deixar de afiar a lâmina da faca:
- É contra os interesses franceses?
- Dou-lhe a minha palavra de que não é.
Os quatro apertaram as mãos e o contrato ficou selado.
- Muito bem - disse Shannon. - Kurt, comece a procurar um barco. Preciso de um pequeno cargueiro que não atraia as atenções, com cadastro limpo e a documentação em ordem. Interessa-me mais que seja de confiança do que veloz. O preço não deve ultrapassar as vinte e cinco mil libras. Deve estar totalmente abastecido de combustível e

provisões para partir para a Cidade do Cabo dentro de sessenta dias. Entendeu?
Semmler fez um gesto de concordância e começou imediatamente a pensar
nos contatos que mantinha no mundo da navegação, no Mediterrâneo.
- Jean-Baptiste, você regressas para Marselha e me arranje três barcos de borracha grandes, infláveis e semi-rígidos. Do tipo fabricado para esportes náuticos, copiado do modelo básico da embarcação de assalto de comandos dos fuzileiros. Quero que sejam pretos. Compre-os em fornecedores diferentes e levaos
para o armazém de um agente de navegação respeitável, para serem exportados para Marrocos. Compre também três motores de popa de sessenta cavalos, com arranque por bateria e escapamento submerso, para funcionarem silenciosamente. Abra uma conta bancária e me informa pelo correio o número e do nome do banco. Eu mando o dinheiro por transferência de crédito. Está bem?
Langarotti acenou afirmativamente e continuou a afiar a faca.
- Marc, você me disse uma vez que conhecia um homem, na Bélgica, que assaltou um grande depósito de pistolas-metralhadoras Schmeisser, completamente novas, em 1945. Se ele ainda tiver algumas, quero cem que funcionem perfeitamente. Procure-o, marque um encontro com ele e comuniqueme neste endereço o dia e hora. Entendido?
Às nove e meia todos tinham recebido as suas instruções

e Shannon levouos para jantar no Paprika. Todos se sentiam entusiasmados com a perspectiva de voltarem de novo a lutar sob o comando de Cat Shannon.

NA margem oposta do canal, outro homem pensava em Carlo Alfred

Thomas Shannon, enquanto percorria o seu apartamento de um extremo ao outro, refletindo nas informações que acabara de receber de Marselha.

Se o repórter que recomendara Charles Roux a Simon Endean como

alternativa possível conhecesse melhor o caráter do francês, o teria descrito de modo menos lisonjeiro. Ignorava também o ódio que Roux nutria pelo mercenário irlandês.

Depois da sua entrevista com Endean, Roux esperara quinze dias por um segundo contato por parte do homem que dissera chamar-se Harris. Como este contato não se verificara, chegara à conclusão de que, ou o projeto fora abandonado ou o trabalho fora confiado a outro homem. Depois de proceder a várias investigações, teve conhecimento de que Shannon estivera em Paris. Este fato alarmara-o, pois, segundo cria, após as palavras que haviam trocado em Le Bourget, Shannon partira. Ao verificar que se enganara, encarregou um dos seus sequazes, de nome Henri Alain, de localizar o odiado irlandês. Alain informou-o de

que Shannon estivera instalado num hotel de Montmartre, do qual partira, sem deixar qualquer direção, na manhã que se seguira à visita de um homem vindo de Londres.

Roux não teve dúvidas quanto à identidade do visitante. Obviamente Mr. Harris contactara dois mercenários em Paris, e ele, Roux, fora preterido.

Encarregou Alain de vigiar o hotel durante quatro dias, mas Shannon não regressou. Lembrando-se então de que os jornais haviam associado o nome de Shannon ao de Langarotti nos recentes combates na África Ocidental, enviou Alain a Marselha. Este acabava de comunicar-lhe que Langarotti partira de Marselha para Londres.

Depois da partida de Alain, Roux refletiu nos fatos. Shannon estava recrutando homens, sem dúvida porque aceitara o contrato de Walter Harris -

contrato que, estava pessoalmente convencido, lhe pertencia. Arriscava-se a perder o domínio que exercia sobre os mercenários franceses se não arranjasse qualquer tipo de trabalho.

Se Shannon desaparecesse - para sempre -, provavelmente Mr. Harris voltaria a procurá-lo. Sem mais delongas, fez um telefonema local. O novo visitante de Roux, Raymond Thomard, era um assassino por instinto e profissão. Também combatera no Congo, onde Roux o utilizara para trabalhos sórdidos. Crendo, embora erradamente, que Roux era um homem importante, Thomard era tão leal quanto um indivíduo comprado pode ser.

- Tenho um contrato para você - informou-o Roux. - Cinco mil dólares. Thomard sorriu.

- Quem é o homem que quer limpar?

- Cat Shannon.

O sorriso apagou-se do rosto de Thomard, mas Roux prosseguiu, sem lhe dar tempo de responder:
- Sei que ele é bom, mas você é melhor. Ele o conhece?
Thomard abanou a cabeça.
- Nunca nos encontramos.
- Então não precisa se preocupar - declarou Roux, dando-lhe uma palmada nas costas. - Mantenha-se em contato comigo. Digo onde pode encontrá-lo. EM Londres, o jantar praticamente terminado, o Pequeno Marc propôs que fizessem o brinde do Congo:
Vive la mort, vive la guerre,
Vive le sacré mercenaire.
De espírito leve, enquanto os outros se embriagavam, Cat Shannon interrogou-se sobre o grau de violência que se desencadearia quando soltasse aquela matilha de cães no palácio de Kimba.
Silenciosamente, bebeu pelos cães da guerra.
CAPÍTULO OITO
Pouco depois das nove horas da manhã de quinta-feira, Martin Thorpe apresentou-se no gabinete de Sir James Manson com os dados que obtivera.
- Não há dúvida de que tem razão acerca da Bormac, Martin - confirmou Manson, depois de estudar os documentos. – Mas porque é que ainda não compraram o acionista majoritário?
A Bormac Trading Company fora criada para explorar a produção de vastas plantações de borracha no Bornéu, empregando trabalhadores chineses. O seu fundador fora um escocês inflexível chamado Ian Macallister. Em 1904,

Macallister
e um grupo de homens de negócios britânicos haviam constituído a Bormac com uma emissão de meio milhão de ações. O escocês ficara com cento e cinqüenta mil ações, um lugar na administração e a gerência das plantações. Decorridos dez anos, e graças a lucrativos contratos de guerra, o preço das ações subira de quatro xelins para mais de duas libras. A explosão de lucros conseqüente da guerra prolongou-se até 1918. Verificou-se uma quebra brusca imediatamente após a I Guerra Mundial, mas a loucura dos automóveis na década de 1920

aumentou consideravelmente a procura da borracha, necessária para o fabrico de pneus. Realizou-se uma nova emissão de ações ao par, elevando-se para um milhão o número total de ações e para trezentos mil o lote de Sir Ian. A depressão da década de 1930 fez descer de novo a cotação das ações. Em 1937, a companhia começava a se recuperar quando um dos coolies chineses enlouqueceu e, enquanto Sir Ian dormia, o assassinou com um parang de lâmina afiada. Faltava ao subgerente que o substituiu no cargo a garra do patrão assassinado, por isso a produção diminuiu. A companhia foi se mantendo numa situação econômica muito desfavorável, acabando por perder irrecuperavelmente as suas possessões após a Guerra Mundial, em conseqüência do nacionalismo indonésio. Quando Martin Thorpe consultou os livros da firma, as suas ações valiam um xelim cada uma.

O conselho de administração da Bormac era composto

por cinco diretores que controlavam apenas dezoito por cento do total de um milhão de ações. Das restantes, cinqüenta e dois por cento estavam distribuídos por seis mil e quinhentos acionistas. Era, porém, um único lote de trezentas mil ações, pertencentes à viúva de Sir Ian Macallister, que interessava a Thorpe e Manson. Era estranho que este lote não tivesse há muito sido vendido, pois com ele o comprador adquiriria a possibilidade de dispor da estrutura da outrora florescente companhia. Tal como estava montada, era ideal para a exploração dos recursos naturais de qualquer país fora do Reino Unido.

- Ela deve ter pelo menos oitenta e cinco anos - disse Thorpe. - Vive num apartamento lúgubre em Kensington, aos cuidados de uma dama de companhia.

- Já foi, com certeza, abordada ... - murmurou Sir James, pensativo. - Martin, informe-se a seu respeito. Deve ter um ponto fraco qualquer que possamos explorar para persuadi-la a vender. Descubra-o, seja ele qual for. Seguidamente, Manson retirou da gaveta da secretária seis impressos de pedidos de abertura de contas numeradas no Zwingli Bank, em Zurique, e explicou, rápida e concisamente, o que queria que se fizesse.

ENDEAN telefonou a Shannon pouco depois das duas horas e foi
pormenorizadamente informado das providências por este tomadas e das suas necessidades imediatas:

- Quero que na próxima segunda-feira, até ao meio-dia, transfira por telex do seu banco suíço para crédito da minha conta, isto é, a de Keith Brown, no Banque de

Crédit, no Luxemburgo, cinco mil libras, e mais cinco mil para o Landesbank, em Hamburgo.
Explicou que necessitava do dinheiro essencialmente para aprovar o seu crédito, antes de iniciar negociações para as compras. Mais tarde, transferiria a
maior parte dessa soma para Bruges.
Endean prometeu enviar imediatamente as instruções necessárias para Zurique.
NA quinta-feira, quando Janni Dupree chegou da Cidade do Cabo, realizouse nova reunião para celebrar. Quando ouviu as condições de Shannon, o rosto de Janni abriu-se num sorriso.
- Conte comigo, Cat.
- Ótimo. Quero que fique em Londres e compre o vestuário que vamos precisar. Vou dar-lhe uma lista completa.
- Está bem. Quanto custará?
- Cerca de mil libras. Faça as compras em lojas diferentes, pague a vista e leve imediatamente tudo o que comprar. Não dê a ninguém nem um nome nem um endereço. Guarde tudo em um armazém, mande encaixotar para exportação e consulte quatro despachantes diferentes. Pague a cada um deles para enviar a encomenda a outro despachante de Marselha, a fim de ser retirada por Monsieur Jean-Baptiste Langarotti.
- Qual é o despachante de Marselha? - perguntou Dupree.
- Ainda não sabemos - respondeu Shannon, voltando-se em seguida para o corso: - Jean, quando souber o nome do agente que pretende utilizar para exportar os barcos de borracha e os motores, mande-nos o nome e endereço

pelo correio; uma cópia para cá, para mim, e outra para Jean Dupree, Posta-Restante de Trafalgar Square. Falemos agora de dinheiro.
Shannon retirou da sua secretária quatro cartas dirigidas ao Kredietbank de Bruges, no espaço em branco de cada uma das quais escreveu respectivamente o nome do banco de cada mercenário.
Nessas cartas pedia-se ao Kredietbank que, no próprio dia da recepção das mesmas, transferisse mil duzentos e cinqüenta dólares para a conta de cada um dos nomes e bancos mencionados. A mesma transferência deveria repetir-se nos dias 5 de Maio e 5 de Junho.
Finalmente, Shannon entregou a cada um deles o dinheiro necessário para despesas de hotel e passagens de avião e recomendou-lhes que se reunissem às onze horas da manhã do dia seguinte, à porta do seu banco em Londres.
Quando todos saíram, e depois de confirmar por telefone junto do seu amigo repórter que poderia fazê-lo, Shannon sentou-se e escreveu uma extensa carta a um homem de África. Nessa noite, Shannon jantou sozinho. NA sexta-feira de manhã, em Zurique, Martin Thorpe entregou ao Dr. Steinhofer, do Zwingli Bank, seis formulários para abertura de contas numeradas em nome dos Srs. Adams, Ball, Carter, Davies, Edwards e Frost. Anexas a cada formulário estavam duas cartas: uma passava procuração a Mr. Martin Thorpe para movimentar as contas, a outra, assinada por Sir James Manson, pedia ao Dr. Steinhofer que transferisse para a conta de cada um dos seus associados a quantia de cinqüenta mil libras.

O Dr. Steinhofer aceitou os formulários sem fazer qualquer observação. Se um inglês rico decidia contornar as complexas normas legais do seu país, o problema era dele.

- A empresa que temos em vista chama-se Bormac Trading Company - disse Thorpe a Steinhofer. - Vamos tentar persuadir Lady Macallister a vender os trinta por cento de ações da Bormac.

Como sabe, não é permitido a um único comprador adquirir mais de dez por cento de ações de uma companhia sem revelar a sua identidade.

Consequentemente, os quatro compradores serão Mr. Adams, Mr. Ball, Mr. Carter e Mr. Davies, cada um dos quais adquirirá sete e meio por cento do lote. Pedimoslhe que atue em nome deles.

O banqueiro fez um gesto de consentimento. Tratava-se de uma prática corrente.

- Vou tentar convencer a senhora a assinar os certificados de transferência sem que neles se mencione o nome do comprador - acrescentou Thorpe.

- Compreendo perfeitamente - respondeu calmamente o Dr. Steinhofer. - Depois de ter conversado com a senhora, estudamos a melhor maneira de proceder. Diga a Sir James que não se preocupe.

Thorpe estava de regresso a Londres ao anoitecer, a tempo de gozar o fimdesemana.

QUANDO saiu do banco, Shannon trazia consigo quatro envelopes

castanhos contendo dinheiro e instruções. Os quatro

mercenários, que o esperavam no passeio, receberam os respectivos envelopes e seguiram diferentes direções.
Chegado ao apartamento, Shannon redigiu um relatório para Endean, que nessa mesma noite enviou pelo correio.
Como tinha o fim-de-semana livre, telefonou a Julie Manson e convidou-a para jantar. Ela foi buscá-lo, conduzindo o
seu MGB vermelho.
- Vamos jantar em um lugar que eu conheço - propôs a jovem. - Assim posso apresentá-lo a alguns dos meus amigos.
Shannon sacudiu a cabeça num gesto de negação.
- Nem pense nisso. Não vou passar a noite toda ouvindo perguntas idiotas a respeito de como se matam pessoas.
Ela fez beicinho.
- Por favor, Cat! Não digo o que você faz.
Shannon se deixou convencer.
- Está bem, mas com uma condição. Chamo-me Keith Brown e você não diz mais nada a meu respeito nem a respeito do que faço. Entendido? Julie soltou uma breve gargalhada.
- Formidável! Claro, Mr. Keith Brown.
Levou-o ao Tramp's, cujo gerente a cumprimentou com um beijo e apertou a mão a Shannon.
Uma vez sentados à mesa, Shannon olhou à sua volta, observando a clientela. Notando os cabelos compridos e o vestuário informal, deduziu que quase
todos os presentes deveriam pertencer ao mundo do teatro e similares. Havia, no entanto, também alguns

jovens homens de negócios que pretendiam seguir a moda, entre os quais não tardou a descobrir uma cara conhecida. Quando terminou o seu cocktail de lagosta, pediu licença e encaminhou-se na direção do vestíbulo, como se pretendesse dirigir-se ao lavabo dos homens. Decorridos segundos, sentiu uma mão no ombro e virou-se para enfrentar Simon Endean.

- Está doido? - perguntou-lhe este rispidamente.

Shannon olhou-o com pretensa surpresa e ar inocente.

- Creio que não. Porquê?

Endean estava pálido de cólera, pois sabia o carinho que Manson dedicava à sua "inocente" filha. Porém, provocar uma altercação com aquele indivíduo pelo fato deste jantar com uma jovem de apelido Manson revelaria a sua máscara e a do patrão.

- Que está fazendo aqui? - perguntou, confuso.

- Jantando - respondeu-lhe Shannon com ar intrigado. - Escute, Harris, tive vontade de sair e jantar fora e ninguém tem nada com isso.

- Quem é ela?

Shannon encolheu os ombros.

- Chama-se Julie e a conheci num café.

- É um conhecimento de acaso? - perguntou Endean, horrorizado.

- Sim, mais ou menos. Porquê?

- Por nada. Mas tenha cuidado com as mulheres, com todas. Seria mesmo melhor se as deixasse em paz por uns tempos.

- Não se preocupe, Harris. Não haverá indiscrições, na

cama ou fora dela. Além disso, disse-lhe que me chamava Keith Brown.
Endean saiu para que Julie Manson não o visse.
Shannon e Julie tiveram a sua primeira discussão quando regressavam ao apartamento dele. Cat recomendara-lhe que não dissesse ao pai que saía com um mercenário e que não mencionasse o seu nome.
- Ele a mandaria embora, para longe daqui.
Em resposta, Julie decidira irritá-lo, afirmando que sabia perfeitamente manejar o pai e que, além do mais, ele, Shannon, poderia salvá-la.
- De qualquer modo, não recebo ordens de ninguém - acrescentou quando entraram no apartamento.
- Vai recebê-las de mim - replicou Shannon, furioso. – Quando estiver com o teu pai, eu a proíbo de dizer uma única palavra a meu respeito.
- Vou fazer o que me der vontade!
Shannon agarrou-a, sentou-se numa cadeira e deitou-a nos joelhos. Durante cinco minutos, confundiram-se na sala os gritos de protesto da jovem e o estalar da mão de Shannon. Quando ele a libertou, ela correu para o quarto a soluçando alto.
Shannon fez café e bebeu-o lentamente, junto da janela. Quando entrou no quarto, escuro e silencioso, distinguiu um pequeno vulto no extremo da cama, na beira da qual se sentou.
- Você é detestável - murmurou Julie.
- E você é uma menina mimada - respondeu, enquanto lhe afagava o pescoço.

- Não sou nada! - Houve uma pausa. - Sou, sim.
Ele continuou a acariciá-la.
- Cat, pensa realmente que o meu pai me afastaria de você, se eu lhe dissesse?
- Sim. Tenho certeza.
- Diga-me uma coisa...
- O quê?
- Porque vive assim? Porque é mercenário e anda por aí fazendo guerra?
- Eu não faço guerra. O mundo em que vivemos é que as faz... um mundo governado por homens que fingem ser moralistas, quando na maioria dos casos não passam de uns bandidos interesseiros e egoístas. Eu me limito a combater nas guerras, porque é desse modo que gosto de viver. Não se trata apenas do
dinheiro. Muitos de nós combatemos pela mesma razão: gostamos de viver duramente, gostamos de combater.
- Mas porque tem de haver guerras?
- Porque só há duas espécies de pessoas neste mundo: os predadores e as presas. E os predadores triunfam sempre, porque estão preparados para lutar pelos seus objetivos e para destruir os que se lhes opõem resistência. Os predadores tornam-se os potentados, e os potentados nunca estão satisfeitos. Procuram incessantemente a moeda que adoram. No mundo comunista, a moeda é o poder. Cada vez mais poder. No mundo capitalista, a moeda é o dinheiro. Cada vez mais dinheiro... que acaba também por ser uma forma de poder. Se é necessário

fazer uma guerra para consegui-lo, faz-se a guerra. O resto, o chamado idealismo, é conversa fiada.
- Algumas pessoas lutam por idealismo.
- Lutam. E noventa e nove por cento são enganadas. Os GI's do Vietnam, por exemplo: pensa que morrem pela vida, pela liberdade e para alcançar a felicidade? Morrem pelo índice Dow Jones. E os soldados britânicos que morreram no Quênia e no Chipre? Estavam nessas terras porque o seu coronel recebeu ordem do Ministério da Guerra, que a recebera do Governo, interessado em manter o controle britânico sobre os poderes econômicos. É tudo uma grande farsa Julie. A diferença, no meu caso, é que ninguém me diz quando devo combater nem por quem. É por isso que os políticos, os regimes, odeiam os mercenários. Não nos podem controlar. Escolhemos os nossos próprios contratos.
- Você é um rebelde, Cat - murmurou Julie.
- Sou. Sempre fui. Não, nem sempre. Sou rebelde desde que estive nos fuzileiros e enterrei seis dos meus companheiros no Chipre. Foi então que comecei a duvidar da sensatez e da integridade dos nossos dirigentes.
- Mas pode morrer numa dessas guerras inúteis.
- Posso, e também podia ganhar um salário inútil, num escritório inútil, à espera de uma aposentadoria inútil. Prefiro viver à minha maneira... e morrer à minha maneira, com uma bala no peito e uma arma na mão. E agora durma, amor. Já está amanhecendo.
NA segunda-feira seguinte, no Luxemburgo, Shannon identificou-se no Banque de Crédit como Keith Brown e

perguntou pelas cinco mil libras depositadas em seu nome. O crédito acabara de chegar. Levantou mil libras em francos luxemburgueses e mandou transferir o saldo para a conta de Keith Brown em Bruges.
Ainda teve tempo de engolir um almoço rápido antes de se dirigir à firma de contabilistas Lang & Stein, onde tinha uma entrevista marcada com Mr. Emil Stein,
um dos sócios da respeitável sociedade.
- Nos próximos meses - disse ao grisalho cidadão luxemburguês -, um grupo de homens de negócios ingleses pretende realizar uma série de operações comerciais na área do Mediterrâneo. Desejávamos, para esse efeito, constituir uma sociedade holding no Luxemburgo.
- Isso não constitui problema - respondeu Mr. Stein, que recebia diariamente pedidos semelhantes. - Naturalmente, haverá que cumprir todos os requisitos legais exigidos pelo Grão-Ducado do Luxemburgo. Tem de haver um mínimo de sete acionistas, cujos nomes e ações ficam normalmente registrados. Mas existe uma cláusula a respeito da emissão de ações ao portador que não exige o registro da identidade do acionista majoritário. O portador da maioria controla a companhia sem necessidade do menor vestígio de prova que demonstre como adquiriu as ações. Está compreendendo, Mr. Brown? Shannon o compreendia. Deixou um depósito de quinhentas libras em dinheiro e declinou o nome da sociedade a constituir, a Tyrone Holdings SA. Decorrida aproximadamente uma semana, organizaria uma reunião

geral que assinalaria a sua constituição, podendo então Semmler proceder à compra do navio à sombra de uma sociedade que era impossível controlar.
Na manhã seguinte, Shannon partiu de avião para Hamburgo. Desta vez ia procurar armas.
Depois do tráfico de narcóticos, o de armas letais é o mais lucrativo do Mundo. Todas as grandes potências têm equipes de vendedores encarregadas de percorrer o Globo e persuadir os potentados de que não têm armas suficientes ou que devem substituir as que possuem. Não interessa aos vendedores o objetivo com que serão utilizadas essas armas. Por vezes, porém, as perspectivas de lucro e a estabilidade política entram em conflito, pelo que os países cooperam em certa
medida nas vendas de armas e qualquer pedido de aquisição apresentado a qualquer potência é geralmente sujeito a um minucioso estudo.
Um negociante autorizado, habitualmente residente no seu próprio país, só vende depois de consultar o seu governo, para se certificar de que a transação é admissível. Este o processo normalmente seguido ao nível mais elevado do negócio privado de armas. A um nível inferior encontra-se o traficante mais duvidoso, o negociante autorizado que não tem armas, mas possui um alvará que o autoriza a negociar a sua venda. E a escória do negócio engloba os traficantes do mercado negro, que, embora desprovidos da respectiva licença, fazem negócio, pois são de grande utilidade aos compradores de armas clandestinas, que não podem efetuar transações mediante contratos

intergovernamentais. O documento fundamental no negócio de armas é o chamado certificado de último destino, que comprova que as armas foram compradas, direta ou indiretamente, pelo último destino, o qual, no mundo ocidental, é, na maioria dos
casos, um Estado soberano. O problema crucial dos certificados de último destino é o fato de alguns países procederem a rigorosas averiguações para se assegurarem da sua autenticidade, enquanto outros são conhecidos como vendedores “que não fazem perguntas". Os certificados de último destino, como qualquer documento, são susceptíveis a falsificações.

Foi neste mundo que Shannon penetrou cautelosamente ao chegar a Hamburgo.

Dois países haviam adquirido a reputação de fazer poucas perguntas sobre a autenticidade da procedência dos certificados de último destino apresentados. Um deles era a Espanha, cujas fábricas CETME produziam uma vasta gama de armas, e o outro, recentemente surgido no mundo dos fabricantes de armas, a lugoslávia, que produzia um excelente morteiro de infantaria ligeira e uma bazuca
razoável. Como estas mercadorias eram novas, Shannon cria que seria fácil a um negociante persuadir Belgrado a vender uma pequena quantidade de armas

daquele tipo - um mínimo de dois morteiros de 60 mm com trezentas granadas e duas bazucas com quarenta granadas de bazuca. Poderia sempre alegar que o cliente desejava proceder a algumas experiências antes de fazer

uma encomenda mais importante.
Shannon sabia que não estava em situação de negociar com governos ou com importantes negociantes devidamente legalizados. O problema consistia em que as características e quantidade das armas que procurava traíam o fim a que se destinavam: uma única operação, tal como o assalto a um edifício num curto espaço de tempo. Conseqüentemente, concluíra que seria mais seguro, porque mais discreto, dividir o total das aquisições necessárias em lotes menores e comprar apenas um único tipo de armas com cada vendedor.
De um dos homens que tencionava contactar pensava conseguir
quatrocentos mil cartuchos de 9 mm, do tipo que serve simultaneamente para pistolas automáticas e para pistolas-metralhadoras.
Não só era este gênero de munições que poderia necessitar a força policial de qualquer pequeno país que pretendesse refazer o seu sortido bélico, como tal encomenda não despertaria suspeitas, uma vez que não incluía quaisquer armas. Para conseguir este objetivo, precisava encontrar um negociante de armas autorizado, que não teria dificuldade em incluir uma encomenda tão insignificante
entre o conjunto de outras maiores. Embora autorizado, o negociante deveria estar
disposto fazendo um negócio ilícito através de um certificado de último destino forjado, que apresentaria posteriormente a um governo fornecedor pouco rigoroso

nas suas averiguações sobre a veracidade do mesmo.
Shannon deslocara-se a Hamburgo para fazer suas encomendas a primeira das quais a um certo Johann Schlinker, que, embora tendo licença para negociar com a CETME em Madrid, gozava de uma reputação que permitia pensar que seria capaz de apresentar um certificado de último destino forjado. O seu segundo contato seria um antigo conhecimento - Alan Baker -, um comerciante ilegal bem relacionado com os lugoslavos.
Shannon começou por dirigir-se ao Landesbank, onde levantou, mediante um cheque passado em seu nome, as cinco mil libras ali depositadas. Seguidamente, dirigiu-se ao modesto escritório de Johann Schlinker, um homem gordo e jovial.
- O que o traz aqui, Mr. Brown?
- Falaram-me do senhor, Herr Schlinker, como um dos negociantes de material bélico mais dignos de confiança.
Schlinker sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça.
- Posso perguntar quem me recomendou.
Shannon mencionou o nome de um homem de Paris, estreitamente relacionado com assuntos africanos como representante de determinado serviço governamental francês, a quem prevenira que usaria o nome de Brown. Schlinker arqueou as sobrancelhas e pediu:
- Me dá licença, só por um minuto?
Quando voltou, sorria abertamente.
- Precisei telefonar a um amigo de Paris. Queira continuar.
- Quero um lote de munições de 9 mm - respondeu

Shannon sem rodeios - para um grupo africano do qual sou conselheiro técnico. A entrega deverá ser feita por barco.

- Qual o total da encomenda? - perguntou o alemão.
- Quatrocentas mil cargas.
- Não é muito - comentou Schlinker com displicência.
- Neste momento, um pequeno investimento, que poderá conduzir a outros mais tarde.
- Tem um certificado de último destino?
- Lamento, mas não tenho. Pensei que não fosse difícil conseguir um.
- Oh, evidentemente que não! Posso oferecer-lhe balas de 9 mm a sessenta e cinco dólares por milhar, mais uma sobretaxa de dez por cento para o certificado e outros dez por cento para colocação a bordo.

Para colocação a bordo significava que o preço abrangia todas as despesas, incluindo licença de exportação, despacho alfandegário e carga a bordo do navio, no próprio porto. Shannon fez um cálculo rápido: vinte e seis mil dólares para as munições, mais cinco mil e duzentos dólares para o restante. Excessivamente caro.

- Qual seria a modalidade de pagamento?
- Cinco mil e duzentos dólares imediatamente e o pagamento integral quando eu tiver o certificado. Preciso também do nome do navio para arranjar uma licença de exportação. O navio deverá estar devidamente registrado ou pertencer a uma companhia de navegação registrada.

Shannon concordou.

- Quanto tempo entre o pagamento e o embarque?
- Em Madrid são um pouco lentos ... Cerca de quarenta dias.
Shannon levantou-se. Saiu e, decorrida uma hora, voltou com o dinheiro. Enquanto esperava que Schlinker passasse o recibo, os seus olhos caíram sobre um catálogo de uma empresa que fabricava material de pirotecnia não militar, nomeadamente bombas luminosas e foguetes.
- Está relacionado com esta companhia, Herr Schlinker?
- É minha - respondeu o alemão com um largo sorriso. – É através dela que sou conhecido pelo grande público.
Excelente cobertura para um armazém repleto de caixotes com a
advertência: PERIGO DE EXPLOSÃO, pensou Shannon. Elaborou rapidamente uma lista de artigos.
- Pode satisfazer esta encomenda?
Schlinker olhou a lista, que incluía dois tubos lança-foguetes, dez foguetes luminosos de magnésio presos a pára-quedas, duas potentes sirenes de nevoeiro, quatro conjuntos de binóculos noturnos, três conjuntos de transmissoresemissores portáteis e cinco bússolas de pulso.
- Com certeza - respondeu. - Tenho todo esse material. E como não está classificado como material bélico, não há problemas quanto à exportação.
- Ótimo. Quanto custaria tudo isso, com frete pago para um agente exportador de Marselha?
- Quatro mil e oitocentos dólares - respondeu o alemão.

- Comunico com o senhor dentro de doze dias - declarou Shannon. - Enviolhe um cheque pelo pagamento deste material e o endereço do agente em Marselha. Dentro de trinta dias pago-lhe os vinte e seis mil dólares das munições

e indico-lhe o nome do navio.

Nessa noite, Shannon jantou com Alan Baker, que conhecia a sua

verdadeira identidade. Magro e resistente, Baker era um ex-sapador do Exército Real que se fixara na Alemanha após a guerra, onde se dedicara ao contrabando de armas para pequenos grupos nacionalistas ou anticomunistas.

- Sim, é possível arranjar - disse, depois de ouvir o pedido de Shannon. - Mas neste momento tenho um problema.

- Qual é?

- Os certificados de último destino. Até agora contava com a ajuda de um diplomata da África Oriental colocado em Bona, que assinava o que quer que fosse mediante pagamento, mas foi mandado regressar ao seu país. Tenho tido dificuldades em encontrar um substituto.

Como não era um negociante autorizado, Baker não podia obter um certificado legal, semelhante ao de Schlinker.

- Os lugoslavos são exigentes quanto a certificados de último destino? Se eu conseguisse arranjar um certificado de um país africano, serviria?

- Sem dúvida, desde que a documentação estivesse em ordem. Quanto ao preço, um lança-morteiros de 60 mm vai lhe custar mil e cem dólares, isto é, dois

mil e duzentos o par. As granadas custam vinte e quatro dólares cada uma.
- Está bem - concordou Shannon. - Quero trezentas.
- Então são sete mil e duzentos dólares pelas granadas. Um par de bazucas custa dois mil dólares. Com quarenta granadas de bazuca a quarenta e dois dólares e meio cada uma são ... são ...
- Mil e setecentos dólares - respondeu Shannon. - Treze mil e cem dólares no total.
- Mais dez por cento para colocação a bordo do seu navio, Cat. Vejamos as coisas como são, é uma encomenda pequena, mas mesmo assim acarreta-me despesas. Digamos catorze mil e quinhentos dólares, está bem?
- Digamos catorze mil e quatrocentos - respondeu Shannon. - Arranjo o certificado e envio-lho pelo correio, com um sinal de cinqüenta por cento. Quando
o material estiver na lugoslávia, embalado e pronto para seguir, pago mais vinte e
cinco por cento, e liquido o resto quando o navio sair do porto. De quanto tempo precisa?
- Cerca de trinta e cinco dias, a partir da recepção do certificado de último destino.
Já fora do restaurante, apertaram as mãos, e Baker disse:
- Não se preocupe, Cat. Pode confiar em mim.
“É o pode!”, murmurou Shannon, enquanto se afastava.
Na manhã seguinte - o décimo nono dia - regressou a Londres de avião.

CAPÍTULO NOVE

NAQUELA quarta-feira de manhã, quando Martin Thorpe

entrou no
gabinete de Sir James Manson, este o convidou a sentar.
- Andei investigando Lady Macallister - informou Thorpe.- Tem oitenta e seis anos, é muito irritável e tão agarrada à tradição escocesa que todos os seus
assuntos são tratados por um solicitador de Dundee. Parece ter uma obsessão na vida, mas não se trata de dinheiro. Tem fortuna pessoal. O seu pai era um proprietário rural com mais terras do que dinheiro disponível. Quando morreu, ela
herdou todos os seus bens e os direitos de pesca e caça renderam-lhe uma pequena fortuna. Duas pessoas tentaram comprar-lhe as ações da Bormac. Creio que lhe ofereceram dinheiro, mas isso não lhe interessa.
- Que diabo lhe interessa então? - perguntou Sir James.
- Tentou mandar erigir uma estátua ao marido, mas o Conselho Municipal de Londres recusou. Mandou erguer um memorial na cidade natal do marido. Creio que é essa a sua obsessão: a memória do velho traficante de escravos com quem foi casada.
Thorpe expôs a sua idéia, que Manson escutou pensativamente.
Pouco depois do meio-dia, Shannon encontrava-se de novo no seu
apartamento de Londres, onde o esperava um telegrama enviado por Langarotti, de Marselha, informando-o o endereço do hotel onde se instalara com o nome de M. Lavallon. Shannon telefonou para M. Lavallon, que saíra, e deixou-lhe um recado pedindo-lhe que telefonasse a Mr.

Brown em Londres. Depois, datilografou uma carta pedindo informações ao corso sobre um homem de Paris a quem ele se referira como a pessoa indicada para obter certificados de último destino de uma das embaixadas africanas. Em seguida, telegrafou a Walter Harris, comunicandolhe que gostaria de vê-lo na manhã seguinte, às onze horas. Passou a tarde datilografando um relatório completo das suas viagens a Luxemburgo e a Hamburgo. No preciso momento em que o terminava, bateram à porta. Era Janni Dupree.

Este o informou de que a maior parte do vestuário estaria pronta na sextafeira. Na semana seguinte, se ocuparia dos sacos de dormir, mochilas e calçado. Shannon prometeu informá-lo do nome do agente de navegação de Marselha ao qual deveria consignar esse material. Depois lhe entregou uma carta destinada a Langarotti, endereçada aos cuidados do principal posto dos Correios de Marselha, e pediu-lhe que a expedisse imediatamente por correio expresso. Às oito horas, quando finalmente Langarotti telefonou, sentia-se esfomeado. Perguntou-lhe por meias palavras - medida de precaução que recomendara para as conversas telefônicas - como decorriam os trabalhos.

- Escrevi a três fabricantes de barcos pedindo catálogos. Quando encontrar o material apropriado, posso comprá-lo de vendedores locais - respondeu-lhe Langarotti.

- Boa idéia. Agora escute. Preciso do nome de um bom agente de

navegação de Marselha. Em breve, seguirão daqui alguns

caixotes e um de Hamburgo.

- Preferia utilizar um agente de Toulon - disse Langarotti.

Shannon calculou por que motivo. A Polícia de Marselha começava a exercer uma vigilância mais forte no porto e o novo chefe da alfândega tinha uma fama terrível. Embora o seu objetivo fosse dificultar o tráfico de heroína, a busca em um barco à procura de droga poderia facilmente revelar a existência de armas.

- Acho bom - aprovou Shannon. - Telegrafe-me o nome quando o tiver. E também a resposta a uma carta que vai receber.

Na manhã seguinte, Shannon reservou lugar num vôo de fim-de-semana da BEA para determinado local da África, via Paris.

Endean chegou ao apartamento às onze horas em ponto.

- Vejo que avançou muito - observou, depois de ler o relatório de Shannon.

- Avancei. Quero ter todas as encomendas feitas até ao vigésimo dia, o que me deixa quarenta dias para executar o plano. Precisamos de uma margem de vinte dias para reunir todo o material e colocá-lo a bordo. A data da partida do navio terá de ser o octogésimo dia para podermos atacar na data prevista. A propósito, em breve vou precisar de mais dinheiro.

Depois de algumas objeções iniciais, Endean concordou em depositar mais vinte mil libras na conta belga de Shannon, após o que saiu.

A sala do apartamento de Cottesmore Gardens, não longe

da Kensington High Street, era extremamente sombria. Das paredes pendiam retratos de antepassados: Montroses e Monteagles, Farquhars e Frazers. Impondo-se a todos os outros, numa enorme moldura suspensa sobre um fogão de sala jamais aceso, via-se o retrato de um homem vestido de kilt, o rosto enquadrado por um par de suíças ruivas. Sir Ian Macallister, cavaleiro do Império Britânico. Martin Thorpe
desviou de novo o olhar para Lady Macallister, afundada numa cadeira.
- Já recebi outras ofertas, Mr. Thorpe. Mas não vejo motivo para vender a companhia do meu marido. Foi o seu trabalho. Não vendo...
- Mas, Lady Macallister...
- Compreende, a companhia foi a herança que ele me deixou.
- Lady Macallister... - recomeçou Thorpe.
- Tem de falar diretamente para o aparelho auditivo - atalhou a dama de companhia de Lady Macallister. - Ela é surda como uma porta.
Thorpe inclinou a cabeça, num agradecimento, e reparou pela primeira vez devidamente na dama de companhia, que devia orçar pelos setenta anos e parecia o gênero de pessoa coagida, por necessidades financeiras, a colocar-se na dependência de outrem.
O visitante inclinou-se mais para o aparelho auditivo e disse:
- Lady Macallister, as pessoas que represento não querem modificar a companhia. Querem apenas torná-la de novo

próspera e famosa, como no tempo em que o seu marido a dirigia.
Acendeu-se um pequeno clarão nos olhos da anciã.
- Como o meu marido ...
- Sim, Lady Macallister - gritou Thorpe. - Queremos recriar a obra da sua vida e transformar as propriedades Macallister, em homenagem à sua memória.
- Não quiseram erguer um monumento à memória do meu Ian.
- Se a companhia fosse rica, poderia insistir no monumento - gritou Thorpe.- Poderia criar uma Fundação Sir Ian Macallister.
- Custaria muito dinheiro - lamuriou ela. - Não sei... Se Mr. Dalgleish aqui estivesse ... Ele assina todos os documentos por mim. Mrs. Barton, quero ir para o meu quarto.
- Já não é sem tempo - respondeu bruscamente a dama de companhia. Mrs. Barton ajudou a anciã a levantar-se, acompanhou-a e regressou sozinha à sala, decorridos poucos minutos.
Thorpe ergueu-se e sorriu desoladamente.
- Parece que falhei. E, no entanto, as ações dela não valem nada, se não se modernizar a companhia. Desculpe-me tê-la incomodado.
- Estou habituada a ser incomodada - respondeu Mrs. Barton, cujo rosto, não obstante, se suavizou. - Quer tomar uma xícara de chá antes de se ir? O instinto aconselhou Thorpe a aceitar. Quando se sentaram na cozinha para beber o chá, Mrs. Barton falou-lhe de Lady Macallister:

- Ela não compreende todos os seus argumentos convincentes, Mr. Thorpe; nem sequer compreendeu quando se propôs erguer um monumento em memória do velho papão.
Thorpe ficou surpreendido. Obviamente azeda, Mrs. Barton sabia pensar por si própria.
- Ela faz o que a senhora lhe diz - observou.
- Mais uma xícara de chá, Mr. Thorpe? - Enquanto o servia, disse calmamente: - Faz, faz o que lhe digo! Sabe que, se eu fosse embora, nunca mais arranjaria outra dama de companhia.
- Não deve ser uma vida muito agradável para a senhora, Mrs. Barton.
- Não é, mas tenho de agüentar. É o preço que tenho de pagar.
- Por ser viúva? - perguntou Thorpe delicadamente.
- Sim.
Na prateleira da chaminé via-se o retrato de um jovem com o uniforme de piloto da RAF.
- É seu filho?
- É. Foi abatido em França, em 1943.
- O que significa que, quando Lady Macallister morrer, não vai ter quem cuide da senhora.
- Não, mas hei de me arranjar. Ela deve me deixar qualquer coisa em testamento. Há dezesseis anos que estou ao seu serviço.
Quando saiu, uma hora depois, naquela tarde de quinta-feira, Thorpe procurou imediatamente uma cabina telefônica. Um corretor de seguros do West End

concordou em recebê-lo às dez horas da manhã do dia seguinte. NA sexta-feira, imediatamente depois do almoço, Sir James Manson chamou Endean ao seu gabinete. Lera o relatório de Shannon e estava agradavelmente surpreendido com a rapidez com que o mercenário trabalhava. Mas o que mais lhe agradava era o telefonema que acabava de receber de Thorpe.

- Você diz que Shannon estará no estrangeiro na próxima semana, Simon,

o que é ótimo. Tenho uma tarefa para você. Arranje um dos nossos contratos de emprego, cubra o nome da ManCon com uma tira de papel branco e escreva no seu lugar o nome da Bormac. Tire uma fotocópia e preencha o contrato, com a validade de um ano, pelos serviços de Antoine Bobi, com um ordenado mensal de quinhentas libras. Especifique que o ordenado será pago em francos do Daomé, para que ele não fuja.

- Bobi? - perguntou Endean. - Refere-se ao coronel Bobi?

- Exatamente. Não quero que o futuro presidente de Zangaro nos escape. Na segunda-feira, você vai ao Daomé convencê-lo de que a Bormac quer contratá-lo como consultor. Diga-lhe que as suas atribuições lhe serão comunicadas mais tarde e que, de momento, a única condição do emprego é que permaneça onde está até que você vá de novo visitá-lo. Quanto à data do contrato, providencie para que o último algarismo do ano fique ilegível. NESSA mesma tarde, às quatro horas, Thorpe saiu do apartamento de Kensigton com as quatro escrituras de transferência de ações de que necessitava

assinadas por Lady Macallister, na presença de Mrs. Barton, que servira como testemunha. Levava também uma carta que comunicava a Mr. Dalgleish, de Dundee, que devia entregar a Mr. Thorpe os títulos das ações, contra apresentação do cheque respectivo.
Lady Macallister não notara que o nome do comprador das ações não constava das escrituras de transferência. Só de pensar que Mrs. Barton poderia fazer as malas e partir ficara completamente transtornada. Antes de anoitecer, o nome do Zwingli Bank, na qualidade de procurador de Messrs. Adams, Ball, Carter e Davies, ocuparia os espaços deixados em branco.
Sir James Manson pagara dois xelins por cada uma das trezentas mil ações, ou seja um total de trinta mil libras. Despendera outras trinta mil na aquisição de uma pensão vitalícia que asseguraria um fim de vida sem preocupações a uma dama de companhia-governanta.
BENOIT Lambert, conhecido pelos amigos e pela Polícia de Paris como Benny, era um membro insignificante do submundo que se considerava um mercenário e traficante de armas. Embora, na verdade, não fosse mercenário, a variedade dos contatos que mantinha permitira-lhe arranjar ocasionalmente, aqui e
ali, uma ou outra arma - geralmente armas ligeiras para o mundo do crime. Também travara conhecimento com um diplomata africano que, por dinheiro, se prontificara a arranjar úteis certificados de último destino, fato que mencionara
dezoito meses antes, num bar, a Langarotti.

O corso telegrafou esta informação a Shannon, em resposta à sua carta, e telefonou a Benny para lhe marcar um encontro no fim-de-semana. O traficante de armas ficara surpreendido ao saber que ia receber a visita de Cat Shannon, de quem já ouvira falar. Ouvira igualmente dizer que Charles Roux estava disposto a pagar informações sobre o paradeiro do mercenário irlandês.
- Sim, posso arranjar esse certificado - disse Benny Lambert a Shannon. E mencionou um preço exorbitante.
- Merde - replicou-lhe o irlandês. - Pago-lhe mil libras.
- Está bem - concordou Lambert, depois de fazer os seus cálculos.

- Se disser uma palavra a este respeito, corto-lhe o pescoço - avisou Shannon. - Melhor ainda, encarrego o corso desse trabalho.
- Não digo uma palavra, juro. Arranjo-lhe o documento dentro de quatro dias.

Quando ficou só, Benny Lambert meditou no assunto e decidiu arranjar o documento, receber o dinheiro e informar Roux mais tarde.
Na noite seguinte, Shannon partiu de avião para África.
A Shannon era indiferente o trajeto longo e penosamente íngreme, bem como o calor e o ruído ensurdecedor do táxi. Mesmo após seis horas de vôo sem dormir, o irlandês desfrutava do prazer de se encontrar de novo na África. Era familiar o espetáculo das mulheres da aldeia a caminho do mercado, equilibrando na cabeça cabaças ou trouxas, e dos aldeãos que tagarelavam à sombra dos telhados de folhas de palmeira. Aspirou o cheiro das

palmeiras, da fumaça de lenha e do rio lodoso e estagnado. Chegou à casa pouco antes do meio-dia. Os guardas de serviço no portão revistaram-no minuciosamente. No interior, reconheceu um dos colaboradores pessoais do homem que ia visitar, o qual o conduziu a uma sala vazia.

Shannon olhava pela janela quando ouviu o ranger de uma porta que se abria. Virou-se.

O aspecto do general não sofrera praticamente alteração desde que se haviam despedido na pista de aterrissagem mergulhada em escuridão: a mesma barba densa e a mesma voz profunda de baixo.

- Já de volta, major Shannon? Não é capaz de viver fora da África? Shannon sorriu ante esta ironia, que lhe era familiar.

- Preciso de uma coisa, meu general, e tenho uma idéia que me parece conveniente discutirmos.

- Não creio que um exilado empobrecido tenha muito para lhe oferecer, mas estou sempre interessado em escutar as suas idéias. Se a memória não me atraiçoa, costumava ter algumas muito boas.

- Há uma coisa que o senhor tem e que me poderia ser útil. O senhor ainda conta com a lealdade do seu povo, e eu preciso de homens - disse Shannon. Falaram longamente e delinearam o plano durante toda a tarde. Quando anoiteceu, Shannon traçava gráficos. Só às três da manhã o carro foi chamado para conduzir o mercenário ao aeroporto.

- Eu me manterei em contato, meu general - prometeu

Shannon quando se despediram.
- E eu tenho de enviar imediatamente os meus emissários. Mas dentro de sessenta dias os homens estarão lá.
Shannon sentia-se exausto. A tensão das viagens constantes começava a se fazer sentir. Chegou a Le Bourget às seis horas da tarde de terça-feira e instalou-se num hotel do centro do 8º Arrondissement de Paris. Desistira do seu esconderijo de Montmartre, onde era conhecido pelo seu próprio nome. Decidiu, porém, que não havia perigo em ir jantar no seu restaurante preferido. Perguntou por Madame Michele e encomendou um filé mignon, após o que pediu duas

chamadas telefônicas com aviso prévio, a primeira das quais para M. Lavallon, de Marselha.
- Já arranjei o agente de navegação em Toulon - informou-o Langarotti. - Agence Maritime Duphot. Tem armazém próprio na alfândega. Envie as encomendas registradas em nome de J. B. Langarotti.
- Ótimo - aprovou Shannon. Em seguida, o irlandês telefonou a Janni. O sul-africano comunicou-lhe que tinha quatro caixotes prontos para embarque.
- Bom trabalho - elogiou Shannon, e indicou-lhe o nome e endereço do agente de navegação em Toulon. Em seguida, fez mais uma chamada, desta vez para Ostende.
- Estou em Paris - informou quando ouviu a voz de Vlaminck. - Aquele homem que tem a mercadoria que eu queria inspecionar ..
- Está disposto a encontrar-se com você e a discutir condições.

- Convide-o para o café da manhã, na sexta-feira, no Holiday Inn do Aeroporto de Bruxelas.
- Quer que eu vá também? - perguntou o belga.
- Com certeza. Pergunte por Keith Brown. Comprou o furgão que tinha falado?
- Comprei, porquê?
- Esse homem que estamos falando já a viu?
Após refletir um momento, Vlaminck respondeu:
- Não.
- Então não a leve a Bruxelas. Alugue um carro e vá buscar o homem. Entendeu?
- Entendi - respondeu Vlaminck, perplexo. - Tudo o que quiser.
Enquanto Shannon saboreava em Paris aquele tão desejado jantar, Simon Endean embarcava no avião da noite para o Daomé.
Shannon não ficaria surpreso se tivesse conhecimento desta viagem, pois presumia que o zangarense exilado, Bobi, tinha um papel a desempenhar no plano de Manson. Porém, se tivesse inteirado da visita de Shannon, na mesma região africana, Endean não teria certamente conseguido adormecer a bordo do UTA DC-8, apesar do comprimido que tomara.
Às dez horas da manhã seguinte, no seu quarto de hotel, Shannon telefonou pedindo o café da manhã; quando saiu do chuveiro, o café e os pãezinhos já se encontravam sobre a mesa. Telefonou para Benny Lambert e perguntou-lhe se os documentos estavam prontos.
- Estão. - A voz de Benny pareceu-lhe tensa. - Quando os

quer?
- Esta tarde.
- Está bem. Venha a minha casa às quatro horas.
- Não - recusou Shannon. - Encontro-me aqui com você. - E indicou o nome do hotel a Lambert, pois lhe parecia mais seguro encontrar-se com um escroque num lugar público. Para sua surpresa, Lambert concordou com a proposta. Embora lhe parecesse que havia algo de incongruente na atitude de Lambert, não conseguiu definir claramente o quê.
Seguidamente, telefonou a Mr. Stein, da firma Lang & Stein, de
Luxemburgo.

- Sobre da reunião para o lançamento da minha sociedade holding, a Tyrone Holdings...

Marcaram um encontro para as três da tarde do dia seguinte no escritório de Stein.

A dez mil quilômetros de distância, Simon Endean falava com o coronel Bobi na pequena casa alugada por este no bairro residencial de Cotonu. Bobi era um homem de estatura gigantesca, andar pesado e rosto
abrutalhado. Endean não se preocupava com as consequências desastrosas que o governo de Bobi poderia ocasionar em Zangaro. Fora apenas procurar um homem que pudesse conceder os direitos de mineração da Montanha de Cristal à Bormac Trading Company a troco de uma insignificância e de um suborno avultado.
O coronel se sentiu encantado por aceitar o lugar de consultor da Bormac na África Ocidental. Fingiu estudar o

contrato, mas continuou a pretensa leitura quando se deparou com uma página que Endean copiara ao contrário. Era analfabeto.
Endean explicou-lhe, pacientemente os termos do contrato, numa mistura de francês elementar e calão inglês. Acenando gravemente, num gesto de assentimento, Bobi pôs no documento uns rabiscos que passariam por uma assinatura. Só mais tarde seria informado de que a Bormac o colocaria no poder em Zangaro em troca dos direitos de mineração.
Ao nascer do dia, Endean seguia de avião para norte, de regresso a Inglaterra.
O encontro com Benny Lambert efetuou-se na sala do hotel. Lambert entregou a Shannon um envelope, do qual este retirou duas folhas de papel, ambas com o carimbo do embaixador do Togo. Uma das folhas estava em branco, excetuando uma assinatura e um selo da embaixada. A outra era uma carta em que o signatário declarava ter sido autorizado pelo seu governo a contratar os serviços de... para requerer ao Governo de... a aquisição das armas de guerra constantes da lista anexa.
Shannon entregou as mil libras a Lambert e saiu do hotel. Alan Baker preencheria com o seu nome um dos espaços em branco, e com o da Iugoslávia o outro.
Como a maioria dos homens de natureza fraca, Lambert era um indeciso. Durante três dias, estivera prestes a comunicar a Charles Roux que Shannon se encontrava na cidade procurando obter um certificado de último destino. Temia Roux e considerava necessário avisá-lo. Mas

também receava Shannon. Decidiu esperar até à manhã seguinte.
Quando, finalmente transmitiu a Roux a informação que possuía era muito tarde. Roux telefonou para o hotel às nove da manhã e perguntou por Mr. Shannon. O recepcionista respondeu-lhe, com toda a verdade, que o nome de Mr. Shannon não constava dos registros do hotel. Poucos minutos depois, Henri Alain, o homem de confiança de Roux, apresentou-se na portaria do hotel. Chegou à conclusão de que um indivíduo cuja descrição correspondia Exatamente à de Cat Shannon passara a noite no hotel, registrado com o nome de Keith Brown, e
partira nessa mesma manhã para Luxemburgo. Alain obteve também a descrição do francês com quem Mr. Brown fora visto a falar na sala. Ao meio-dia, comunicou as informações obtidas a Roux.
Roux, Henri Alain e Raymond Thomard reuniram-se em conselho de guerra. A decisão final coube a Roux:
- Henri, você vigia o hotel. Fique amigo do pessoal. Se Shannon voltar a hospedar-se lá, me informe. Entendido?
Alain fez um gesto de compreensão.
Roux ocupou-se então de Thomard:
- Quando ele voltar, Raymond, encarregue-se dele. Entretanto, faça com que Lambert não possa andar nos próximos seis meses.
O lançamento da companhia que seria conhecida por Tyrone Holdings ficou concluído em cinco minutos. Shannon foi convidado a entrar no gabinete de Mr. Stein, onde já se encontravam Mr. Lang e um outro sócio mais

novo. Ao longo de uma das paredes perfilavam-se as três secretárias dos três sócios. Na presença dos sete acionistas exigidos pela lei, Shannon entregou quinhentas libras a Mr. Stein, após o que foram emitidas mil ações. Todos os circunstantes, à exceção de Shannon, receberam uma ação e assinaram o respectivo recibo, entregando-as seguidamente a Mr. Stein, que concordou em guardá-las no cofre da sociedade. Shannon recebeu um total de novecentas e noventa e quatro ações reunidas num único título e assinou o respectivo recibo. As atas da constituição da sociedade foram também devidamente assinadas, e fizeram-se cópias para serem entregues no Registro Comercial do Grão-Ducadodo Luxemburgo. Tudo estava em ordem. A Tyrone Holdings já tinha existência legal.

Shannon chegou ao Holiday Inn do Aeroporto de Bruxelas pouco antes das oito horas. Na manhã seguinte, o Pequeno Marc bateu à porta de Shannon, acompanhado por um homem que apresentou como M. Boucher. Ao vê-los, Shannon pensou que ambos formavam um par cômico: Marc era
consideravelmente mais alto do que o companheiro, o qual, por sua vez, era tão gordo que parecia redondo. M. Boucher transportava uma volumosa maleta. Shannon serviu o café e entrou diretamente no assunto:

- M. Boucher, represento um grupo que estaria interessado em adquirir cerca de cem pistolas-metralhadoras. Mr. Vlaminck disse-me que talvez o senhor estivesse em condições de me fornecer algumas Schmeissers de 9 mm,

fabricadas no tempo da guerra, mas sem terem sido utilizadas. Sei também que não será possível obter uma licença de exportação. As pessoas que represento aceitam esse fato.

Boucher fez um gesto de assentimento.

- Poderia - respondeu, cauteloso - reunir uma quantidade dessas peças. Mas numa base rigorosa de pagamentos a dinheiro.

Quando jovem, M. Boucher trabalhara como cozinheiro nas casernas SS belgas em Namur. Em 1944, no momento da retirada dos Alemães, um caminhão carregado de Schmeissers recém-fabricadas avariara-se na estrada que partia de Namur. Como não havia tempo para reparos, o carregamento fora transferido para uma casamata próxima, e a entrada, dinamitada. Boucher, que assistira às operações, regressara mais tarde ao local, removera os escombros com uma pá e

apoderara-se das mil armas que, desde então, se encontravam enterradas sob o pavimento da garagem da sua casa de campo. Até àquele momento, desfizera-se de metade do material.

- Se essas armas estão em bom estado e funcionam - observou Shannon -, aceitamos todas as condições razoáveis impostas pelo senhor. Contamos com discrição absoluta.

- Estão completamente novas, monsieur. Ainda têm a massa protetora do fabricante e estão embrulhadas separadamente em papel impermeável, com os selos intactos. Devem ser as melhores pistolas-metralhadoras

que já se fabricaram.
- Posso ver? - perguntou Shannon.
Boucher colocou a maleta sobre os joelhos, rodou a fechadura e abriu-a. Shannon pegou a Schmeisser. Era uma bela arma. Passou as mãos pelo metal liso, experimentou a alça e sentiu-lhe a leveza. Verificou diversas vezes o
mecanismo da culatra e espreitou pelo cano, comprovando a inexistência de marcas no interior.
- As outras - afirmou Boucher, ofegante - são iguais. Não foram usadas. Pousando a arma, Shannon perguntou:
- E a respeito de carregadores?
- Posso conseguir cinco para cada arma.
Após duas horas de conversações, fecharam o negócio: cem Schmeissers a cem dólares cada uma. Marcaram um local e uma hora - quarta-feira seguinte, depois do escurecer - e combinaram a forma de entrega.
Shannon ofereceu-se para levar Boucher em casa, mas o obeso belga preferiu chamar um táxi. Não se surpreenderia se o irlandês, que estava certo pertencer ao IRA, o levasse para um local afastado a fim de obrigá-lo a revelar a
localização das armas escondidas. A confiança é uma fraqueza supérflua no tráfico de armas.
- Compreende agora o que eu queria dizer a respeito do furgão que comprou? - perguntou Shannon a Vlaminck.
- Não.
- Temos de utilizá-la para recolher as armas e não vi motivo nenhum para que Boucher ficasse conhecendo as

verdadeiras chapas de matrícula. Arranje outro jogo para quarta-feira à noite. Se Boucher resolver informar alguém depois da entrega, procurarão o furgão errado.
- Está bem, Cat.
Shannon escrevera duas cartas: uma a Schlinker, informando-o do nome e da direção do agente de navegação de Toulon e enviando-lhe o dinheiro destinado ao pagamento das mercadorias encomendadas, e a outra dirigida a Alan Baker, contendo o certificado de último destino e a quantia necessária para pagamento das compras realizadas na semana anterior. Uma vez as cartas no correio, Mare conduziu-o a Ostende, onde Shannon tomou o ferry-boat da noite para Dover. Na noite seguinte, perto da hora do jantar, apresentou a Endean o seu terceiro relatório.
- Tem de transferir mais dinheiro se quer que avancemos - concluiu. - Vamos comprar as mercadorias mais dispendiosas: as armas e o navio.
- De quanto precisa imediatamente? - indagou Endean.
- Duas mil libras para salários, quatro mil para barcos e motores, quatro mil para pistolas-metralhadoras e mais de dez mil para munições de 9 mm ... Enfim, trinta mil.
Endean fitou-o friamente e observou com secura:
- É melhor que faça algumas compras com todo esse dinheiro.
- Não me ameace, Harris - respondeu Shannon, fitando-o longamente. - Muita gente tentou, custou uma fortuna em flores.
No sábado à noite jantou sozinho. Sabia que Julie Manson

já se encontrava em casa, com os pais, no Gloucestershire.
No meio da manhã de domingo, Julie decidiu telefonar-lhe para o apartamento. Lá fora, uma chuva de Primavera tirava-lhe toda a esperança de poder montar o cavalo que o pai lhe oferecera. Para que a mãe, que se encontrava perto do telefone da entrada, não ouvisse a chamada, resolveu servirse
do gabinete do pai.
Já levantara o auscultador do telefone, que se encontrava sobre a secretária, quando reparou num dossiê pousado sobre o mata-borrão, que abriu distraidamente, a fim de relancear a primeira página, imediatamente lhe saltou aos olhos um nome que a gelou, enquanto o sinal de ligação lhe soava violentamente ao ouvido. Esse nome era o de Shannon.
Percorreu a página com o olhar. Números preços, uma segunda referência a Shannon, duas referências a um homem chamado Clarence. O girar da maçaneta da porta interrompeu-a.
Fechou o dossiê, sobressaltada, e começou a falar com um interlocutor inexistente. O pai encontrava-se parado, à porta.
- Está bem, Christine, vai ser ótimo. Então nos vemos na segunda-feira. Adeus.
A expressão do pai adoçara-se ao ver a filha.
- O que você está aprontando? - perguntou-lhe com fingida severidade.
- Estava só telefonando a uma amiga, pai - respondeu

com a sua voz de menina. - Como mamãe estava no hall, vim para cá.
- Hum ... Você tem um telefone no seu quarto. Por isso, faça o favor, utilizeo para os seus telefonemas particulares.
- Está bem, pai. Venha ajudar-me a selar o “Tamerlane” para eu poder dar um passeio assim que parar de chover.
Manson sorriu.
- Me dê só uns minutos e vou ajudá-la.
Julie teve certeza de que Mata Hari não teria agido mais engenhosamente. CAPÍTULO DEZ
O vigésimo terceiro dia - quarta-feira 28 de Abril - começou para Shannon com uma viagem de avião a Bruxelas e uma visita ao Kredietbank em Bruges. Ele e Marc Vlaminck dispunham de quatro horas livres até ao encontro marcado com M. Boucher. Partiram para o local combinado momentos antes de começar a escurecer.

Há um lugar pouco freqüentado na estrada que liga Bruges a Gante, no local onde a velha estrada segue paralelamente à nova auto-estrada E5. A meio caminho deste lugar, os dois mercenários encontraram o letreiro desbotado de uma casa abandonada, oculta por um maciço de árvores. Shannon, que conduzia o furgão, ultrapassou-o e estacionou. Marc foi verificar se a propriedade estava, de
fato, abandonada.
- Tanto a porta da frente como a dos fundos estão fechadas à chave - informou. - Não há qualquer indício de estarmos sendo observados. Vi os celeiros e os

estábulos. Não há ninguém.
Shannon consultou o relógio.
- Esconda-se nos fundos e fique de guarda. Eu daqui vigio a frente. Quando Marc se afastou, Shannon colocou sobre as duas placas originais outras falsas, que retirariam quando estivessem longe do local. Espreitando para o interior do veículo e comprovando que, de acordo com as suas instruções, Marc o carregara com seis grandes sacas de batatas, Shannon continuou tranqüilamente a sua vigilância.
O furgão que esperava apareceu às oito menos cinco. Quando o veículo tomou o caminho em direção à propriedade, Shannon distinguiu, ao lado do motorista, a figura esférica e inconfundível de M. Boucher. O veículo desceu o carreiro e desapareceu por entre as árvores.
Shannon esperou três minutos, após o que enveredou pelo mesmo caminho. Parou três metros à retaguarda de Boucher e desceu, deixando acesas as lanternas do carro.
- Mr. Boucher - chamou, penetrando na escuridão.
- Mr. Brown - ouviu Boucher responder na sua voz ofegante, ao mesmo tempo que o obeso belga aparecia acompanhado por um homem corpulento mas de movimentos lentos.
Sabendo que Marc era capaz de se mover com a agilidade de um bailarino, Shannon não receou que surgissem problemas.
- Trouxe o dinheiro? - perguntou Boucher ao aproximar-se.
- Está no furgão. Trouxe as Schmeissers?

Boucher apontou com a mão balofa na direção do seu próprio furgão.
- Estão ali atrás - respondeu.
- Podíamos talvez ambos descarregar as mercadorias e colocá-las no chão, entre os dois furgões - sugeriu Shannon.
Boucher dirigiu algumas palavras em flamengo ao seu ajudante, que se dirigiu para a retaguarda do furgão. O mercenário permaneceu em guarda. Se estavam reservadas surpresas, surgiriam quando as portas do veículo se abrissem. Mas tudo correu bem. A luz mortiça dos seus próprios faróis iluminou dez pequenos caixotes e uma caixa de munições.
Shannon assobiou e o Pequeno Marc surgiu de trás de um celeiro.
- Vamos à troca - disse Shannon, ao mesmo tempo que enfiava o braço no porta-luvas, de onde retirou um volumoso envelope. - Dez maços de cinqüenta notas de vinte dólares cada uma.
Manteve-se ao lado de Boucher enquanto este conferia cada um dos maços, contando as notas com uma velocidade surpreendente para umas mãos
tão gordas e observando-as seguidamente, a fim de se assegurar de que não eram falsas.
- Tudo em ordem - declarou finalmente. E o seu ajudante afastou-se das portas do furgão.
Shannon fez sinal a Marc, que se aproximou do furgão, da qual retirou o primeiro caixote, que colocou no chão. Levantou a tampa com uma alavanca e contou as dez

Schmeissers. Retirou uma das armas e verificou o funcionamento do mecanismo de disparo e o movimento da culatra. O exame dos dez caixotes durou vinte minutos. Por fim, Marc observou a caixa de munições aberta, que continha quinhentos carregadores, um dos quais experimentou, a fim de se certificar de que se ajustava à Schmeisser.

- Tudo em ordem - anunciou por sua vez.

- Importa-se de pedir ao seu amigo que nos ajude a carregá-las? - perguntou Shannon a Boucher.

Em cinco minutos, as sacas de batatas foram retiradas e os dez caixotes pequenos e a caixa de cartão carregados no furgão de Marc. Este sacou de uma faca, cortou a primeira saca e espalhou as batatas sobre as espingardas. Soltando
uma gargalhada, o segundo belga começou a ajudá-lo, até os caixotes ficarem completamente ocultos pelas batatas.

- Se não se importa, partimos primeiro - disse Shannon a Boucher. Só depois de Marc inverter a marcha do furgão, o mercenário se afastou de Boucher e saltou para o veículo. A meio do percurso abria-se no caminho uma cova que obrigou Marc a diminuir a velocidade. Shannon murmurou algumas palavras, saltou do veículo e ocultou-se entre os arbustos.

Dois minutos depois, passou o furgão de Boucher, que também abrandou a marcha, quase parando, para ultrapassar o buraco. Shannon saiu do meio dos arbustos e cravou uma faca no pneu traseiro do lado direito. Ouviu o silvo do ar que saía e novamente se ocultou entre os

arbustos, reunindo-se em seguida a Marc na estrada principal, onde o belga acabara de retirar do furgão as placas falsas. Shannon nada tinha contra Boucher, mas precisava de meia hora de vantagem sobre ele.
Às dez e meia estavam em Ostende. O furgão, carregado de batatas, foi oculto numa garagem. Em seguida, no bar de Marc, na Kleinstraat, os dois homens brindaram-se mutuamente com canecas de cerveja espumosa. Na manhã seguinte, Marc encontrou-se com Shannon no hotel. Enquanto tomavam o café da manhã, o irlandês explicou-lhe que as Schmeissers tinham de ser passadas clandestinamente para França através da fronteira belga, para serem carregadas num navio num porto do Sul da França. Durante meia hora, explicou a Vlaminck o destino dando às pistolasmetralhadoras.
- Está bem - concordou o belga. - Posso trabalhar de manhã, na garagem, antes da abertura do bar. Quando as levamos para o Sul?
- Lá para 15 de Maio. Vamos utilizar a estrada do champanhe.
Shannon encontrava-se novamente em Londres ao princípio da noite. O correio da manhã de sexta-feira levou-lhe um conjunto de catálogos expedidos por Langarotti. O tipo de barco de borracha inflável que pretendia era

fabricado por três firmas européias. Uma firma italiana pareceu-lhe a mais indicada para o que procurava. Do modelo maior, com cerca de cinco metros e meio, havia dois barcos para entrega imediata, um numa loja de

Marselha e outro em Cannes. Um fabricante francês tinha um modelo de cerca de cinco metros que poderia ser adquirido em Nice.
Shannon escreveu a Langarotti dando-lhe instruções para que comprasse os três barcos e os respectivos motores de popa, mas em estabelecimentos diferentes. Informou o corso de que ia transferir para a sua conta o equivalente a quatro mil e quinhentas libras. Com esse dinheiro deveria pagar os barcos e os motores, e com o restante adquirir um furgão de segunda mão, em bom estado, onde pudesse carregar os barcos de ataque e os motores, para os entregar pessoalmente ao seu agente de navegação em Toulon, que os guardaria em armazém até serem exportados. Todo o material deveria estar pronto para embarque no dia 15 de Maio. Na manhã desse dia, Langarotti deveria dirigir-se no furgão a Paris, onde se encontraria com Shannon.
Depois de pôr no correio esta carta, bem como outra dirigida ao Kredietbank de Bruges, Cat Shannon deitou-se. A tensão das últimas semanas produzia os seus efeitos. Sentia-se exausto. Tudo parecia correr de acordo com o plano, exceto no que se relacionava ao navio. Semmler continuava a procurar. O tinir do telefone obrigou Shannon a levantar-se.
Era Julie. Lamentou que não fosse Semmler.
- Está na cidade este fim-de-semana? - perguntou-lhe ela.
- Sim, devo estar.
- Ótimo. Vamos aproveitá-lo para fazer algumas coisas.
- Que coisas? - indagou Shannon, a quem o cansaço

parecia ter embotado sua imaginação.
Ela começou a mencioná-las pormenorizadamente, até que ele a
interrompeu e lhe disse que viesse a sua casa exemplificá-las. Na excitação de revê-lo, Julie esquecera-se da novidade que tinha para lhe dar. Já era quase meia-noite quando se lembrou.
- Ah, a propósito, outro dia vi o seu nome! Num dossiê que estava em cima da mesa do meu pai.
Se pretendera surpreendê-lo, teve sucesso. Shannon sentou-se de um salto, agarrou-lhe os braços com força e fitou-a com uma intensidade que a assustou.
- Está me machucando - protestou, quase chorando.
- Que dossiê era esse que estava em cima da mesa do seu pai?
- Era um dossiê - respondeu, chorosa. - Só queria ajudá-lo.
A expressão de Shannon suavizou-se.
- Diga-me como foi. Conte-me tudo.
Quando acabou de falar, Julie rodeou-lhe o pescoço com os braços.
- Amo-o, Mr. Cat. Foi só por isso que li. Fiz mal?
Shannon refletiu uns instantes. Ela já sabia demais e havia apenas duas maneiras de assegurar o seu silêncio.
- Você me amas? Gostaria que me acontecesse algum mal, devido a qualquer coisa que você fizesse ou dissesse?
Ela fitou-o intensamente. Era como um sonho de colegial.
- Nunca, nunca falaria! Fizessem-me o que me

fizessem ...
Shannon pestanejou.
- Ninguém te vai fazer nada. Basta que não diga ao seu pai que me conhece nem que meteu o nariz nos seus papéis. Compreende, ele contratou-me para reunir informações sobre prospecções mineiras em África. Se soubesse que nos conhecíamos, me despediria e eu teria de procurar outro emprego, muito longe daqui.

O argumento produziu o efeito desejado.
- Não digo nada - prometeu Julie.
- Só quero que me conte de dois pormenores - continuou Shannon. – Disse que viste o título das folhas com os preços do minério. Qual era? Julie franziu a testa.
- Como se chama aquilo que se põe nas canetas de tinta permanente caras? Platina?
- Platina - repetiu Shannon, pensativo. - E o título da capa do dossiê? Lembrasse qual era?
- Oh, lembro-me perfeitamente - exclamou, feliz. – Parecia tirado de um conto de fadas: Montanha de Cristal.
Shannon suspirou.
- Seja boazinha e vá fazer café, anda.
E encostou-se à cabeceira da cama.
- Canalha manhoso - murmurou. - Mas não será assim tão barato, Sir James, não, não será mesmo nada barato! – Depois riu, na escuridão. Nesse sábado à noite, Benny Lambert dirigia-se para casa após ter passado o serão no seu café preferido, onde pagara uma série de rodadas aos amigos para festejar o dinheiro que recebera de Shannon. Não reparou no automóvel que avançava

lentamente atrás dele. Tão pouco ligou grande importância quando o carro acelerou na sua direção, ao aproximar-se de um terreno vago. No momento em que percebeu o que se passava e começou a protestar, um homem gigantesco descia do veículo.
Os seus protestos foram silenciados por um soco que o gigante lhe aplicou no plexo solar, que o derrubou. O desconhecido retirou então do cinto uma barra de ferro de sessenta centímetros que produziu um ruído surdo quando se abateu sobre a rótula de Lambert, despedaçando-a instantaneamente. Lambert soltou um grito agudo, como um rato apanhado numa ratoeira, e desmaiou. Já não sentiu que lhe quebravam a outra rótula.
Vinte minutos depois, Thomard telefonava ao seu patrão.
- Ótimo - disse Roux depois de o escutar. - Agora ouça. Alain acaba de me informar que no hotel de Shannon reservaram um quarto em nome de Mr. Keith Brown para a noite do dia 15. Fique de guarda, perto do hotel, a partir do meiodia
desse dia. Entendeu? Espere que ele saia sozinho e apanhe-o. E eu lhe pago cinco mil dólares.
Quando o telefone tocou, no domingo de manhã, Shannon estava deitado na cama, enquanto Julie preparava o café da manhã.
- Carlo? - Era a voz de Semmler. - Estou em Gênova e já tenho o barco. Serve para o que queremos. Mas há mais alguém interessado em comprá-lo e talvez tenhamos que subir a oferta. Pode vir vê-lo?
- Vou amanhã. Em que hotel está?

Shannon sorria quando desligou. Julie entrou com o café. Se Kurt tivesse razão, poderia fechar o negócio do barco nos próximos doze dias e estar em Paris no dia 15 para o seu encontro com Langarotti.

CAPÍTULO ONZE

A luz do Sol poente banhava o porto de Gênova quando Kurt Semmler conduziu Cat Shannon ao longo do cais até ao local onde o Toscana, um cargueiro, se encontrava ancorado. Enferrujado, velho, deselegante, semelhante a milhares de pequenos cargueiros que realizam o tráfico costeiro, a embarcação facilmente passava despercebida tal como Shannon pretendia.

Subiram a bordo e desceram às instalações da tripulação, onde foram recebidos por um homem musculoso e de feições duras, orçando os quarenta e cinco anos.

- Carl Waldenberg, o imediato - apresentou Semmler.

Waldenberg fez um gesto brusco com a cabeça e apertou-lhes a mão.

- Veio ver o nosso velho Toscana? - perguntou em bom inglês, embora com sotaque. E sem esperar o regresso do comandante italiano, mostrou-lhes o navio. Shannon estava interessado em três pormenores: as condições do navio para alojar doze homens além da tripulação, a possibilidade de esconder alguns caixotes nos porões e o bom funcionamento dos motores. Depois de responder cortesmente às perguntas de Shannon, o marinheiro alemão ofereceu cervejas aos visitantes. Enquanto as saboreavam sob um toldo de lona por trás da ponte, deram início às negociações. Os dois alemães

conversaram na sua própria língua, após o que Waldenberg olhou atentamente para Shannon e disse em inglês:
- É bem possível.
Semmler explicou:
- Waldenberg está interessado em saber por que motivo um homem como você, que evidentemente não conhece o negócio de fretes marítimos, quer comprar um cargueiro.
Shannon fez um gesto de assentimento com a cabeça.
- Compreendo perfeitamente. Kurt, quero trocar uma palavra com você. Afastaram-se em direção à ré e debruçaram-se na amurada.
- Que idéia tem deste cara, Semmler?
- Ele me agrada. O barco pertence ao comandante, que quer aposentar-se. Waldenberg gostaria de ser comandante. Tem carta de piloto, conhece o barco por dentro e por fora e também conhece o mar. Quanto a estar disposto a transportar uma carga perigosa, creio que vai depender do preço.
- Então a primeira coisa a fazer é comprar o barco. Ele poderá depois decidir se aceita o lugar. Se não ficar, podemos encontrar outro comandante.
- Não. Simplesmente porque teríamos de lhe dizer antecipadamente o suficiente para ele ficar a saber qual o gênero de trabalho de que se trata. Se,
depois de estar de posse dessa informação, quiser ir embora, pomos em perigo a segurança da operação.
- Se ele souber qual é o trabalho e não o aceitar, só sairá por um caminho - declarou Shannon, apontando a água.

- Há ainda outra coisa, Cat. O comandante tem confiança nele. Se o imediato estiver do nosso lado, poderá persuadir o comandante a vender-nos o Toscana.
A lógica do argumento convenceu Shannon, que resolveu converter Waldenberg num aliado. Voltaram para o toldo.
- Vou ser franco com você - disse Shannon ao alemão. – Se comprar o Toscana, não será para transportar amendoins. Preciso de um comandante competente, e Kurt garante que você é bom. Portanto, vamos ao que importa. Se eu comprar este barco, ofereço-lhe o lugar de comandante com um contrato por seis meses e um salário que seja o dobro do que ganha atualmente, além de um bônus de cinco mil dólares pelo primeiro carregamento.
Waldenberg sorriu.
- Acaba de contratar um comandante.
- Ótimo - declarou Shannon. - Mas primeiro temos de comprar o barco.
- Não há problema. Houve uma oferta de vinte e cinco mil libras. Quanto estaria disposto a gastar?
- Ofereço vinte e seis mil. O comandante aceitará?
- Por essa quantia, e tendo-me como comandante, vende-lhe o barco.
- Quando posso falar com ele? Amanhã de manhã?
- Muito bem. Amanhã, às dez horas, aqui a bordo.
E os dois mercenários afastaram-se, depois de apertarem as mãos ao alemão.
Enquanto o furgão fechado permanecia estacionado no exterior, no beco, Vlaminck trabalhava no interior da garagem que alugara. Junto de uma das paredes

alinhavam-se cinco grandes barris pintados de verde, que visivelmente tinham contido óleo lubrificante.
Marc cortara um disco do fundo do primeiro da fila, cuja posição invertera, colocando-o sobre o que fora o topo. Retirara do furgão dois caixotes com as Schmeissers e as vinte pistolas-metralhadoras estavam quase prontas para ocupar o seu novo esconderijo. Cada arma, com cinco carregadores, fora cuidadosamente revestida de uma pegajosa fita adesiva. Uma vez assim embrulhada, cada uma delas fora introduzida num resistente saco de plástico, ao qual Marc extraíra todo o ar, após o que o amarrara firmemente com fio e o fechara num segundo saco. Não duvidava de que, assim acondicionadas, as armas se conservariam secas. Depois, com fortes tiras de lona, reuniu os vinte volumes num único, que colocou no barril de óleo.
A tarefa seguinte consistiu em fechar de novo o tambor com outro disco de folha-de-flandres. Precisou de meia hora para ajustar e soldar o novo disco ao fundo. Quando a solda esfriou, pintou essa área à pistola com tinta verde Exatamente igual à dos outros barris, uma vez a tinta seca, repôs o barril na posição inicial, retirou-lhe o tampão e encheu-o de óleo lubrificante.

O líquido espesso verde-esmeralda, encheu os espaços vazios entre as paredes do barril e o fardo das pistolas-metralhadoras. Quando o barril ficou cheio,
Marc, com uma lanterna elétrica, observou a superfície do líquido. Não havia o mínimo vestígio do que se encontrava oculto no fundo.

Satisfeito, o belga ficou convencido de que poderia ter os barris prontos no dia 15 de Maio.
O Dr. Ivanov estava irritado, e não pela primeira vez. - A burocracia - gritava, furioso, à mulher, sentada na sua frente à mesa do café da manhã -, a estúpida, incompetente e ridícula burocracia deste país é inacreditável!
- Acho que tens toda a razão - concordou a mulher.
- Se o mundo capitalista soubesse quanto tempo é preciso neste país para arranjar um par de parafusos e porcas, morreria de rir!
Havia semanas que o diretor o informara de que deveria chefiar uma equipe de prospecção na África Ocidental e que teria de se encarregar pessoalmente dos pormenores da missão. Obedecera à ordem, embora esta implicasse o abandono de um projeto em que estava profundamente interessado. A sua equipe estava pronta e o equipamento preparado e embalado até à mais ínfima pastilha para purificação da água. Com sorte, pensara poderia efetuar a prospecção e regressar com as amostras antes de o breve Estio siberiano terminar. A carta que tinha na mão, porém, informava-o de que o processo não seguiria os trâmites normais.
Fora-lhe enviada diretamente pelo seu diretor, e comunicava-lhe que em virtude da natureza confidencial da prospecção, o Ministério do Exterior considerara preferível que a equipe embarcasse num cargueiro soviético que passasse pela costa da África Ocidental a caminho do Extremo Oriente. Quando terminassem a prospecção,

deveriam informar o embaixador Dobrovolsky, e outro cargueiro de regresso ao país recolheria a bordo a equipe e os caixotes de amostras.

- Todo o Verão! - gritava Ivanov. - Vou perder um Verão maravilhoso! E lá vou encontrar a estação das chuvas.

NA manhã seguinte, Cat Shannon e Kurt Semmler encontraram-se a bordo do navio com o comandante, um homem velho e magro de nome Alessandro Spinetti. Waldenberg serviu de intérprete e o comandante Spinetti aceitou a transação nas condições propostas na véspera por Shannon ao imediato. A tripulação restante, um maquinista e um marinheiro, poderia permanecer por mais seis meses ou retirar-se, recebendo uma indenização. Shannon decidira persuadir o marinheiro a despedir-se e tentar por todos os meios conservar o maquinista, um siberiano rude cuja competência Waldenberg garantia.

Por razões de natureza fiscal, o comandante criara havia longo tempo uma pequena empresa privada, a Companhia de Navegação Spinetti Manttimo sociedade com cem ações, das quais possuía noventa e nove. A outra pertencia ao seu advogado, um certo Signor Ponti. Conseqüentemente, a venda do Toscana, única propriedade da empresa, incluía a venda da companhia de navegação o que convinha perfeitamente a Shannon. O que já não lhe agradou tanto foram os dias perdidos em conversações com Ponti, antes de tudo estar

resolvido. Só no trigésimo primeiro dia do calendário de cem dias de Shannon, Ponti começou a redigir os contratos. E a burocracia ainda se prolongaria. Entretanto,

Cat Shannon enviou uma série de cartas escritas no seu hotel de Gênova. A primeira destinava-se a informar Johann Schlinker de que o navio que transportaria as munições de Espanha seria o Toscana, da Spinetti Marítimo, de Gênova. Precisava que Schlinker lhe comunicasse qual o destino das armas, para que o comandante pudesse preencher a declaração conveniente.

Enviou uma carta similar a Alan Baker para que este fornecesse às autoridades lugoslavas os dados para a licença de exportação.

Em seguida, escreveu a Mr. Stein, pedindo-lhe que convocasse uma reunião de diretores da Tyrone Holdings para o dia 14 de Maio, com a seguinte ordem do dia: a aquisição da Spinetti Marítimo por vinte e seis mil libras e a emissão de mais vinte e seis mil ações ao portador para Mr. Keith Brown. Rabiscou também umas linhas a Vlaminck, informando-o de que a recolha da carga em Ostende teria de ser adiada para 20 de Maio; a Langarotti, adiando o encontro em Paris para o dia 19, e a Dupree pedindo-lhe que seguisse de avião para Marselha. Finalmente, escreveu a Simon Endean pedindo-lhe que transferisse para a sua conta, até ao dia 13, vinte e seis mil libras.

JANNI Dupree sentia-se feliz. Quatro volumosas encomendas de vestuário e equipamento seguiam a caminho de Toulon e recebera uma carta de Shannon dizendo-lhe que fosse para Marselha, se alojasse em determinado hotel e aguardasse contato.

Ao anoitecer do dia 13 de Maio Langarotti viajava no furgão a caminho de Toulon. Também ele estava contente com a vida. Levava no veículo os dois últimos motores de popa, ambos equipados com tubos de escape submersos, para navegação silenciosa, que entregaria no armazém, onde já se encontravam três barcos de borracha pretos, infláveis, o outro motor e quatro grandes caixotes enviados por Dupree.

Lamentavelmente, fora obrigado a abandonar o hotel. Um encontro ocasional com um antigo amigo do mundo do crime forçara-o a retirar-se apressadamente. Não pudera informar Shannon da sua nova direção, pois desconhecia o paradeiro do irlandês. Este pormenor, porém, não o preocupava, pois dentro de quarenta e oito horas, no dia 15, se encontrariam em Paris. NA seqüência da reunião realizada no Luxemburgo no dia 14 de Maio, a Tyrone Holdings passou a ser a proprietária legítima da Spinetti Marítimo. Ponti enviou, por correio registrado, as cem ações da companhia para o escritório da Tyrone Holdings e concordou em guardar, fechado no seu cofre, um volume que Shannon Lhe confiou. Ficou com dois exemplares de assinaturas de Shannon, isto é, Keith Brown, para poder autenticar quaisquer ordens recebidas relativamente ao referido volume. Este, sem que Ponti o supusesse, continha as vinte e seis mil
novecentas e noventa e quatro ações da Tyrone.

Quando regressou a Gênova, Shannon ordenou a Semmler que tivesse o Toscana pronto para zarpar, vistoriado e abastecido de combustível e víveres.

- Você tem de estar em Toulon no dia 1 de Junho, no máximo. Estarei lá com o Marc, o Jean-Baptiste e o Janni. Até à vista e felicidades. SE Jean-Baptiste estava vivo, devia-o, pelo menos em parte, à sua faculdade de pressentir o perigo. No dia 15, à hora marcada, sentou-se na sala do

hotel de Shannon, em Paris. Depois de duas horas de espera dirigiu-se à recepção onde foi informado que não estava hospedado no hotel nenhum Mr. Keith Brown, de Londres. Presumindo que Shannon se atrasara por qualquer motivo, o corso decidiu comparecer de novo no dia seguinte no lugar combinado. Assim, no dia 16 de Maio, à mesma hora, ocupou um lugar na sala do hotel. Shannon não apareceu, mas a sua atenção foi despertada pelo fato de, por duas vezes, um empregado do hotel - sempre o mesmo - ter espreitado
dissimuladamente para dentro da sala, desaparecendo imediatamente. Decorridas mais duas horas, o corso saiu do hotel. Ao descer a rua, reparou, de relance, num
indivíduo no vão de uma porta que aparentava um estranho interesse por uma manequim que exibia espartilhos.
O corso ocupou as vinte e quatro horas seguintes percorrendo os bares de Paris onde os mercenários habitualmente se reuniam. Continuou a passar todas as manhãs pelo hotel. onde no dia 19 de Maio encontrou Shannon. Enquanto tomavam café na sala, Shannon informou-o da compra do navio.
- Não houve problemas? - perguntou Langarotti. O irlandês abanou negativamente a cabeça. - Pois aqui em Paris

temos um.
Impossibilitado de afiar a faca num lugar público, o corso conservava as mãos ociosas abandonadas no colo. Shannon pousou a xícara. Se Langarotti falava em problemas, o caso era sério.
- De que gênero? - perguntou em voz baixa.
- Há um contrato para te liquidar. E caro: cinco mil dólares.
Os dois homens permaneceram silenciosos. O irlandês refletia sobre as notícias.
- Sabe quem fez o contrato? - perguntou finalmente.
- Não. Diz-se que só um homem exímio ou um estúpido aceitaria um contrato para te liquidar. Mas há alguém que aceitou.
Shannon praguejou mentalmente. Teria havido alguma indiscrição nesta operação? Seria o próprio Manson devido a Julie? Tanto quanto lhe era dado saber. não ofendera entidades como a Máfia ou a KGB. Tratava-se certamente do ódio pessoal de alguém. Mas quem poderia ser?
- Eles sabem que estou em Paris?
- Creio que sim. E que te hospedas aqui. Estive aqui nesses quatro dias ..
- Não recebeu a minha carta adiando o encontro para hoje?
- Não. Tive de deixar o meu hotel em Marselha há uma semana.
- Ah! Continue.
- A segunda vez que vim aqui, o hotel estava sob vigilância, e ainda está. Perguntei por você pelo nome de

Brown, por isso creio que a indiscrição proveio do próprio hotel. Alguém conhece o nome de Keith Brown.
Shannon começou a pensar com rapidez. Gostaria de falar com o homem que oferecera o contrato, o qual só poderia ser identificado por quem o aceitara.
Expôs a sua idéia ao corso, que fez um gesto sinistro com a cabeça.

- Sim, mon ami. É preciso utilizar uma isca para atrair o homem. Depois de discutirem o plano e estudarem um mapa da cidade, Langarotti saiu.

Durante todo o dia, Langarotti manteve o furgão estacionado num local previamente combinado. À tarde, Shannon perguntou ao recepcionista, que, segundo o corso, o espionava, se era possível deslocar-se a pé até determinado restaurante muito conhecido.
- Sem dúvida, monsieur. São quinze minutos, talvez vinte.
Shannon agradeceu-lhe e, utilizando o telefone da recepção, reservou uma mesa para as dez horas dessa mesma noite. Exatamente às nove e quarenta, saiu do hotel e começou a subir a rua, na direção do restaurante. O caminho que escolheu não era direto, mas seguia por ruelas mal iluminadas. Shannon vagueou pelas ruas até bastante mais tarde do que a hora para que reservara a mesa. Por vezes, no silêncio, parecia-lhe ouvir atrás de si o ruído de passos suaves. Eram mais de onze horas quando chegou à ruela que localizara
previamente no mapa. Era um beco sem saída, não iluminado, onde se encontrava estacionado um furgão, cujas portas de trás se apresentavam abertas. Shannon

dirigiu-se para a retaguarda do veículo e, quando ali chegou, deu uma volta sobre si próprio. Sentiu-se aliviado ao enfrentar o perigo. Enquanto caminhava ao longo do beco, de costas viradas para a entrada, sentira os cabelos da nuca arrepiarem-se. Se psicologicamente tivesse cometido um erro, naquele momento estaria morto. Mas jogara certo. O homem que o perseguira ao longo das ruas desertas mantivera a distância esperando uma oportunidade semelhante à que se apresentava naquele momento.

Imóvel, o mercenário fitou a enorme sombra que, de súbito, obliterou a luz mortiça da entrada da ruela e aguardou, esperando que não se produzisse nenhum ruído. A sombra avançou silenciosamente na sua direção. Shannon conseguiu distinguir o braço direito estendido, apontado em frente. O vulto detevese,

ergueu a arma e apontou. Depois, de braço esticado, baixou-a de novo, lentamente, como se tivesse mudado de idéias. De olhos fitos em Shannon, caiu lentamente sobre os joelhos, enquanto se ouvia o ruído de uma pistola automática que rolava pela calçada. Por fim, os braços do homem baixaram e este caiu para a frente, num charco formado pelo próprio sangue.

Shannon soltou um assobio e Langarotti surgiu calmamente rua abaixo.

- Pensei que tivesse esperado demais - murmurou Shannon.

- Non. Nunca. Ele não teve a menor chance de apertar o gatilho em momento algum desde que você saiu do hotel.

A traseira do furgão apresentava-se coberta com plástico resistente, colocado sobre um oleado. Ao fundo, via-se uma pilha de corda e tijolos. Os dois homens colocaram o corpo sobre o plástico, Langarotti apoderou-se novamente da faca e fechou as portas.

- Conhece-o? - perguntou Shannon quando o veículo arrancou.

- Conheço. É Raymond Thomard, assassino profissional. Mas não estava à altura de um trabalho deste tipo. Trabalha para Charles Roux.

Shannon praguejou em voz baixa, furiosamente. Endean devia ter também entrevistado Roux. Era preciso desencorajar definitivamente o francês, a fim de

afastá-lo da Operação Zangaro de uma vez para sempre. Durante alguns segundos, o irlandês trocou com Langarotti umas palavras rápidas. O corso concordou com um gesto de cabeça.

- Gosto da idéia. Vai liquidá-lo.

NESSE dia, Charles Roux sentia-se fatigado. Desde o momento em que recebera o telefonema de Thomard comunicando-lhe que Shannon se dirigia a pé para o restaurante, ficara aguardando notícias. À meia-noite não recebera ainda qualquer informação. Nem ao nascer do Sol. A meio da manhã, ao mesmo tempo que Langarotti e Shannon cruzavam a fronteira com a Bélgica conduzindo o furgão vazia, Roux desceu e foi abrir a caixa do correio.

Esta, com cerca de 30 cm de altura, 2,5 de largura e 22,5 de profundidade, estava parafusada à parede alinhada com as dos outros inquilinos. Roux abriu-a com a sua

chave e permaneceu cerca de dez segundos imóvel. O seu rosto tornou-se acinzentado e o estômago se revolveu. A cabeça de Raymond Thomard olhava-o, do interior da caixa do correio, com uma expressão de sonolenta tristeza, os olhos semicerrados e os lábios colados.
Roux fechou a porta da caixa, correu para casa e serviu-se de brandy. Necessitava se embriagar com urgência.
Em Belgrado, Alan Baker deixou, satisfeito, o departamento lugoslavo de armas do Estado. Após receber o pagamento inicial de Shannon, no valor de sete mil e duzentos dólares, e o certificado de último destino emitido pelo diplomata do
Togo, procurara um negociante de armas autorizado que já conhecia, o qual se deixara convencer pelo seu argumento de que a esta pequena encomenda se seguiriam provavelmente outras de montante superior. Haviam escolhido nos armazéns do Estado os dois lança-morteiros e as duas bazucas bem como caixotes de munições para ambas as armas.
Depois de obtida a respectiva licença de exportação, a mercadoria seria enviada num caminhão militar para um armazém da alfândega do porto de Ploce a noroeste de Dubrovnik. Ninguém pusera em dúvida a autenticidade do certificado de último destino do Togo. Baker receberia um lucro de quatro mil dólares.
O Toscana embarcaria o material em Ploce, a partir do dia 10 de Junho. Baker seguiu de avião para Hamburgo sem qualquer preocupação.
Nessa manhã de 20 de Maio, Johann Schlinker estava em

Madrid com o certificado de último destino comprado de um diplomata corrupto da Embaixada do Iraque em Londres por mil libras. As formalidades espanholas eram mais complexas do que as ultrapassadas por Baker em Belgrado. Eram necessárias duas licenças, uma para a aquisição do material e outra para a sua exportação. A licença de compra fora estudada pelos três ministérios madrilenos encarregados de tais assuntos: o das Finanças, o dos Estrangeiros e o da Defesa. O dossiê fora
aprovado ao cabo de dezoito dias de diligências.
Em seguida, os caixotes de munições foram retirados da fábrica da CETME e guardados num depósito militar situado nos arredores de Madrid. Schlinker deslocara-se a Madrid para apresentar pessoalmente o pedido de licença de exportação. Quando ali chegara, já conhecia todas as características do

Toscana e pudera assim preencher o questionário de sete páginas. Esperava que não surgissem problemas, pois o Toscana era um barco insuspeito. Atracaria em Valência entre os dias 16 e 20 de Junho, receberia a carga e, segundo a documentação, seguiria para Latakia, na Síria. Daí, os Iraquianos transportariam o
material de caminhão para Bagda. A licença de exportação não tardaria mais de duas semanas, e seria passada uma ordem de marcha autorizando a retirada dos caixotes do armazém e encarregando um oficial do Exército de escoltá-los, com dez soldados, até ao cais, em Valência.

Schlinker partiu para Hamburgo certo de que os caixotes estariam em Valência a tempo de serem embarcados no Toscana.

NA pequena cidade portuária de Dinant, no Sul da Bélgica, Shannon e Langarotti foram acordados, pouco depois do anoitecer, por Marc Vlaminck. Estavam ambos estendidos na parte de trás do furgão francês.

- Chegou a hora de irmos - disse o belga.

- Julguei que tinha dito pouco antes do nascer do Sol - resmungou Shannon.

- Essa é a hora de atravessarmos a fronteira - corrigiu Marc.

- Mas temos de levar estes furgões para fora da cidade antes que sejam notados. Podemos estacioná-los numa beira de estrada o resto da noite. Não existem grandes dificuldades para cruzar a fronteira franco-belga, em qualquer sentido, com um carregamento clandestino. A fronteira estende-se ao longo de vários quilômetros e é atravessada por dezenas de estradas secundárias e caminhos abertos por entre a floresta, a maioria dos quais não está vigiada. Ambos os governos procuram estabelecer um certo controle por meio de brigadas alfandegárias móveis, que escolhem uma estrada secundária ao acaso, onde montam um posto de fiscalização. Quando as brigadas móveis de um dos países se fixam numa destas estradas não vigiadas, todos os veículos que por ela passam são revistados. Os contrabandistas de champanhe francês não vêem qualquer razão para que esta bebida tão intimamente

ligada à alegria seja alvo das atenções de algo tão pouco regozijante como o imposto de importação belga. Conseqüentemente, inventaram um sistema que lhes permite localizar uma estrada não vigiada.
Como proprietário de um bar, Marc Vlaminck conhecia este sistema. Denominado “estrada do champanhe”, exigia a utilização de dois veículos. Pouco antes do amanhecer, Marc puxou os mapas e deu instruções a Shannon e a Langarotti. Um dos furgões vazio e com a documentação em ordem, seguiria pela estrada indicada por Marc. Este, com o carregamento, esperaria exatamente vinte minutos, a uma distância de quilômetro e meio da fronteira. Se os Belgas ou os Franceses tivessem montado um posto alfandegário, Langarotti seria obrigado a parar para ser revistado e, como não transportava qualquer carregamento, seguiria para sul em direção à estrada principal, onde retrocederia, e regressaria à Bélgica, passando pelo posto alfandegário permanente. Se as brigadas móveis estivessem em funcionamento, não seria possível ao primeiro furgão regressar nos vinte minutos previstos; assim prevenido, o veículo carregado - neste caso o de Marc - regressaria a Dinant e tentaria cruzar a fronteira num outro dia.

- A fronteira é ali embaixo - apontou Marc. - Se não voltarem dentro de vinte minutos, nos encontraremos no café de Dinant.

Langarotti acenou afirmativamente e engatou. A uma distância de quilômetro e meio da fronteira, Exatamente Shannon avistou uma pequena barraca, porém deserta.

Tão pouco havia vigilância do lado francês. Tinham decorrido cinco minutos. Contornaram mais duas curvas, mas não avistaram ninguém.
- Dê a volta! - ordenou Shannon. -Alle?! - Agora o tempo era precioso. Langarotti desembocou na estrada principal como a rolha que salta de uma garrafa do melhor champanhe. Apenas distinguiram o furgão carregado de armas de Marc, Langarotti fez um sinal com os faróis. Um segundo depois, Marc seguia a toda a velocidade para França. Estaria fora da zona de perigo dentro de quatro minutos. Se, por azar, surgissem alguns funcionários da alfândega durante aqueles minutos vitais, restava-lhe a esperança de que os barris de óleo resistissem a uma inspeção minuciosa.

Mas tão pouco desta vez a zona estava vigiada. Langarotti seguiu Marc ao longo de estradas secundárias até encontrarem uma estrada transitável, onde avistaram um marco que indicava a direção de Reims. Irresistivelmente, soltaram um grito de satisfação.
Procederam à transferência do material num parque de estacionamento que se situava próximo de um café de caminhoneiros, a sul de Soissons. Encostaram as traseiras das furgões uma à outra, com as portas abertas, e o corpulento belga
passou os pesados barris de óleo para o veículo francês. Langarotti não teria problemas: o furgão estava legalmente registrado em seu nome e a carga não seria revistada.
O furgão de Marc velho e lento, foi abandonado numa pedreira, e as respectivas placas foram lançadas no rio.

Após esta operação, os três mercenários viajaram juntos. Deixaram Shannon nos arredores a sul de Paris, de onde este seguiria para o Aeroporto de Orly.
- O Toscana deve chegar no dia 1 de Junho, o mais tardar - informou Shannon ao despedir-se. – Nos veremos antes. Felicidades.
Ao pôr do Sol estava em casa, em St. John's Wood. Dos cem dias de que dispunha gastara quarenta e seis.
Quando, dois dias mais tarde, Endean se apresentou no apartamento, Shannon precisou de uma hora para lhe explicar tudo que acontecera desde o seu último encontro.
- Preciso voltar a França dentro de cinco dias para supervisionar o carregamento no Toscana da primeira parte do material. Tudo que se relaciona com o embarque é legal, exceto o conteúdo dos barris de óleo, que vão embarcados como combustível de reserva do navio. É uma enorme quantidade, mas penso que não haverá problemas.
- E se houver? Se a Alfândega de Toulon os revistar?
- Será um fracasso - respondeu Shannon com simplicidade. - O navio será apreendido, o exportador preso e a operação ficará arruinada.
- Um fracasso muitíssimo dispendioso - observou Endean. - Podia ter comprado as armas legalmente, através da Espanha.
- Podia, mas se tivesse comprado simultaneamente as armas e as
munições teria levantado suspeitas e Madrid poderia recusar-se a conceder a licença. Também podia ter

comprado as armas na Espanha e as munições no mercado negro, mas o contrabando de munições é mais arriscado. De qualquer maneira haveria um risco. E quem se vai arriscar sou eu e os meus homens. Você está protegido.
- Mesmo assim, não me agrada - afirmou Endean, irritado.
- Que está acontecendo? - perguntou Shannon, trocista. - Está perdendo a coragem?
- Não.
- Então se acalme. Tudo que tem a perder é dinheiro.
Endean esteve prestes a confessar-lhe quanto ele e o seu patrão se arriscavam a perder, mas conteve-se. Falaram de finanças durante mais uma hora. Shannon explicou por que motivo queria imediatamente à sua disposição o restante do orçamento total previamente combinado.
- Além disso - acrescentou -, quero a segunda metade do meu salário depositada na minha conta suíça antes do fim-de-semana e o restante transferido para Bruges.
- Porquê neste momento?
- Porque os riscos de prisão começam a partir da próxima semana e não pretendo voltar a Londres. O barco parte para Brindisi enquanto eu preparo a entrega das armas lugoslavas. Segue-se Valência e o embarque das munições espanholas, e depois partimos a caminho do objetivo. Se chegar adiantado, matamos tempo, em segurança, no mar. A partir do momento em que houver material de guerra a bordo, quero o barco o menor tempo possível nos portos. Endean considerou os argumentos expostos, que lhe pareceram lógicos. No dia seguinte,

telefonou a Shannon comunicando-lhe que ambas as transferências tinham sido autorizadas.
Shannon reservou passagem para Bruxelas no dia 26 de Maio. Passou essa noite e a seguinte com Julie, após o que fez as malas, enviou as chaves do apartamento, pelo correio, à agência que o alugara e partiu. Julie conduziu-o no seu automóvel ao aeroporto.
- Quando você volta? - perguntou-lhe, perto da entrada reservada aos passageiros.
- Não volto - respondeu ele, e deu-lhe um beijo.
- Volta, sim. Tem de voltar.
- Não volto - repetiu ele serenamente. - Arranje outro cara, Julie.
- Não quero outro cara - retrucou a jovem, prestes a romper em lágrimas. – Eu o amo. Você tem outra mulher, é isso ...
- Não há outra mulher - afirmou, enquanto lhe afagava os cabelos. Shannon sabia que não haveria outra mulher nos seus braços. Apenas uma arma, a carícia fria e reconfortante do aço brilhante contra o peito, à noite. Julie ainda chorava quando ele a beijou, junto à porta de embarque.

No jato, a caminho de Bruxelas, um dos passageiros queixou-se à aeromoça de que alguém estava assobiando uma melodia monótona. Cat Shannon necessitou de duas horas para liquidar a sua conta em Bruges. Levantou metade do dinheiro em dois cheques visados e o restante em traveler's cheques.
Na manhã seguinte, seguiu de avião para Marselha, onde

tomou um táxi que o conduziu ao hotel dos arredores onde Langorotti estivera algum tempo instalado sob o nome de Lavallon e onde agora o esperava Janni Dupree. Shannon e Dupree seguiram juntos para Toulon de automóvel. Quando chegaram ao porto naval francês, inundado de sol, o qüinquagésimo segundo dia tocava o seu termo.

TINHAM marcado encontro no passeio defronte do escritório da agência de navegação. Foi ali que, às nove em ponto, Shannon e Dupree se reuniram a Vlaminck e Langarotti. O Toscana devia estar navegando ao longo da costa, trazendo Semmler a bordo. Por sugestão de Shannon, Langarotti telefonou para a capitania e foi informado de que o Toscana era esperado na manhã seguinte e reservara lugar para ancorar.

Como não tinham nada mais para fazer durante esse dia, aproveitaram o tempo para nadar e tomar banhos de sol. Shannon não conseguia descontrair-se. Se um dos inspetores insistisse em perscrutar o interior dos barris de óleo, um deles passaria meses, ou talvez anos, transpirando em Les Baumettes, a grande e sinistra prisão-fortaleza pela qual haviam passado entre Marselha e Toulon. O pior
era sempre a espera.

O Toscana ancorou, suave e pontualmente, no local que lhe fora reservado. Do seu posto de observação, num poste de amarração, a meio quilômetro de distância, Shannon via Semmler e Waldenberg deslocando-se na coberta. Não avistava o maquinista, mas distinguia outros dois vultos que enrolavam rapidamente os cabos. Dois

novos tripulantes recrutados por Waldenberg sem dúvida.
Junto do portaló estacionou um Renault, do qual saiu um francês carrancudo. Era o representante da Agence Maritime Duphot. Waldenberg foi ao seu encontro e dirigiram-se. ambos para o barracão da alfândega. Uma hora depois, surgiam de novo e o agente de navegação partiu.
Decorridos trinta minutos, Shannon subiu o portaló e entrou no Toscana. Semmler fez-lhe sinal para entrar no camarote.
- Até agora, tudo correu bem - informou. - Mandei fazer um exame completo das máquinas e comprei uma enorme quantidade de cobertores e colchões de espuma de borracha. Ninguém me fez perguntas. O comandante pensa que vamos embarcar emigrantes para a Grã-Bretanha.
- E quanto ao óleo lubrificante?
- Waldenberg queria comprá-lo em Gênova, mas eu me opus e disse que o compraríamos aqui em Toulon.
- Ótimo. Diga-lhe que já o encomendou. Assim, quando o carro da companhia de combustíveis chegar, ele vai achar natural. Langarotti é que o conduz. Cuidado como tratam os barris, para não inundarmos o cais de Schmeissers.
- Quando embarcam os outros?
- Esta noite, depois de escurecer. Vêm só o Marc e Janni; Jean-Baptiste ainda tem umas coisas a fazer. Quando podem partir?
- A qualquer hora. Esta noite. A propósito, para onde vamos?

- Para Brindisi. Conhece?
- Claro que conheço. O que embarcamos lá?
- Nada. Eu estou na Alemanha. Mando-lhe um telegrama indicando o porto seguinte e a data em que devem chegar. Depois, encarregue um agente local de telegrafar para o porto Iugoslavo que eu indicar e reservar lugar para atracarem.
- Como deve calcular, o Waldenberg vai perceber o que vamos receber a bordo na Iugoslávia. Ele não desconfia dos barcos de borracha, dos motores, dos transmissores portáteis e nem do vestuário, que considera carregamento normal, mas com as armas é diferente.
- Bem sei. Vai-nos custar dinheiro. Mas então, você, Marc, Janni e eu já estaremos todos a bordo. Waldenberg terá de cooperar. E nessa altura podemos dizer-lhe o que contêm os barris de óleo. Que acha dos dois novos tripulantes?
- São italianos. Tipos duros, mas eficazes. Creio que ambos são perseguidos pela Polícia. Ficaram encantados por poderem embarcar. Ao meio da tarde, dois furgões pertencentes à Agence Maritime Duphot, acompanhadas pelo mesmo indivíduo que aparecera de manhã, pararam junto do Toscana. Um funcionário da alfândega francesa, empunhando um livro de apontamentos, saiu do barracão da alfândega e foi marcando com um visto os caixotes à medida que estes eram levados para bordo, sem sequer verificar o seu conteúdo, pois conhecia bem a agência. Quando o funcionário carimbou a declaração da carga, Waldenberg disse algumas palavras em alemão, que

Semmler traduziu, explicando ao agente que o comandante precisava de óleo lubrificante para as máquinas.
- Cinco barris - especificou.
- Isso é muito - observou o agente.
- Esta velha banheira devora óleo - explicou Semmler, rindo.
- Quando precisam dele? - perguntou o agente.
- As cinco da tarde, pode ser?
- É melhor às seis - respondeu o agente, antes de partir.

Às cinco horas, Semmler dirigiu-se ao cais, telefonou para a agência e cancelou a encomenda, alegando que o comandante encontrara um barril completamente cheio.

Às seis horas surgiu no cais um furgão que parou em frente do Toscana. Era conduzida por Jean-Baptiste Langarotti, que vestia macacão verde-vivo com o nome da companhia fornecedora. O corso abriu as portas da retaguarda do furgão e, cautelosamente, fez deslizar os cinco grandes barris de óleo por uma prancha. O funcionário da alfândega apareceu à porta do barracão. Waldenberg indicou-lhe os barris com um gesto.
- Posso embarcar? - gritou.

O funcionário fez um gesto afirmativo com a cabeça e recolheu-se. Por ordem do comandante, os dois tripulantes colocaram estrados sob os barris e içaram-nos para bordo, um a um. Os barris desapareceram no porão do Toscana e pouco depois a escotilha fechava-se de novo.

Havia muito tempo que Langarotti partira no furgão.

Shannon observara o embarque de longe, contendo a respiração. Quando tudo terminou, Semmler foi ao seu encontro, com uma expressão sorridente.
-Não houve problema, como tinha dito.
Shannon sorriu também, aliviado, e recomendou-lhe:
- Agora volte para bordo e tome conta daquela carga como de uma galinha choca!
Pouco depois da meia-noite, Janni Dupree e Marc Vlaminck subiram silenciosamente para bordo. Às cinco horas da manhã, observado do cais por Shannon e Langarotti, o Toscana começou a fazer-se ao largo.
Langarotti acompanhou o irlandês ao aeroporto, onde este apanharia um avião, a meio da manhã, para Hamburgo. Enquanto tomavam o café da manhã, Shannon dera ao corso as últimas instruções e confiara-lhe o dinheiro necessário para as executar.
- Preferia ir com você - disse Jean-Baptiste.
- Eu sei, mas preciso de alguém de confiança para fazer esse trabalho. E você tem ainda a vantagem de ser francês. Janni não poderia entrar com um passaporte sul-africano e eu preciso do Marc para intimidar a tripulação se houver
problemas e de Semmler para vigiar Waldenberg. Portanto, só depende de você que tudo corra bem, Jean-Baptiste. Se à nossa chegada não encontrarmos uma força de apoio, a expedição pode fracassar. Voltamos a ver-nos daqui a um mês. CAPÍTULO DOZE
- Pode recolher os morteiros e as bazucas em qualquer momento depois de 10 de Junho - disse Alan Baker a

Shannon – num pequeno porto chamado Ploce, a meio caminho entre Split e Dubrovnik.
- Pequeno porto em que medida?
- Meia dúzia de cais e dois grandes armazéns. Muito discreto. O pessoal da alfândega é composto provavelmente apenas por um homem. Se ele receber uma gratificação, põe tudo a bordo em poucas horas.
- Que seja, Ploce. No dia 11 de Junho. Tem algum problema para me contar?
Baker hesitou um instante.
- Tenho um: o preço. Bem sei que lhe dei preços fixos, num total de catorze mil e quatrocentos dólares. Mas tive de arranjar um sócio iugoslavo, pelo menos assim se intitula. É cunhado do funcionário do Ministério do Comércio. Não deixam
escapar uma oportunidade para receber uma gratificação.
- E então?
- E então... ele exige uma gratificação para despachar a papelada no Ministério de Belgrado. Pensei que lhe valeria a pena, a você, ter a mercadoria pronta para embarque a tempo e na hora sem atrasos burocráticos.
- Quanto custará isso?
- Mil libras esterlinas. Em dólares. E tem de ser em dinheiro, não em cheques.

Shannon refletiu um momento. O seu interlocutor poderia ou não falar verdade. No primeiro caso, a recusa da quantia pedida obrigaria Baker a pagar do montante da quantia que auferiria, o que reduziria a sua margem de lucros de tal modo que poderia fazê-lo perder o interesse

pelo negócio. E Shannon continuava precisando do seu apoio.
- Está bem. Quem é esse sócio?
- É um cara chamado Ziljak. Neste momento está fora, tratando do transporte da encomenda para o armazém de Ploce; e depois, quando o navio chegar, encarrega-se de fazer a mercadoria passar pela alfândega e de embarcála a bordo.
- Está bem, pago-lhe em dólares. Mas você recebe o seu dinheiro em cheques.
- Não me importo - concordou Baker. - Quando quer partir?
- Depois de amanhã. Seguimos de avião para Dubrovnik e passamos uma semana ao sol. Estou precisando de descanso. Mas se preferir, pode ir me encontrar no dia 8 ou 9, mas não mais tarde. No dia 10 seguimos de carro para Ploce e eu mando o Toscana atracar nessa noite.
- Nesse caso, encontro-o daqui a uma semana. Tenho aqui coisas a fazer.
- Se não aparecer, vou procurá-lo - avisou Shannon.
Johann Schlinker estava tão confiante como Baker de que poderia satisfazer a encomenda de munições nos termos previstos.
- É provável que o porto indicado seja Valência, embora ainda não seja certo - disse a Shannon. - Em Madrid informaram-me que o carregamento tem de se efetuar entre 16 e 20 de Junho.
- Preferia que fosse a 20. O Toscana atracaria na noite de 19 e carregaria durante a manhã.

- Eu digo isso ao meu sócio de Madrid. Não deve haver problema.
- Não pode haver nenhum problema - corrigiu Shannon. – O navio já sofreu um atraso e eu não disponho de qualquer margem de tempo.
A afirmação não correspondia à verdade, mas queria fazê-lo crer a Schlinker.
- E também quero embarcar em Valência.
- Isso é difícil - disse o negociante de armas. - O porto está isolado e a entrada só é permitida mediante autorização. Teria de passar pelo controle de passaportes.
- O comandante não poderá contratar mais um tripulante em Valência? Schlinker estudou a sugestão.
- Se o comandante informasse o agente de que autorizara um homem a deixar o navio no último porto, a fim de ir a casa de avião para assistir ao funeral
da mãe, e que esse tripulante regressaria ao barco em Valência, creio que não levantariam objeções. Mas precisaria ter uma cédula marítima da marinha mercante.
- Está bem, posso arranjar uma.
Schlinker consultou a agenda e informou:
- Estou em Madrid nos dias 19 e 20 para tratar de outros negócios. Se precisar se comunicar comigo, estou no Hotel Mindanao. Se o embarque se
efetuar a 20, o mais provável é que a mercadoria seja conduzida até à costa durante a noite de 19, sob escolta militar. Se de fato o senhor vai embarcar, deve
fazê-lo antes da chegada da escolta.
- Posso estar em Madrid a 19. Comunico com você para

saber se a escolta partiu, de fato, a tempo, e depois, se guiar depressa, consigo chegar a Valência antes deles.
- Isso depende de você - respondeu Schlinker. - Eu encarrego os meus agentes de tratarem do frete, do transporte e do embarque. Foi a isso que me comprometi. Se correr riscos ao tentar embarcar, o problema é seu. Devo, no entanto, adverti-lo de que os navios que transportam armas estão sujeitos a vigilância, têm de abandonar as águas espanholas seis horas depois do carregamento e a declaração de carga tem de estar perfeitamente em ordem.
- Estará. Vejo-o em Madrid no dia 19.
Shannon escreveu a Semmler, ao cuidado da capitania do porto de Brindisi, dizendo-lhe que estivesse no porto de Ploce, na Iugoslávia, no dia 10 de Junho. Encarregou-o também de comprar uma cédula marítima, devidamente selada e atualizada, para um marinheiro de nome Keith Brown.
A última carta que meteu no correio, antes de partir de Hamburgo, destinava-se a Simon Endean, a quem recomendava que estivesse em Roma no dia 16 de Junho e adquirisse determinadas cartas marítimas.
CAT Shannon passou uma semana em Dubrovnik, comportando-se como qualquer outro turista. Quando chegou, Alan Baker encontrou o irlandês bronzeado e com aspecto saudável, embora mais magro. Trocaram impressões enquanto tomavam uma bebida no terraço do hotel. Tanto o Toscana como Ziljak, o sócio de Baker, chegaram na data prevista. Os caixotes já se encontravam

no armazém de Ploce, sob vigilância. Shannon sentiu-se, de súbito, otimista. Na manhã seguinte, alugaram um táxi e dirigiram-se a Ploce. À hora do almoço estavam instalados num hotel, onde esperaram que a capitania do porto reabrisse, às quatro horas. Quando se aproximavam do edifício, um pequeno Volkswagen amolgado parou, com um chiar de pneus, a poucos metros de distância, buzinando ruidosamente.

Shannon ficou petrificado. A sua primeira impressão foi de que havia perigo. O homem que desceu do pequeno automóvel podia ser um policial. Olhando, porém, para Baker, Shannon notou, com alívio, os seus ombros descaídos.

- Ziljak - murmurou Baker, e foi ao encontro do lugoslavo.

Este, um homem corpulento e desgrenhado, estreitou Baker num caloroso abraço, apertou a mão de Shannon quando este lhe foi apresentado e murmurou algumas palavras em servo-croata, segundo pareceu ao irlandês. Baker e Ziljak falavam alemão entre si.

Ziljak despenou o diretor do posto alfandegário, que os conduziu ao armazém. O funcionário trocou algumas palavras com o guarda e, num canto do edifício, depararam-se com os caixotes.

Eram treze, sem qualquer indicação do conteúdo, mas marcados com números de série e a palavra Toscana, aposta em stencil. Ziljak e o diretor do posto falaram durante alguns instantes, após o que o primeiro se dirigiu a Baker

no seu alemão vacilante. A resposta deste, traduzida

pelo lugoslavo, fez o chefe do posto afastar-se com uma expressão sorridente.
- De que falaram? - perguntou Shannon.
- O funcionário da alfândega perguntou se não havia uma pequena lembrança para ele - explicou Baker. - Ziljak respondeu-lhe que certamente haveria se não surgissem complicações com a papelada e o barco fosse carregado a tempo.
Baker, a quem Shannon já entregara a primeira metade do bônus de Ziljak, afastou-se um pouco com o lugoslavo para lhe entregar o dinheiro. A efusão patente na expressão do indivíduo acentuou-se mais ainda. Em seguida dirigiramse todos para o hotel a fim de celebrarem o êxito com um pouco de slivovitz. “Um pouco” foi a expressão usada por Baker, mas os lugoslavos, quando se sentem felizes, nunca se contentam com um pouco da forte aguardente de ameixa. O Sol pôs-se e o crepúsculo Adriático começou a insinuar-se pelas ruas, enquanto Baker se via em apuros para traduzir as palavras do exuberante Ziljak, que revivia os anos que passara nos montes da Bósnia, caçando e escondendo-se com os resistentes de Tito.
Shannon perguntou-lhe se, agora, era comunista ativista.
- Guter Kommunist! - exclamou Ziljak, apontando para si próprio. Imediatamente a seguir, porém, anulou o efeito com uma piscadela de olho e uma sonora gargalhada, enquanto emborcava novo gole de sdivovitz. Shannon riu também, lamentando que o gigante os não acompanhasse a Zangaro. Depois, em passos cambaleantes, voltaram ao

cais para ver o Toscana atracar. Quando Baker regressou de novo ao hotel, acompanhado de Ziljak, Shannon subiu o portaló e entrou no exíguo camarote do comandante. Semmler foi chamar Waldenberg e regressou com ele, fechando a porta atrás de si. Cautelosamente, Shannon informou Waldenberg do material que o Toscana estava prestes a receber a bordo. O rosto do alemão manteve-se inexpressivo.

- Nunca transportei armas - declarou quando Shannon terminou. - O senhor afirma que este carregamento é legal. Até que ponto?

- Perfeitamente legal. É um carregamento perfeitamente legal segundo as leis da lugoslávia.

- E segundo as leis do país para onde se dirige? – indagou Waldenberg.

- O Toscana não entrará nas águas territoriais do país onde as armas serão usadas - afirmou Shannon. - Depois de Ploce, fará escala em dois portos, em qualquer deles apenas para receber carga. Como sabe, os navios nunca são inspecionados quando aportam apenas para receber carga, a não ser que tenha havido uma denúncia.

- O que já tem acontecido - insistiu Waldenberg. - Se estas armas forem descobertas, o barco é apresado e eu sou preso. Não fui contratado para transportar armas. Com o Setembro Negro e o IRA em ação, todos andam à procura de armas.

- Foi contratado para levar imigrantes ilegais para a Grã-Bretanha.

- Só são ilegais depois de pisarem o solo britânico –

precisou o comandante. - O Toscana estaria fora das águas territoriais. Os imigrantes podiam
desembarcar em barcos a motor. Mas com armas é diferente. Se não constam da
declaração, o seu transporte neste navio é ilegal. Porque não foram registradas na
declaração?
- Porque, se o navio transportar armas, as autoridades espanholas não permitem a entrada do navio em nenhum porto espanhol.
- E se a Polícia Espanhola revistar o barco?
- Não revista. Mas se revistar, os caixotes estarão lá embaixo, nos porões.
- E se a Polícia os encontrar passamos o resto da vida na prisão. Vão pensar que a mercadoria se destina aos Bascos.
A conversa prolongou-se até às três da manhã e custou a Shannon cinco mil libras: cinqüenta por cento antes e cinqüenta por cento após Valência.
- Encarrega-se da tripulação? - perguntou Shannon.
- Me encarrego, não se preocupe - respondeu Waldenberg com firmeza. De regresso ao hotel, Shannon pagou a Baker o terceiro quarto do preço das armas e tentou dormir. Transpirava copiosamente e o Toscana atracado e as armas guardadas no armazém da alfândega não lhe saíam do pensamento. Rezou para que não surgissem problemas. Sentia-se muito próximo do ponto em que ninguém poderia detê-lo, mesmo que tentasse.
O embarque da carga iniciou-se às sete e às nove estava

terminado. Enquanto assistia à saída do Toscana do porto Shannon entregou a Ziljak e a Baker o resto do pagamento combinado. Sem que nenhum deles soubesse, encarregara Vlaminck de abrir cinco dos caixotes, escolhidos ao acaso, e verificar
o seu conteúdo, para não acontecer de conterem apenas ferro velho, fenômeno freqüente no mundo das armas.
Era o sexagésimo sétimo dia do calendário de cem dias que Sir James Manson concedera a Shannon para desferir o golpe.
Apenas o Toscana se encontrou ao largo, o comandante Waldenberg chamou ao seu camarote os três tripulantes para uma pequena conversa. Se algum deles se tivesse recusado a cooperar, aconteceria um acidente desagradável a bordo. Poucos lugares são tão apropriados para um desaparecimento sem deixar rastro como um navio no mar alto, numa noite escura. Porém, ninguém levantou objeções, especialmente quando o comandante dividiu entre eles mil libras.
Em seguida, os caixotes recentemente embarcados foram abertos e o seu conteúdo oculto nas profundezas do navio, sob o piso do porão. As tábuas do soalho foram repostas no local e cobertas com o inofensivo carregamento de vestuário, barcos de borracha e motores de popa.
Semmler ordenou a Waldenberg que ocultasse os barris de óleo no fundo do porão, explicando-lhe a razão desta ordem. Desta vez, Waldenberg perdeu a calma e empregou algumas expressões que poderiam ser qualificadas como lamentáveis.

Em breve, porém, Semmler conseguiu acalmá-lo e sentaram-se para beber cerveja, enquanto o Toscana seguia em direção ao sul.
Por fim, Waldenberg começou a rir.
- Schmeissers! - exclamou. - Schmeissers dos diabos! Mensch, há quanto tempo não são ouvidas neste mundo!
- Vão voltar a ser ouvidas - garantiu-lhe Semmler.
Waldenberg pareceu melancólico.
- Quem me dera desembarcar com vocês! - confessou finalmente.

CAPÍTULO TREZE

SHANNON foi encontrar Simon Endean lendo o Times, que comprara
nessa manhã em Londres antes de partir para Roma. A sala do Excelsior estava quase deserta, pois a maioria dos clientes que habitualmente tomavam café a meio da manhã fazia-o no terraço, contemplando o caótico tráfego de Roma, que avançava lentamente e esforçando-se por que as suas vozes se sobrepusessem ao ruído do trânsito. Shannon instalou-se numa cadeira ao lado da de Endean.
- Esteve muito tempo sem se comunicar - observou Endean, fitando-o.
- Um navio leva algum tempo para ir de Toulon à Iugoslávia - respondeu Shannon. - A propósito, trouxe as cartas marítimas que lhe pedi?
- Claro que trouxe - respondeu Endean, apontando para a sua volumosa pasta. Logo que recebera a carta do mercenário, comprara mapas de toda a costa africana, de Casablanca à Cidade do Cabo.

- Por que diabo precisa de tantas? - indagou, agastado.
- Por uma questão de segurança - respondeu Shannon secamente. - Se o navio fosse revistado num porto, um único mapa assinalando o destino do navio representaria uma denúncia. Assim, ninguém, incluindo o comandante e a tripulação, pode descobrir qual a zona da costa que na realidade me interessa. Trouxe também os negativos?
- Trouxe.
Outra das tarefas de Endean consistira em mandar fazer negativos das fotografias que Shannon tirara em Zangaro e dos mapas e esboços de Clarence e do litoral. O próprio Shannon já enviara para bordo do Toscana, quando este se encontrava atracado em Toulon, um projetor de slides adquirido na free-shop do Aeroporto de Londres.
Endean escutou em silêncio, tomando apontamentos que transmitiria a Manson, toda a exposição de Shannon sobre o trabalho realizado e os planos para os próximos dias: o carregamento das munições de 9 mm em Valência e a partida para o objetivo final. O mercenário não aludiu ao fato de um dos seus homens já se encontrar na África.
- Agora preciso saber o que acontece depois do ataque - acrescentou. - Como já lhe disse, não podemos esperar muito tempo antes da instauração de um novo regime pela radiodifusão da notícia do golpe.
- Essa é a parte mais importante da operação - declarou Endean em voz suave, enquanto retirava da pasta três folhas de papel.
- Aqui tem as suas instruções, a partir do momento em que se apoderar do palácio. Leia, decore e destrua estas

folhas aqui mesmo, antes de nos separarmos.
Shannon passou uma vista de olhos rápida pela primeira folha, que não lhe causou surpresas, pois já calculara que o homem escolhido por Manson seria
fatalmente o coronel Bobi. O resto do plano era elementar, do seu ponto de vista.
Olhou para Endean e perguntou-lhe:
- Onde o senhor estará?
- Cento e sessenta quilômetros a norte.
Shannon compreendeu que o inglês se referia à capital da república situada a norte de Zangaro.
- Tem certeza de que capta a minha mensagem? - perguntou.
- Estarei munido do melhor rádio portátil que existe no mercado. Apanhará tudo no raio de alcance da emissora do seu navio.
- Vamos esclarecer bem um ponto. Eu transmitirei na frequência indicada e às horas combinadas de bordo do Toscana, que se encontrará em algum lugar ao largo, provavelmente a cinco ou seis milhas da costa. Mas se o senhor não me ouvir, se houver eletricidade estática, não posso ser responsabilizado por essa circunstância.
- A frequência foi experimentada - afirmou Endean. – O meu receptor permite captar a rádio do Toscana a uma distância de cento e sessenta quilômetros. Se repetir a mensagem durante trinta minutos, eu ouvirei com certeza.
- Muito bem - concordou Shannon. - Uma última coisa. É preferível que as notícias dos acontecimentos de Clarence não cheguem ao posto fronteiriço zangarense. Isso

significa que ele continuará na posse dos Vindus. Compete a você arranjar um modo de passar. Também pode haver vindus próximo de Clarence, espalhados pelas estradas, tentando esconder-se no mato, mas perigosos. Suponhamos que não consigam passar ..
- Passamos - afirmou Endean. - Temos ajuda.
Shannon supôs, judiciosamente, que essa ajuda seria proporcionada pela pequena equipe que a ManCon enviara para trabalhos de prospecção na república vizinha. Seria-lhes fácil arranjar um jipe e talvez alguns homens armados para escoltarem um diretor da companhia. Pela primeira vez, o mercenário considerou a possibilidade de Simon Endean possuir uma certa coragem, do tamanho do seu espírito sórdido.
Depois de ler as instruções e decorar as palavras de código e a frequência de rádio que deveria utilizar, Shannon, com a ajuda de Endean, queimou as folhas no lavabo dos homens. Depois se separaram. Não havia mais nada a dizer. No quinto andar de um prédio de uma das ruas de Madrid, o coronel Antonio Almela, diretor do Departamento de Exportação do Ministério do Exército Espanhol (Venda de Armas ao Exterior), analisava o dossiê de documentos que tinha diante de si. Era um homem simples, de uma lealdade firme. Devido à sua fidelidade absoluta para com a sua querida Espanha, fora-lhe confiado um trabalho confidencial e altamente secreto. Nenhum espanhol tem conhecimento de que a Espanha exporta armas praticamente para todos os que as solicitam. O Governo Espanhol sabia que podia confiar em

absoluto que Almela manteria sigilo completo sobre qualquer concessão ou recusa de licenças de exportação. O dossiê que o coronel tinha agora à frente chegara-lhe às mãos havia quatro semanas e fora minuciosamente estudado. O primeiro documento era um pedido de movimentação de caixotes de Madrid para Valência, a fim de

embarcarem no Toscana. A licença de exportação estava assinada por ele próprio.

Notando um pormenor, o oficial fitou o funcionário civil que se encontrava à sua frente.

- Qual a razão da mudança de porto? - indagou.

- Simplesmente porque nas próximas duas semanas não há local disponível para atracar em Valência, Señor Coronel. A capacidade do porto está esgotada. O coronel Almela resmungou entre dentes. A explicação era aceitável. Durante os meses de Verão, a lotação do porto de Valência mantinha-se esgotada. No entanto, não lhe agradavam modificações. Tão pouco lhe agradava aquela encomenda, cuja insignificância lhe levantava suspeitas. E não confiava em Herr Schlinker. Mas toda a documentação estava perfeitamente em regra, incluindo o certificado de último destino. Se ao menos descobrisse uma discrepância... Estava tudo em ordem, porém. Ao cabo de alguns momentos, o coronel rabiscou a sua assinatura na autorização de transferência.

- Está bem - resmungou. - Seguem para Castellón, e não para Valência.

- Tivemos de mudar o porto de embarque para Castellón -

informou Schlinker, duas noites depois. - Não havia alternativa. A capacidade de Valência estava esgotada por muitas semanas. Quando comunicar pela rádio o Toscana será avisado da mudança.
Cat Shannon estava sentado no quarto do negociante de armas alemão, no Hotel Mindanao.
- Onde fica Castellón? - perguntou.
- Quarenta quilômetros mais a norte, no litoral. É um porto pequeno, mais indicado para você.
- E o meu embarque?
- Informei o agente de navegação de que um marinheiro chamado Keith Brown deve embarcar no Toscana. E os seus documentos?
- Estão em ordem - respondeu Shannon.
- O agente em Castellón é o Señor Moscar. A caminhonete parte de Madrid com escolta, à meia-noite de amanhã e a sua chegada à alfândega do porto de Castellón está prevista para as seis da manhã, à hora de abertura. Dei instruções
ao diretor dos transportes para telefonar para cá logo que a escolta parta. Nessa tarde, Shannon alugou um potente Mercedes.
Às dez e meia da noite seguinte, o irlandês estava de novo no Hotel Mindanao, com Schlinker, esperando pelo telefonema. Ambos se sentiam nervosos como é habitual quando a execução de um plano cuidadosamente elaborado se encontra dependente de terceiros.
Schlinker sabia que se algo corresse mal, poderia ser ordenada uma investigação completa do seu certificado

de último destino, o que implicaria uma consulta ao Ministério do Interior de Bagda. Se fosse desmascarado naquela operação, perderia todos os seus lucrativos negócios com Madrid. Bateu a meia-noite. E decorreu mais meia hora. Shannon percorria o aposento, descarregando a sua frustração em palavras ásperas contra o obeso alemão. A meia-noite e quarenta minutos, o telefone tocou. De um salto, Schlinker
atendeu a chamada.

- Alô? - perguntou Shannon, ansioso.

O alemão fez um gesto com a mão pedindo-lhe silêncio, após o que sorrindo, desligou. Mas o mercenário já desaparecera.

A velocidade que o Mercedes atingia ultrapassava em muito a do transporte militar que conduzia as munições. Shannon observava atentamente as centenas de caminhões que seguiam na direção da costa à medida que as ultrapassava. A oeste de Valência, os seus faróis iluminaram os jipes militares que escoltavam um
caminhão coberto de oito toneladas; quando a ultrapassou, viu escrito na parte lateral o nome da empresa de transporte que Schlinker lhe indicara. Chegou a Castellón pouco depois das quatro horas. Como acontece habitualmente nos portos mediterrâneos, havia três portos independentes: um para cargueiros, outro para embarcações de recreio e o terceiro para barcos de pesca. O porto comercial de Castellón está protegido por uma vedação de rede de ferro e os seus portes são guardados dia e noite por sentinelas armadas. Àquela

hora, os portões estavam fechados à chave e a sentinela cochilava na sua guarita,
mas Shannon espreitou pela vedação e confirmou, com alívio, que o Toscana já estava ancorado.
Às seis horas voltou para junto dos portões, perto dos quais os jipes e o caminhão se encontravam agora estacionados. As seis e dez chegou um veículo particular, do qual desceu um espanhol baixo e elegante, a quem Shannon se dirigiu:
- Señor Moscar?
- Si.
- Chamo-me Brown e tenho de embarcar aqui no meu navio.
O espanhol franziu as sobrancelhas.
- Brown - insistiu Shannon. - Toscana.
- Ah, si! El marinero. Entre, por favor.
O portão já fora aberto e Moscar exibiu o seu salvo-conduto. Falou em seguida com a sentinela e apontou para Shannon cujo passaporte e cédula da marinha mercante foram examinados. Em seguida, o mercenário seguiu Moscar até ao escritório da alfândega. Uma hora depois estava a bordo do Toscana. A revista começou às nove horas, sem aviso prévio. A declaração do comandante fora apresentada e conferida. O capitão da escolta militar trocou algumas palavras com dois funcionários da alfândega após o que estes últimos subiram a bordo, seguidos por Moscar. Limitaram-se a conferir a carga para se certificarem de que era a que constava da declaração. Abriram a porta do paiol,

contemplaram a confusão de correntes, barris de óleo e latas de tinta e tornaram a
fechá-la. A revista demorou uma hora. O que mais interessou saber aos funcionários foi o motivo por que precisava o comandante Waldenberg de sete homens num barco tão pequeno. Foi-lhes explicado que Dupree e Vlaminck eram empregados da companhia que haviam perdido o seu navio em Brindisi e seriam desembarcados em Malta. Quando lhe perguntaram o nome do navio, Waldenberg indicou o nome de um que vira no porto de Brindisi. Vinte minutos após o desembarque dos funcionários da alfândega, deram início ao carregamento. Ao meio-dia e meia hora, o Toscana desacostou do porto de Castellón e aproou para sul, na direção do cabo San Antonio. Cat Shannon que se sentia
indisposto em consequência da tensão das últimas horas, estava encostado à amurada da ré quando Waldenberg se aproximou por trás.
- Esta foi a última parada? - perguntou.
- A última em que tivemos de abrir as escotilhas - respondeu-lhe o mercenário. - Temos de recolher alguns homens na costa da África, mas vêm ao nosso encontro de lancha. Marinheiros nativos. Pelo menos é a esse título que embarcam.
- Não tenho cartas marítimas para além de Gibraltar - objetou Waldenberg. Shannon introduziu a mão no bolso do blusão, de onde retirou um maço de mapas.
- Estas chegam até Freetown, na Serra Leoa. É aí que recolhemos os homens. Vêm ao nosso encontro no dia 2

de Julho.
O comandante afastou-se, a fim de traçar a rota, e Shannon ficou sozinho com as gaivotas. Quem escutasse com atenção, ouviria, por entre os gritos das aves, o assobio de um homem entoando Spanish Harlem.
Mais ao norte, a uma distância considerável, o navio Komarov deixava o porto de Arcangel. A popa, o Dr. Ivanov e um dos seus técnicos estavam debruçados à amurada, sob a bandeira onde ondeavam a foice e o martelo.
- Camarada doutor, já esteve alguma vez na África? - perguntou o mais jovem.
- Já estive no Ghana.
- Como é?
- É tudo selva, pântanos, mosquitos, serpentes e pessoas que não compreendem uma única palavra do que dizemos.
- O comandante me disse que devemos chegar a Clarence dentro de vinte e dois dias, no dia em que celebram a independência.
- Bravo por eles - resmungou Ivanov, afastando-se.
Passado o cabo Espartel e quando saiu do Mediterrâneo para entrar no Atlântico, o Toscana transmitiu para Gibraltar, pela rádio, um telegrama que devia
ser retransmitido a Mr. Walter Harris, de Londres. O texto dizia apenas: PRAZER COMUNICAR SEU IRMÃO COMPLETAMENTE RESTABELECIDO. A mensagem
significava que o Toscana seguia o seu rumo sem ter sofrido qualquer atraso.

- Excelente - comentou Sir James quando Endean lhe deu a notícia. - Quanto tempo tem ainda Shannon para chegar ao objetivo?
- Vinte e dois dias. Vai adiantado.
- E ataca logo que chegar?
- Não, Sir Manson. O dia do ataque continua a ser o centésimo dia.
- Muito bem. Meta-se num avião e instale o nosso novo empregado, o coronel Bobi, nesse local próximo de Zangaro. Quando Shannon lhe comunicar que vai atacar, dê a notícia a Bobi. Depois o convença a assinar a concessão de mineração, como presidente de Zangaro, date o documento de um mês mais tarde e envie-me três cópias em três envelopes diferentes. Mantenha Bobi vigiado até receber o segundo sinal de Shannon comunicando que foi bem sucedido. Parta, então. A propósito, esse guarda-costas que vai levar está preparado?
- Pela gratificação que vai receber, está preparado para tudo.
- É preciso cuidado, Shannon pode causar-nos dificuldades.
- Sou capaz de lidar com ele - afirmou Endean, sorrindo. - Como todos os mercenários, tem o seu preço.

DEPOIS de deixarem a Espanha, Shannon insistiu em que a carga permanecesse como estava, intacta, prevendo a possibilidade de uma busca em Freetown. Apenas consentiu que se desembalassem as mochilas compradas em Londres por Dupree, que foram

transformadas de forma a ficarem munidas de bolsas estreitas, cada uma delas com capacidade para transportar uma granada de bazuca. As mochilas menores também foram modificadas, para poderem transportar vinte granadas de morteiro cada uma.

A uma distância de seis milhas ao largo de Freetown, o Toscana anunciou a sua presença à capitania da cidade, sendo autorizado a ancorar na baía. Como não havia mercadorias para carregar ou descarregar e se limitava a receber tripulantes, prática freqüente por parte de navios costeiros, não precisava atracar
no cais.

Enquanto a âncora era largada os olhos de Shannon perscrutavam a terra à procura do hotel onde Langarotti os deveria aguardar.

O irlandês observou então uma pequena pinaça que saía do barracão onde funcionava a alfândega, transportando um homem fardado, de pé, à popa. Shannon recebeu-o, apertou-lhe calorosamente a mão e conduziu-o ao camarote do comandante, onde o esperavam três garrafas de uísque e dois pacotes de cigarros. O funcionário suspirou de prazer e lançou um olhar isento de curiosidade à nova declaração, segundo a qual o Toscana embarcara em Brindisi peças de máquinas e víveres para uma companhia prospectora de petróleo na costa dos Camarões. Carimbou a declaração e uma hora depois partiu.

Já passava das seis horas quando Shannon notou um longo barco que se afastava da praia. Os dois nativos

encarregados de conduzirem passageiros para os navios ancorados ao largo inclinavam-se sobre os remos. A popa viam-se sete africanos transportando trouxas e à proa divisava-se um europeu solitário. Quando
a embarcação se deteve, com uma manobra suave, ao lado do Toscana, Jean- Baptiste Langarotti subiu agilmente a escada que descia até à água, seguido pelos sete africanos, seis dos quais jovens e sendo o sétimo um homem de mais idade, de aspecto digno. Embora fosse imprudente semelhante procedimento à vista de terra, Vlaminck, Dupree e Semmler bateram calorosamente nas costas dos sorridentes africanos, enquanto Shannon fazia sinal ao comandante para se fazer ao largo.
Mais tarde, enquanto o navio navegava para sul, Shannon apresentou os seus recrutas ao intrigado Waldenberg: Patrick, Johnny, Jinja (Ginger, de alcunha), Sunday, Bartholomew e Timothy. Cada um deles fora pessoalmente treinado por um dos mercenários; cada um deles fora inúmeras vezes posto à prova em combate e revelara-se capaz de agüentar, por mais dura que fosse a luta. E cada um deles era leal ao seu chefe. O sétimo, o homem mais idoso, foi apresentado por Shannon como sendo o Dr. Okoye.
- Como vão as coisas no seu país? - perguntou-lhe Shannon.
- Não vão bem - respondeu o Dr. Okoye, abanando tristemente a cabeça.
- Amanhã começamos a treinar-nos - decidiu o mercenário.

TERCEIRA PARTE

A grande matança

CAPÍTULO CATORZE

DURANTE o resto da viagem, Cat Shannon obrigou os seus homens a trabalhar incansavelmente. Apenas aquele a quem tratavam por “doutor” estava dispensado. Os outros formaram grupos, a cada um dos quais foi atribuída uma tarefa diferente.

Vlaminck e Semmler abriram os cinco barris de óleo, de onde retiraram as Schmeissers. Os seis soldados africanos ajudaram a desembrulhar as pistolasmetralhadoras

e a retirar-lhes a massa protetora, familiarizando-se assim com o seu funcionamento. Em seguida, abriram as caixas de munições de 9 mm, com as quais os oito homens, sentados no convés, carregaram os carregadores, colocando as primeiras quinze mil cargas nos quinhentos carregadores de que dispunham. Entretanto, Langarotti desfez os volumes de vestuário comprados por Dupree e preparou conjuntos de uniformes.

Logo que ficava completo, cada conjunto era introduzido num saco-cama juntamente com uma Schmeisser e cinco carregadores envoltos num tecido impermeável e protegidos por um saco de plástico. Cada saco-cama guardava, assim, o vestuário e o armamento necessários a um soldado.

Dupree desmanchara os três caixotes de munições e refizera-os de modo que se ajustassem perfeitamente nos motores de popa. Revestidas com espuma de borracha,

as novas caixas abafariam o ruído dos motores.
Em seguida, Vlaminck e Dupree dedicaram a sua atenção às armas que utilizariam no ataque. Janni familiarizou-se com os mecanismos de pontaria dos seus dois morteiros e preparou as granadas respectivas. Marc concentrou-se nas bazucas. Escolhera Patrick para ajudá-lo, pois já haviam trabalhado juntos. O africano transportaria uma Schmeisser e dez granadas de bazuca. Marc transportaria doze granadas e uma bazuca.
Shannon ordenou que o Toscana se afastasse bastante para o largo, para que os homens experimentassem as suas Schmeissers. Os brancos já haviam, em vários momentos, utilizado pistolas-metralhadoras diferentes em número suficiente para não terem problemas, mas os africanos só haviam manejado Mausers simples, de 7,92 mm, ou a automática standard da OTAN, de 7,62 mm. Cada um dos homens disparou novecentas vezes até se habituar ao manejo da arma. Em seguida, os barris de óleo, vazios, foram postos a flutuar à ré, para treino de bazuca. Antes de o exercício terminar, todos os homens haviam conseguido esburacar um barril a cem metros de distância. Assim se afundaram quatro deles. O quinto era o alvo de Vlaminck. Este o deixou afastar-se até uma distância de duzentos metros, colocando-se em seguida à popa. A primeira granada assobiou sobre o barril e explodiu com um esguicho de água. A segunda acertou no centro do alvo, arrancando ovações dos observadores. Sorridente, Marc dirigiu-se a Shannon:
- Disse que queria arrancar uma porta, não foi, Cat?

- Sim, um raio de uma enorme porta de madeira, Pequeno.
- Entrego-a transformada em fósforos. É uma promessa.
Em virtude do ruído que haviam provocado Shannon ordenou a Waldenberg que se afastasse com o Toscana. A parada seguinte destinou-se a experimentar os barcos de assalto. Com as caixas silenciadoras colocadas e a potência dos motores reduzida a um quarto, quase não se ouvia ruído num raio de trinta metros.

Os transmissores portáteis foram experimentados até uma distância de seis quilômetros e meio. Shannon ordenou aos dez homens, brancos e negros, que efetuassem exercícios noturnos no mar para habituarem a visão ao negrume do céu e do oceano, condições em que teriam de operar quando atacassem. Waldenberg assistia aos exercícios cheio de curiosidade.
- Por mais que me esforce, não consigo ouvi-los no mar - disse a Shannon.
- A não ser que eles tenham guardas muito atentos, vocês conseguem desembarcar onde quer que seja: A propósito, aonde vão?
- Acho melhor que fiquem todos a saber.
E, até ao amanhecer, todos escutaram Shannon, que, utilizando o projetor e os negativos, descreveu pormenorizadamente o plano do ataque.
Quando terminou a exposição, o silêncio era absoluto.
De repente, Waldenberg exclamou:
- Gott im Himmel!
Seguiram-se as perguntas. O comandante quis obter a

garantia de que, se o plano fracassasse, os sobreviventes regressariam a bordo e, antes de nascer o Sol, o Toscana se encontraria muito além da linha do horizonte. Shannon concedeu-a.
- Só temos a sua palavra de que eles não têm canhoneiras ...
- Nesse caso, a minha palavra tem de bastar - replicou secamente o mercenário.
Os jovens africanos não fizeram pergunta alguma. O doutor perguntou onde estaria durante o combate e aceitou a decisão quando lhe foi respondido que ficaria no Toscana.
Sentados no convés, depois de recebidas as instruções, os cinco mercenários conversaram até o Sol estar alto no horizonte. Aprovaram todos o plano do ataque, embora soubessem que eram em número muito reduzido, perigosamente exíguo para realizarem a operação que se propunham, e que não havia margem para erro. Aceitaram o fato de terem de vencer em vinte minutos ou serem obrigados a regressar aos barcos e retirarem-se o mais rapidamente possível - os que pudessem fazê-lo. Sabiam que, se algum entre eles encontrasse um camarada gravemente ferido, tinha o dever de lhe oferecer a última dádiva de um mercenário a outro: um fim limpo e rápido. Essa era uma das suas normas. NA manhã do nonagésimo nono dia, todos acordaram cedo. Shannon passara metade da noite acordado, ao lado de Waldenberg, observando a linha da costa surgir no mostrador de radar.

- Quero que se aproxime até ficar ao alcance visual da costa, mesmo ao sul de Clarence, e passe a manhã a navegar para norte, paralelamente ao litoral, para
que ao meio-dia nos encontremos aqui - dissera Shannon ao comandante, assinalando com o dedo a capital da república que se situava a norte de Zangaro.

A primeira mensagem para Endean estava programada para o meio-dia. A manhã passou lentamente. Shannon observou, através do óculo de bordo, o estuário do rio Zangaro, uma linha longa e baixa de mangais que se desenhava no horizonte. A meio da manhã, conseguiu localizar uma brecha na linha verde de vegetação, correspondente ao local onde se situava a cidade de Clarence, e passou o óculo sucessivamente a Vlaminck, Langarotti, Dupree e Semmler, cada um dos quais observou a costa em silêncio. Depois, tensos e enfadados, fumaram e vaguearam pela coberta.

Ao meio-dia, Shannon começou a transmitir. A mensagem constava apenas de uma palavra, “Espiga”, que significava que se encontravam em posição. A vinte e duas milhas de distância, Endean captou-a e começou a explicar laboriosamente ao ex-coronel sob a sua guarda que, dentro de vinte e quatro horas ele, Antoine Bobi, seria presidente de Zangaro. Sorrindo ao simples pensamento das represálias que exerceria, Bobi estabeleceu o acordo com Endean. Assinou o documento que outorgava à Bormac Trading Company a concessão exclusiva de mineração das Montanhas de Cristal, válida por dez anos, e observou Endean a encerrar num envelope um cheque

visado no valor de meio milhão de dólares.
Entretanto, em Clarence, prosseguiam os preparativos para o Dia da Independência. Os seis presos que jaziam, após ferozes espancamentos, nas celas situadas nas traseiras da esquadra da Polícia sabiam que voltariam a ser espancados até à morte, no largo principal, como parte do programa dos festejos organizados por Kimba.
o palácio, rodeado de guardas, Jean Kimba, sentado à mesa sonhava com o advento do seu sexto ano de governo.
Durante a tarde, o Toscana, com a sua carga letal, virou e começou a navegar lentamente para sul, ao longo da costa.
- Mantenha-o a norte da fronteira até anoitecer – recomendou Shannon ao comandante. - Às nove horas, navegue diagonalmente em direção à costa. Às duas da manhã, devemos estar quatro milhas ao largo e uma milha a norte da península.
- A que horas é arriado e parte para terra o primeiro barco de borracha?
- Às duas. O primeiro será o Dupree e os homens com os morteiros. Os outros dois barcos partem uma hora depois. Entendido?
- Entendido - respondeu Waldenberg. - Eu levo-o até ao ponto indicado. Já estava de posse das instruções referentes às etapas seguintes da operação. Após o início do tiroteio, atravessaria a embocadura do porto, mantendo-se a uma distância de quatro milhas ao largo, e viraria a duas milhas a sul da extremidade da península.

Através do transmissor portátil, se informaria sobre o decorrer do combate. Se não surgissem problemas, se manteria no local até ao nascer do Sol, se, porém, a operação fracassasse, acenderia as luzes do navio para guiar os homens de regresso ao Toscana.
Quando anoiteceu, Shannon começou a organizar a partida das
embarcações de assalto. A primeira a ser lançada borda fora foi a de Dupree.

Semmler e o sul-africano colocaram o pesado motor de popa na posição devida, parafusaram-no firmemente e cobriram-no com o silenciador.
Semmler subiu de novo para o Toscana e desceu para o barco de borracha o equipamento, que Janni recebeu: os Pratos-base e os aparelhos de pontaria dos dois morteiros, os dois morteiros e sessenta granadas, todas espoletadas e ativadas. Janni levava ainda os foguetes luminosos e os respectivos canos de lançamento, uma sereia de nevoeiro acionada a gás e um transmissor portátil, além da Schmeisser que lhe pendia a tiracolo. Em seguida, os africanos que deviam acompanhá-lo, Timothy e Sunday, desceram também pela escada e reuniram-se.
Shannon fitou os três rostos que o olhavam, iluminados pela luz fraca da lanterna elétrica.
- Boa sorte - desejou-lhes em voz baixa.
Como resposta, Dupree levantou o polegar e fez um aceno com a cabeça. Quando o barco de assalto foi arrastado até à popa do Toscana, Semmler amarrou a sua bossa à balaustrada da ré.

Seguiu-se o barco de borracha de Vlaminck e Semmler, com os seus homens de apoio, Patrick e Jinja. Quando a embarcação ficou flutuando à popa do Toscana, Shannon passou a bossa do barco a Semmler, que a fixou ao seu próprio barco.

A última embarcação conduziria Langarotti e Shannon, além de Johnny, que já trabalhara com o irlandês, e Bartholomew. No momento em que Shannon, que seria o último homem a embarcar, se preparava para descer a escada, Waldenberg surgiu, vindo da ponte.

- Talvez tenhamos um problema - avisou calmamente. - Há um navio ao largo de Clarence, um pouco afastado do nosso.

Shannon ficou petrificado.

- Quando o viu pela primeira vez?

- Há algumas horas - respondeu Waldenberg. - Pensei que navegava para sul, paralelamente à costa, mas dirige-se para ela.

- Tem alguma indicação do tipo de navio ou da sua nacionalidade?

- Tem as dimensões de um cargueiro. Não sei qual a sua nacionalidade.

- Se você o viu, presumivelmente eles também nos viram, não?

- É mais do que provável. Estamos no seu radar.

- O radar poderá captar os barcos de borracha?

- Não é provável - respondeu o comandante. - Estão muito perto da água.

- Vamos em frente - decidiu Shannon. - Agora já é muito

tarde para retroceder. Somos forçados a concluir que se trata de um cargueiro que espera pelo anoitecer.
- Mas vai ouvir o tiroteio - lembrou Waldenberg.
- E que poderá fazer, se ouvir?
- Pouca coisa. Mas se vocês falharem e não estivermos fora daqui antes do nascer do Sol, verá o Toscana com os binóculos.
- Nesse caso, não podemos falhar. Proceda de acordo com o combinado. Waldenberg regressou à ponte. O africano de meia-idade, que assistira em silêncio aos preparativos, aproximou-se e desejou:
- Boa sorte, major. Deus o acompanhe.
- Assim espero - respondeu Shannon, transpondo a amurada.
Na escuridão, o silêncio era total, interrompido apenas pelo bater da água nos cascos de borracha das embarcações. Encontravam-se fora do alcance auditivo de terra e, quando se aproximassem o suficiente para serem ouvidos, já passaria bastante da meia-noite e, com um pouco de sorte, todas as pessoas estariam dormindo.
Às nove horas, o Toscana emitiu um ruído surdo e sob a popa a água começou a redemoinhar; as ondas brancas de espuma fosforescente foram bater contra a proa achatada do barco de assalto de Shannon. Partiram. As cinco horas seguintes passaram como um pesadelo que aumentava gradualmente a tensão experimentada por todos os homens participantes da operação.
O relógio de Shannon assinalava duas horas e cinco minutos quando os motores do Toscana deixaram de

trabalhar. De cima, da amurada, partiu um assobio breve que rasgou as trevas. Era o sinal de Waldenberg para avançarem. O motor do barco de Dupree soltou um ronco e começou a trabalhar. Ao leme do seu barco de assalto, Janni consultou o indicador de velocidade ao mesmo tempo que mantinha a bússola o mais firme possível sob os olhos. Dirigiu-se para o lado exterior da faixa setentrional que descrevia uma curva em torno do porto, onde deveria desembarcar decorrida meia hora. Se os outros lhe concedessem uma hora para instalar os morteiros e os lança-foguetes luminosos, desembarcariam exatamente no momento em que daria por completa essa tarefa. Porém, durante essa hora, Timothy, Sunday e ele estariam absolutamente sós em Zangaro.

Decorridos vinte e dois minutos, Dupree ouviu um psst! abafado, procedente de Timothy, que seguia à proa. Ergueu os olhos da bússola e o que viu fê-lo parar rapidamente. Encontravam-se perto da costa e o luar revelava à sua

frente uma linha mais escura: mangais. Dupree ouviu o murmurar da água que corria por entre as raízes. Alcançara terra a norte do porto.

Virou o barco, mantendo o motor trabalhando a pouca velocidade, e aproou de novo ao mar. Na extremidade da península virou mais uma vez para terra, lentamente. A duzentos metros de distância distinguiu a língua baixa de areia e cascalho que procurava. Desligou o motor e deixou o barco flutuar até tocar no fundo com um roçar suave.

Passou as pernas sobre a proa e ficou à escuta. Quando

se certificou de que não haviam sido notados, retirou um espigão do cinto, cravou-o no cascalho e amarrou-lhe o cabo do barco. Depois correu em direção ao cabeço que se erguia à sua frente, cujo topo se elevava a cerca de cinco metros acima do nível do mar.

À sua esquerda a língua de terra alargava-se, perdendo-se na escuridão. À sua frente estendia-se o espelho calmo do porto abrigado. A língua de terra terminava à direita, a cerca de dez metros.

Silenciosamente, Dupree e os dois africanos descarregaram e montaram o equipamento. O morteiro principal devia ficar no extremo da língua de terra. Se os cálculos de Shannon estivessem corretos - do que Janni não duvidava -, a distância do local onde se encontravam ao centro do pátio do palácio seria de setecentos metros. Calculou a elevação do primeiro morteiro para poder lançar uma primeira granada de ensaio tão perto quanto possível desse ponto. Instalou o segundo morteiro apontando-o às casernas. Neste caso, a exatidão era menos importante, pois se pretendia apenas disparar ao acaso para criar o pânico e dispersar as tropas. Timothy se encarregaria dessa tarefa.

Instalou os dois morteiros entre os dois lança-foguetes luminosos e introduziu um foguete em cada cano, deixando outros oito ao alcance da mão. Cada foguete luminoso tinha uma duração de vinte segundos, teria de trabalhar depressa para manejar o morteiro, aproveitando os momentos rápidos de iluminação da área-alvo. Sunday lhe passaria as granadas de morteiro da pilha que já

formara ao lado da peça de artilharia. Dupree consultou o relógio: três horas e vinte e dois minutos. Os outros dois barcos deviam estar aproximando-se do porto. Ligou o transmissor portátil e apertou três vezes, com intervalos de um
segundo, o botão comutador.
À distância de uma milha, os olhos de Shannon esforçavam-se por perscrutar as trevas que o envolviam. À esquerda, Semmler, que mantinha a segunda embarcação em ordem de formação, captou o sinal de Dupree e transmitiu-o a Shannon com um rápido assobio.
Dois minutos depois, Shannon distinguiu o clarão breve da lanterna elétrica de Dupree, bastante afastada e à sua direita, pelo que guinou para estibordo, apontando a um objetivo cem metros à direita da luz, onde sabia que encontraria a
entrada do porto.
As duas embarcações com os motores a menos de um quarto da sua
potência e não fazendo mais ruído do que um moscardo, passaram pelo local onde Dupree se encontrava agachado. O sul-africano distinguiu o brilho da sua esteira até que os barcos desapareceram na entrada do porto.
O silêncio continuava a ser total quando os olhos atentos de Shannon distinguiram os contornos do armazém recortados contra o céu. O irlandês virou para estibordo e varou na praia de pescadores entre canoas e redes de pesca. Semmler parou a seu lado e ambos os motores emudeceram. Os oito homens permaneceram imóveis

durante alguns minutos, temendo um sinal de alarme que não se verificou. Shannon e Semmler desembarcaram, cravaram os espigões na areia e amarraram os barcos. Os outros desembarcaram também. Com um “Vamos!” em voz abafada, Shannon começou a subir a encosta que conduzia ao terreno de duzentos metros que separava o porto do palácio adormecido. Os oito homens subiram a encosta correndo, encolhidos, e desembocaram no alto plano. Passava das três e meia e o palácio encontrava-se totalmente imerso em escuridão. Shannon sabia que à sua frente se estendia a estrada da costa, em cujo cruzamento se encontrariam pelo menos dois guardas do palácio. Calculava que não conseguiria liquidar ambos em silêncio e que, após o início do tiroteio teriam de percorrer de rastros os últimos cem metros.

Na língua de areia, Janni Dupree aguardava o tiro que lhe daria o sinal para entrar em ação - o primeiro tiro, fosse quem fosse que o disparasse. Shannon e Langarotti, que se adiantaram aos outros seis, foram os primeiros a chegar ao cruzamento. Os seus rostos, pintados com uma tinta sépia já estavam sulcados de suor. Shannon distinguiu a linha do telhado recortada no céu, mas só reparou nos guardas quando tropeçou num deles, deitado no chão, que ressonava.

Enquanto Shannon retomava o equilíbrio, o guarda vindu ergueu-se de um salto e deu um grito de surpresa, que despertou o seu companheiro, o qual se levantou também por entre a erva alta, soltou uma espécie de gorgolejo quando a faca do corso lhe cortou a garganta e

caiu de novo, sufocado pelo próprio sangue.
Shannon atingiu com a sua faca o ombro do outro soldado, que soltou novo grito e começou a fugir.
Não foi possível saber quem disparou primeiro. Um tiro ao acaso, disparado do portão do palácio, e a rajada de meio segundo disparada por Shannon, que cortou o fugitivo ao meio, confundiram-se. À retaguarda, o céu pareceu explodir numa ofuscante luz branca. Num vislumbre, Shannon distinguiu o palácio, em cujo portão se encontravam dois vultos, e teve a sensação de que os seus homens se desdobravam em leque, à sua esquerda e à sua direita. No momento seguinte, encontravam-se todos de bruços na erva alta e avançavam rastejando. Quando o primeiro foguete luminoso se elevou com um silvo nos ares, Janni Dupree introduziu a granada no cano do morteiro. O estampido desta, ao iniciar a sua trajetória parabólica em direção ao palácio, coincidiu com o rebentar
do foguete. De olhos semicerrados devido à intensidade da luz, o sul-africano esperou a queda do projétil, que atingiu a cornija direita da frente do telhado do
palácio, fazendo voar as telhas. Dupree fez girar para a esquerda a manivela de direção e introduziu a segunda granada, precisamente quando o primeiro foguete luminoso se apagava. O segundo foguete desfez-se em luz sobre o palácio e, quatro segundos depois, a segunda granada caía, desta vez exatamente sobre a porta principal.
Dupree ajustou um pouco a boca do cano do morteiro. A

terceira granada passou sobre o telhado do palácio e caiu no pátio, nos fundos. Durante uma fração de segundo, Dupree contemplou o clarão. Sabia que conseguira obter a direção e a distância exatas. Agora não haveria mais tiros curtos que pusessem em perigo os seus próprios homens.

Entre a segunda e a terceira explosões, Shannon ouviu gritos vindos do interior da fortaleza. Foram os únicos sons emitidos pelos defensores antes do fragor das explosões abafar os outros ruídos.

Quando o fogo principal de Janni começou a atingir o palácio, deixaram de ser necessários os foguetes luminosos. A explosão das granadas de morteiro no pátio lajeado dos fundos do palácio fazia irromper, de dois em dois segundos, fulgurantes chamas vermelhas.

Marc Vlaminck era o único dos oito homens que tinha o que fazer. Encontrava-se à esquerda dos companheiros, quase exatamente defronte do portão principal. De pé, voltado para o palácio, apontou com cuidado e disparou a primeira granada de bazuca. Uma língua de chamas de seis metros jorrou da parte posterior do cano, enquanto o projétil percorria velozmente o seu trajeto, acabando por explodir na parte superior direita da porta dupla, arrancando um gonzo da parede e abrindo na madeira um quadrado com um metro de lado. De joelhos a seu lado, Patrick passava-lhe os projéteis. A segunda granada explodiu no arco sobre a porta e a terceira atingiu a fechadura central. As portas

oscilaram e ruíram, revelando uma fornalha ardente para lá

da arcada, que, aparentemente constituía um acesso interno ao pátio das traseiras. Quando o fogo de Dupree cessou, Shannon ergueu-se e gritou: “Vamos”! Disparava enquanto

corria e sentia, mais do que via, a presença de Langarotti à sua esquerda e a aproximação de Semmler à sua direita. Além do portão, o espetáculo era aterrorizador.

Os primeiros disparos de Dupree, para regulagem de tiro, tinham atraído os guardas de Kimba para o exterior das suas cubatas e os seguintes haviam-nos surpreendido no centro da zona lajeada, onde se amontoavam agora os corpos dos mortos e moribundos. Dois caminhões militares e três automóveis civis entre

os quais o Mercedes presidencial - estavam desfeitos contra uma parede. A direita e à esquerda havia escadas de acesso aos andares superiores. Sem esperar ordens, Semmler dirigiu-se para a da direita e Langarotti para a esquerda. Em breve se ouviam as rajadas das Schmeissers com que os dois mercenários varriam o andar de cima.

Shannon gritou aos africanos que ocupassem o térreo sabendo que não era necessário adverti-los de que disparassem sobre o que quer que se movesse. Lenta e cautelosamente, Shannon avançou pela arcada que conduzia ao pátio dos fundos, de onde poderia partir uma contra-ofensiva, em caso de se verificar alguma resistência. De súbito, surgiu à sua esquerda um homem empunhando uma espingarda, que se precipitou, gritando,

na sua direção. Shannon rodou sobre os calcanhares, disparou e o homem dobrou-se, caindo num charco de sangue. O sangue e o medo dominavam todo o palácio.
Ouviu passos atrás de si e virou-se no momento em que um homem saía de uma das portas laterais. Ambos se viram simultaneamente e o homem disparou. Shannon sentiu o sopro quente da bala passar-lhe rente à face. Um segundo depois disparou, mas o inimigo era ágil e lançou-se ao chão, rolou e ergueu-se, preparado para disparar novamente. Shannon, que esvaziara o carregador da Schmeisser com os cinco tiros que disparara e que haviam passado sobre o corpo do adversário quando este se lançara ao chão, protegeu-se por trás de uma coluna para carregar a arma; quando surgiu de novo, disparando, o homem desaparecera.
Só então teve consciência de que o indivíduo, nu da cintura para cima e sem sapatos, não era africano. Praguejou e retrocedeu, correndo, para o portão principal, mas era muito tarde.
Ao mesmo tempo que o fugitivo saía correndo do palácio em ruínas, o Pequeno Marc encaminhava-se para a arcada, segurando a bazuca com ambas as mãos. Sem parar de correr, o homem disparou dois tiros rápidos. Mais tarde, a arma foi encontrada por entre a erva solta: era uma Makarov de 9 mm. Os tiros acertaram o peito do belga e uma das balas atravessou-lhe um pulmão. Quando o desconhecido passou junto de Marc tentando escapar da zona iluminada pelos foguetes luminosos que Dupree continuava lançando, Shannon viu Vlaminck, movendo-se

como que em câmara lenta, levantar a bazuca, apontar e disparar.
Não é freqüente ver um projétil de tais dimensões atingir um homem no fundo das costas. Quando o procuraram, encontraram apenas alguns fragmentos do tecido das suas calças.
Shannon, que foi forçado a atirar-se por terra para evitar o jato de chamas que irrompeu da parte traseira da bazuca quando o Pequeno Marc disparou o seu último tiro, encontrava-se ainda na mesma posição quando, a oito metros de

distância, o enorme belga caiu de bruços, de braços abertos, sobre a terra dura em frente do portão.
JANNI Dupree endireitou-se, depois de lançar o último foguete luminoso, e gritou a Sunday que permanecesse de guarda aos morteiros e ao barco. Depois, fazendo sinal a Timothy para segui-lo, começou a correr pela língua de terra, na direção de Clarence.
Ainda lhe restava a missão de silenciar as casernas do Exército. Decorridos dez minutos, alcançavam a estrada que atravessava a extremidade da península. Janni sabia que nesse ponto aquela descrevia uma curva para a esquerda antes das casernas.
O perigo encontrava-se exatamente nessa curva. Destroçado pelas granadas de morteiro de Timothy, o exército de Kimba fugira, mergulhando nas trevas. Cerca de uma dúzia de homens, porém, reagrupara-se na escuridão e encontrava-se agora na orla da estrada. Quando os viram, Dupree e Timothy encontravam-se já

muito próximo deles.
O grupo era composto por dez homens completamente nus, sem dúvida arrancados do sono, e por outros dois vestidos e armados, que na altura do ataque se encontravam de sentinela, um dos quais segurava uma granada de mão.
Ao ver os soldados, Dupree gritou: “Fogo!”, e disparou. Quatro foram abatidos pela rajada de balas da Schmeisser. Os outros fugiram, perseguidos pelos tiros de Janni, que abateram mais dois; um deles, porém, voltou-se enquanto corria e arremessou o objeto que segurava na mão; era o seu orgulho e sempre desejara arremessá-lo.
A granada elevou-se no ar e ao cair atingiu Timothy no peito. O veterano africano agarrou o projétil que o derrubara e, sentado no chão, identificou-o, verificando que o inexperiente soldado que lançara a granada se esquecera de lhe retirar a cavilha. Timothy ergueu-se, puxou a cavilha e arremessou o engenho com toda a sua força na direção dos soldados vindos em fuga. Este, porém bateu contra uma árvore e caiu no solo. Nesse momento, Janni Dupree lançou-se em perseguição do grupo. Timothy gritou-lhe uma advertência, mas Dupree continuou correndo, sem deixar de disparar. Encontrava-se a dois metros da granada quando esta explodiu.
Quando recuperou os sentidos, jazia na estrada e percebeu que havia alguém ajoelhado a seu lado que lhe amparava a cabeça. Experimentava uma agradável sensação de sonolência. Ouviu uma voz murmurar algumas palavras, insistente e ansiosamente, cujo sentido

não apreendeu: “Perdoe-me, Janni, perdoe-me, perdoe-me ...”
Viu a Lua, resplandecente como uma pérola gigantesca, semelhante à rocha de Paarl depois de uma chuva, na sua terra. Era bom estar de novo em casa. Fechou os olhos e morreu.
Às cinco e meia, a claridade que se filtrava através das nuvens, além do horizonte, permitiu aos homens que se encontravam no palácio apagar as lanternas elétricas.

O corpo de Vlaminck jazia numa sala do térreo. A seu lado descansavam Dupree, transportado por Timothy, e Johnny, que fora provavelmente atingido pelos tiros da Makarov disparados pelo guarda-costas branco.
Semmler chamou Shannon ao andar superior para lhe mostrar o homem, que abatera quando este tentava fugir pela janela.
- É ele - disse Shannon. - É Kimba.
Shannon utilizou os serviços dos seis sobreviventes do pessoal doméstico, que retiraram os cadáveres para o pátio dos fundos. Mandou pendurar um grande tapete na entrada destroçada, para ocultar o sinistro espetáculo. Às cinco horas, Semmler regressara ao Toscana num dos barcos de borracha, rebocando os outros dois. Às seis e meia, estava de volta com o Dr. Okoye e os barcos carregados com provisões, as restantes Schmeissers e cerca de uma tonelada de munições.
Às seis horas, obedecendo a instruções de Shannon, Waldenberg
começara a transmitir pela rádio três palavras, na

frequência combinada com Endean: “Papira”, “mandioca" e “manga”. A mensagem significava que a operação se desenrolara como fora planejado, fora coroada de êxito e Kimba estava morto. Quando o Dr. Okoye percebeu a carnificina ocorrida no palácio, soltou um suspiro e comentou:

- Suponho que era necessário.

- Era - afirmou Shannon, e pediu a Okoye que iniciasse a tarefa que lhe fora destinada.

Às nove horas, o processo de limpeza do pátio estava quase terminado. Sepultariam os vindus logo que chegassem mais homens. Dois dos barcos de borracha estavam de novo a bordo do Toscana; o outro se encontrava oculto numa enseada próxima. Todos os vestígios de morteiros e lança-foguetes luminosos haviam sido removidos da língua de terra. O resto do material fora levado para o interior do palácio, onde, além da porta destruída e de três janelas
partidas, nada revelava a agressão sofrida.

As dez horas, Semmler e Langarotti reuniram-se a Shannon na sala de jantar do primeiro andar e comunicaram o resultado das suas pesquisas. O transmissor conservava-se intacto; o tesouro encontrava-se num cofre na garagem; o arsenal continha armas e munições em abundância.

- E agora? - perguntou Semmler.

- Agora esperamos - respondeu-lhe Shannon, pensando em Janni Dupree, no Pequeno Marc e em Johnny.

- Esperamos o quê? - indagou Langarotti, enquanto afiava

lentamente a lâmina da faca na tira de couro presa à volta do pulso.
- Esperamos o novo governo - respondeu Shannon.
Pouco depois da uma hora da tarde, chegou uma caminhoneta de uma tonelada que transportava Simon Endean, e era conduzida por um gigantesco homem do East-End londrino, de nome Ernie Locke a quem haviam pago generosamente para proteger Endean.
Encolhido sob a lona da retaguarda, viajava Bobi, que, evidentemente, não ascendera ao posto de coronel devido à sua coragem pessoal. Foi ainda preciso convencê-lo de que Kimba estava morto.

Debruçado à janela, Shannon viu Endean descer do caminhão, olhar com desconfiança para o tapete que cobria a entrada e observar os oito guardas negros em posição de sentido diante do portão.
- Correu tudo bem? - perguntou para cima.
- Perfeitamente - respondeu-lhe Shannon. - Mas não fique aí se expondo. Ainda ninguém se mexeu, mas é provável que não tardem a disparar. Endean conduziu Bobi e Locke ao andar superior e pediu a Shannon um relatório da batalha. Como resposta, Shannon levou-o à janela da retaguarda e apontou para o pátio, onde zumbiam milhares de moscas. Endean olhou para fora e recuou.
- E o Exército?
- Vinte morreram e os outros fugiram. As suas armas e o arsenal do presidente encontram-se aqui, na garagem, sob vigilância. A estação de rádio nacional está intacta.
Endean acenou com a cabeça, satisfeito.

- Nesse caso, falta apenas que o novo presidente anuncie o êxito do seu golpe e a formação de um novo governo. A propósito, deixe-me apresentá-lo - acrescentou, indicando com um gesto o coronel zangarense, que sorria agora francamente. - Ex-comandante do Exército Zangarense e, perante o Mundo, autor triunfante de um golpe de Estado: coronel Antoine Bobi.
Shannon inclinou a cabeça.
- Talvez o presidente queira ver o gabinete presidencial - disse, dirigindo-se para uma porta ao fundo da sala, enquanto Endean traduzia as suas palavras. Bobi acenou afirmativamente, atravessou, com passos pesados, a sala e transpôs a porta, seguido por Shannon. Esta se fechou atrás deles e ouviu-se o estampido de um tiro. Quando Shannon reapareceu, Endean fitou-o e perguntou desnecessariamente:
- Que foi aquilo?
- Um tiro.
Endean ergueu-se de um salto, atravessou o aposento e deteve-se à entrada do gabinete, cuja porta ficara aberta. Virou-se com o rosto cor de cinza.
- Você o matou - murmurou. - Depois de todo este maldito trabalho, você o matou. Você é doido, Shannon, é doido, seu mercenário idiota!
Shannon recostou-se na cadeira. Pelo canto do olho, viu Locke introduzir a mão sob a camisa. O segundo estampido pareceu ainda mais forte a Endean, pois soou mais perto. Ernie Locke deu uma reviravolta e estatelou-se no solo. Estava morto. Shannon retirou a mão debaixo da

mesa e pousou sobre esta a automática Makarov de cujo cano saía uma pequena nuvem de fumaça azulada.
Os ombros de Endean pareciam descair, como se o conhecimento da fatalidade da perda da sua fortuna pessoal se agravasse com a súbita descoberta de que Shannon era o homem mais perigoso que conhecera.
Semmler surgiu à porta do gabinete e Langarotti avançou tranqüilamente pelo corredor. Empunhavam ambos as Schmeissers. Shannon levantou-se e ordenou:
- Venha. Vou conduzi-lo à fronteira. A partir de lá, pode seguir a pé. No corredor encontraram um africano de meia-idade em traje civil.
- Está tudo correndo bem, doutor? - perguntou-lhe Shannon.
- Sim, por enquanto. Os meus compatriotas vão enviar cem voluntários para terminar a limpeza. Esta tarde chegam mais cinqüenta soldados. Sete notáveis zangarenses concordaram a prestar a sua colaboração.
- Excelente. Talvez seja conveniente arranjar tempo para transmitir o primeiro comunicado. Peça a Semmler que o ajude a manejar o rádio.
- Acabo de falar com Semmler - respondeu o doutor. – Ele esteve em contato com o Toscana, através do transmissor portátil. O comandante Waldenberg comunica que se encontra ao largo um navio que está tentando contactar com as autoridades do porto de Clarence a fim de lhes pedir autorização
para entrar.
- Identificaram-nos? - perguntou Shannon.

- O navio identifica-se como sendo o cargueiro soviético Komarov.
- Diga a Mr. Semmler que se apodere imediatamente do rádio do porto e que responda ao Komarov: “Autorização recusada. Permanentemente. O veículo que trouxera Endean encontrava-se no pátio. Encolhidos na sua traseira, viam-se três soldados africanos segurando pistolas-metralhadoras. Outros vinte, completamente uniformizados e equipados, estavam em forma no exterior do palácio. Shannon ocupou pessoalmente o lugar do motorista.
- Quem era aquele homem? - perguntou Endean com azedume, ao
passarem velozmente pelo bairro de lata dos trabalhadores imigrantes, onde parecia reinar grande alvoroço e atividade. Nos cruzamentos viam-se soldados bem equipados, munidos de Schmeissers.
- É o Dr. Okoye - respondeu Shannon. - Doutorado em Filosofia por Oxford.
- Muito bem - comentou Endean após um longo silêncio. - Você arruinou um dos mais importantes golpes jamais tentados. Só gostaria de saber uma coisa: porquê? Porquê, em nome de Deus?
- Cometeu dois erros, Endean - respondeu Shannon. Endean estremeceu ao ouvi-lo pronunciar o seu verdadeiro nome. – Você pensou que, como sou mercenário, sou estúpido. Parece nunca lhe ter ocorrido que você também é mercenário, assim como Sir James Manson. O seu segundo erro foi julgar que todos os negros

são iguais.
- Não o compreendo.
- Você realizou investigações sobre Zangaro e até ficou sabendo da existência de milhares de trabalhadores imigrantes que virtualmente mantinham o país funcionando. Esses trabalhadores constituem uma comunidade própria, a mais inteligente e ativa do país. Se lhes for dada uma pequena oportunidade, poderão desempenhar um papel na vida política da nação. Você não percebeu esse fato. Tão pouco percebeu que o novo Exército de Zangaro podia ser recrutado entre eles, em vez de ser constituído por vindus ou cajas. De fato, é isso
mesmo que acaba de acontecer. Dentro de cinco dias, haverá mais de quatrocentos novos soldados em Clarence, sem treino, evidentemente, mas com a eficiência bastante para fazerem respeitar a lei e a ordem. A partir de agora, serão
eles o verdadeiro poder neste país. A noite passada houve um golpe de Estado, sem dúvida, mas não em nome do coronel Bobi.
- Em nome de quem, então?
- Do general que o Dr. Okoye representa.
- Qual general?
Shannon pronunciou um nome e Endean fitou-o, boquiaberto e horrorizado.
- Ele, não! Foi derrotado e exilado.
- Temporariamente. Não para a eternidade. Os trabalhadores imigrantes fazem parte do seu povo, são conhecidos como os judeus da África. Existe um milhão e

meio deles espalhados por este continente.
- Esse grande escroque idealista e estúpido ...
- Cuidado - advertiu-o Shannon. - Levamos três soldados dele conosco e todos falam inglês.

Endean virou-se para trás e olhou para os três rostos negros e impassíveis emoldurados pelos canos das Schmeissers.
- Que vai acontecer agora? - perguntou.
- Assume o poder o Comitê de Reconciliação Nacional, constituído por quatro membros vindus quatro cajas e dois representantes da comunidade de imigrantes. Mas o Exército será formado por homens como esses que vão atrás de si. E este país será a base a partir da qual poderão, no futuro vingar o que foi
feito ao seu povo. Talvez o general venha morar aqui.
- Espera conseguir tudo isso?
- Você esperava conseguir impor como governante aquele macaco idiota do Bobi. Pelo menos o novo governo será moderadamente justo. Sem dúvida que acabarão por encontrar o depósito de minério ou o que quer que fosse que vocês pretendiam, que, sem dúvida também, será explorado. Mas se vocês o quiserem, terão de pagar um preço justo.
Ultrapassada a curva, surgiu à vista o posto fronteiriço. Shannon parou e disse:
- Pode fazer o resto do caminho a pé.
Endean desceu e olhou para Shannon com indisfarçável ódio.
- Ainda não explicou porquê.

Shannon olhou fixamente para a estrada que se estendia à sua frente e respondeu:

- Durante quase dois anos vi morrer de fome entre meio milhão e um milhão de crianças. Isso acontecia para que pessoas como você e Manson pudessem aumentar os seus lucros e fazia-se em nome da lei e da ordem. Posso ser um homem de guerra, um assassino, mas não sou um sádico sanguinário. Descobri à minha custa como e porquê se faziam essas coisas e quem eram os homens que agiam nos bastidores. Oportunistas como o seu querido Manson. Por isso fiz o que fiz. Diga-o ao Manson quando regressar. Gostaria de ser eu a dizer pessoalmente. Agora vá embora.

Depois de percorrer dez metros, Endean virou-se para trás e gritou:

- Nunca mais volte a Londres, Shannon. Lá sabemos lidar com pessoas como você.

- Não volto - respondeu Shannon, e acrescentou baixinho: - Nunca mais voltarei.

EPÍLOGO

O novo governo assumira o poder e, até ao momento, havia atuado com justiça e humanidade. Os jornais europeus limitaram-se a mencionar o golpe. Apenas Le Monde publicou uma breve notícia segundo a qual unidades dissidentes do Exército Zangarense haviam derrubado o presidente na véspera do Dia da Independência.

Janni Dupree e Marc Vlaminck foram enterrados na língua de terra à sombra das palmeiras, onde sopram os ventos

do golfo, em sepulturas que, a pedido de Shannon, não ostentavam qualquer inscrição. Johnny foi levado pelos seus compatriotas, que o choraram à sua maneira.
Simon Endean e Sir James Manson guardaram silêncio. Na realidade, nada podiam declarar publicamente.
Shannon deu a Jean-Baptiste Langarotti as cinco mil libras em dinheiro que lhe restavam do orçamento da operação, e o corso regressou à Europa. Ao despedir-se de Shannon, na praia, afirmou:
- De fato, não é por dinheiro. Nunca foi por dinheiro.
Poucos meses depois, encontrava-se de novo em África, treinando guerrilheiros de outra guerra civil.
Shannon escreveu cartas ao Signor Ponti, de Gênova, em nome de Keith Brown, ordenando-lhe que repartisse entre o comandante Waldenberg e Semmler as ações ao portador referentes à propriedade do Toscana, decorrido um ano, Semmler, de novo saudoso da vida de soldado, vendeu as suas ações a Waldenberg. Morreu no Sul do Sudão, ao colocar uma mina.
O último ato de Shannon foi ordenar ao seu banco suíço a transferência de cinco mil libras para crédito dos pais de Janni Dupree, em Paarl, na província do
Cabo, e igual importância para crédito de uma mulher chamada Anna, que dirigia um bar na Kleinstraat, de Ostende.
Morreu um mês depois do golpe, do modo como afirmara a Julie Manson que desejaria morrer: com uma arma na mão, sangue na boca e uma bala no peito. A sua própria arma e a sua própria bala.

Não foi o combate que o aniquilou, mas a pequena verruga negra que tinha na nuca. O Dr. Dunois, em Paris, avisara-o: viveria menos de seis meses se realizasse esforços, o último dos quais seria de sofrimento. Assim, quando julgou
chegado o momento, internou-se sozinho na selva, com a pistola e um envelope que continha documentos datilografados endereçado a um amigo de Londres. Segundo declararam os nativos que o viram penetrar na selva e mais tarde trouxeram o seu corpo para sepultar, ia assobiando uma melodia que desconheciam. Era a Spanish Harlem.

QUER se trate de pegar touros em Espanha, pilotar bombardeiros da RAF ou visitar os locais mais remotos do Mundo como correspondente estrangeiro, Frederick Forsyth imprime uma intensidade apaixonada a tudo quanto faz. Aventureiro nato, o jornalista britânico tornou-se romancista e visitou mais de quarenta países. Atualmente, Forsyth é um notável mestre da ficção, tão engenhosamente entretecida com a realidade que cada um dos seus livros parece descrever uma nova experiência pessoal.

Os dois primeiros livros de Forsyth, Chacal e Odessa, resultaram de experiências que o escritor viveu e de conhecimentos que adquiriu como repórter da Agência Reuter em Paris e Berlim.

Os Cães da Guerra resultaram dos dezoito meses que passou na África, fazendo a cobertura jornalística da Guerra do Biafra e da Nigéria, onde conheceu alguns

mercenários, nomeadamente os lendários Schramme e Hoare, em cuja personalidade baseou a figura de Cat Shannon.
Forsyth escreve romances num tempo record. Em Junho de 1973, um mês de isolamento auto imposto, escreveu a presente obra.
Obviamente, procedera antes a investigações que o ocuparam durante semanas, procurando Forsyth documentar-se, segundo ele próprio afirma, “mais junto de pessoas do que em arquivos”. A sua formação jornalística proporcionoulhe
uma imensa riqueza de contatos e uma chave para a descoberta de operações clandestinas e organizações secretas. “Também me deu”, como diz, “o treino necessário para trazer à luz fatos que algumas das autoridades interessadas prefeririam manter ocultos. Ensinou-me ainda a conseguir fazer falar as pessoas e
a selecionar a informação”.
O autor e a mulher, Carrie, de origem irlandesa, vivem na sua casa perto de Valência, Espanha. Quanto a planos para o futuro, Forsyth reconhece que o regresso ao jornalismo ativo, o adversário dos seus romances, o atrai fortemente.
FIM DO LIVRO